



Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Letras e Ciências Humanas
Programa de Pós – graduação em História
Mestrado em História Social da Cultura Regional

Paulo Julião da Silva

Protestantes no embate anticomunista em Pernambuco (1945-1964)

Recife, Fevereiro de 2010.

Paulo Julião da Silva

Protestantes no embate anticomunista em Pernambuco (1945-1964)

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Gilvando Sá Leitão Rios

Recife, Fevereiro de 2010.

Ficha catalográfica

S586p

Silva, Paulo Julião da
Protestantes no embate anticomunista em Pernambuco
(1945-1964) / Paulo Julião da Silva. -- 2010.
133 f. : il.

Orientador: Gilvando Sá leitão Rios.
Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura
Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de Letras e Ciências Humanas, Recife, 2010.
Referências.

1. Protestantismo – Pernambuco 2. Anticomunismo
I. Silva, Paulo Julião da, orientador II. Título

CDD 280.4098134

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA
REGIONAL


PROTESTANTES NO EMBATE ANTICOMUNISTA EM PERNAMBUCO
(1945-1964)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR

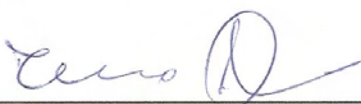
PAULO JULIÃO DA SILVA

APROVADA EM 25/ 02/ 2009


BANCA EXAMINADORA



Profº Drº Gilvando Sá Leitão Rios
Orientador – Programa de Pós-Graduação em História - UFRPE



Profº Drº Paulo Donizéti Siepierski
Programa de Pós-Graduação em História – UFRPE



Profº Drª Sylvana Maria Brandão de Aguiar
Programa de Pós-Graduação em História– UFPE

Dedico este trabalho a minha família que é o que tenho de mais importante na minha vida: Antonia Josefa da Silva (minha mãe); Fabio Julião da Silva e Maria Helena da Silva (meus irmãos).

AGRADECIMENTOS

Um dos momentos mais importantes da construção de uma dissertação é o de reconhecer que ela não poderia ter sido feita sem a ajuda de outros. Daí a importância de agradecer por todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a elaboração deste trabalho que é mais um importante passo na minha jornada acadêmica, da qual pretendo continuar até onde Deus permitir.

Por quem começar agradecendo é outra tarefa difícil, já que muitos foram importantes nesta caminhada. Inicio agradecendo a Deus por ter me dado a vida, a oportunidade de ter chegado num mestrado e por ter me capacitado para a elaboração deste trabalho;

A Antonia Josefa da Silva (minha mãe) e Fabio Julião da Silva (meu irmão), por ter intercedido a Deus por mim e pela força e paciência quando por muitas vezes não pude atender alguns pedidos por estar estudando;

A Suelen Wanderley de Oliveira, por me apoiar nos momentos complicados e pela revisão textual deste trabalho;

Aos colegas mestrandos Carlos André e Mário Ribeiro, que durante estes dois anos me deram um grande apoio para a elaboração da dissertação.

Ao Prof.: Dr. Gilvando Sá Leitão Rios, meu orientador, que foi o braço direito nesta etapa da minha caminhada acadêmica;

A coordenação do mestrado na pessoa do Prof.: Dr. Wellington Barbosa e da Prof^a Dr^a. Ana Nascimento, da secretária Alexsandra Barbosa e do estagiário Paulo Felipe;

Aos professores que ministraram disciplinas tão importantes para o amadurecimento do meu projeto: Prof^a.: Dr^a Maria das Graças Ataíde de Almeida; Prof^a.: Dr^a Suely Creusa Cordeiro de Almeida; Prof^a.: Dr^a Vicentina Ramires; Prof^a.: Dr^a Giselda Brito Silva e o Prof.: Dr. Gilvando Sá Leitão Rios;

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por ter financiado meu curso, que foi de grande importância para o bom desenvolvimento do mesmo.

A banca de avaliação composta além do meu orientador, pelos professores: Dr. Paulo Donizéti Siepierski e Dr^a Sylvana Maria Brandão de Aguiar (titulares); Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral e Dr^a Giselda Brito Silva (suplentes);

Ao Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, ao Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil e ao Seminário Presbiteriano do Norte, por terem aberto as portas para parte de minha pesquisa acadêmica;

Ao pastor e Prof.: José Roberto que contribuiu com a indicação de alguns livros que muito me ajudaram na elaboração do trabalho.

A todos os que se dispuseram a me conceder entrevistas que abrilhantaram meu texto: o diácono José Edson, a professora Milsede Barros, o pastor Ademar Paegle e a Cássia Rosa dos Santos;

Por fim, a Igreja Batista em Campo Grande, minha comunidade de fé que também esteve intercedendo a Deus para que tudo ocorresse bem, como de fato ocorreu.

Paulo Julião.

“Antes não saber nada do que saber muitas coisas pela metade! Antes ser louco por seu próprio critério, que sábio segundo a opinião dos outros! Eu por mim, vou ao fundo”.

*(Friedrich Nietzsche, **Assim Falou Zaratustra**)*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as razões que levaram os protestantes a discursarem para os fiéis em Pernambuco contra o comunismo em meados do século passado e, conseqüentemente, apoiar o Golpe Militar que ocorreu no ano de 1964. Mesmo com o discurso anticomunista não sendo aceito por todos aqueles que faziam parte das igrejas evangélicas, a perseguição à ideologia marxista foi uma constante por ser considerada *atéia*, *materialista*, contra os *princípios bíblicos e democráticos*. Trabalhamos no sentido de perceber como o discurso religioso e o poder simbólico podem influenciar o comportamento de um grupo ou mesmo de uma sociedade, e para isso nos foram úteis alguns teóricos como Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Peter L. Berger, que nos ajudaram a compreender os *esforços* dos líderes evangélicos em *atacar* o marxismo e aqueles que não aceitassem suas concepções políticas. Pesquisamos em arquivos de seminários protestantes localizados no Recife bem como no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Também nos foram de suma importância algumas entrevistas realizadas ao longo da pesquisa, que nos ajudaram na compreensão e análise do nosso objeto. Pôde-se verificar que os *crentes*, que muitas vezes em seus discursos se mostram apolíticos por declararem a política como uma prática *pagã*, foram ativos e incisivos quando o assunto era a perseguição a qualquer movimento de esquerda, que genericamente era chamado pelos evangélicos de comunistas, não importando se de fato o eram. Para tal o uso de diversos termos pejorativos foram usados no sentido de afastar os crentes dos *vermelhos de Moscou*. Acreditamos que esta dissertação será uma importante contribuição para a historiografia social e religiosa, estimulando o trabalho de pesquisa e o conhecimento científico na área das ciências humanas e sociais.

Palavras-chave: Protestantismo; Anticomunismo; Pernambuco.

ABSTRACT

This work aims to analyze the reasons why the Protestants in Pernambuco make speeches against communism in the middle of last century and, therefore, support the military coup that occurred in 1964. Even with the anti-communist speech not being accepted by those who were part of the evangelical churches, the persecution of the Marxist ideology was a constant because it is considered an atheist, materialist, against biblical principles and democratic. We work to understand how religious discourse and symbolic power can influence the behavior of a group or even a society, for that we were working some theorists like Michel Foucault, Pierre Bourdieu and Peter L. Berger, who helped us to understand the efforts of evangelicals to attack Marxism and those who did not accept his political views. Searched files in Protestant seminaries located in Recife and the State Public File Jordão Emereciano. We also have some very important interviews conducted throughout the research, which helped us in understanding and analysis of our object. You can check that the believers, often in his speeches declare themselves apolitical in declaring the policy as a pagan practice were active and insightful when it came to the persecution of any leftist movement, which was generally called by the gospel of Communists , no matter if it was in fact or not. To this end the use of several derogatory terms were used to remove the believers Reds Moscow. We believe that this work will be an important contribution to the historiography of social and religious, stimulating the research work and scientific knowledge in the field of humanities and social sciences.

Keywords: Protestantism; anticommunism; Pernambuco.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1: Igreja Batista em Agenskalna na Latvia (Igreja fechada: govêrno soviético. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 04 jan. 1962. p. 3).

Foto 2: Edifício Ginsburg, onde funciona a administração do STBNB (OLIVEIRA; ANDRÉ (Org), 1964. p. 122).

Foto 3: Edifício da Administração do Colégio Americano Batista (OLIVEIRA; ANDRÉ (Org), 1964. p. 137).

Foto 4: Encontro dos líderes da Campanha Nacional de Evangelismo com o Presidente Castelo Branco em agosto de 1964 (A grande campanha visita os Três Poderes da República. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 23 ago. 1964. p. 1).

Foto 5: Concentração da banda de música batista na Avenida Dantas Barreto (multidão aplaudiu desfile do “Dia da Pátria”. **Diario de Pernambuco**. Recife. 09 set. 1964. p. 03. (Primeiro Caderno)).

SUMÁRIO

Introdução	14
Capítulo 1: Notas para o estudo das religiões, das religiosidades protestantes e da construção do discurso religioso	19
1.1 – Religião: (<i>nem</i>)sempre ligando o homem às divindades	21
1.2 – A construção do discurso religioso e a crise nas estruturas de plausibilidades	30
1.3 – O protestantismo: entre as teodicéias em Weber e as crises teológicas em Berger	39
Capítulo 2: “É Tempo de desmascarar o embuste comunista” – os protestantes em campanha contra o comunismo	47
2.1 – A luta da <i>luz</i> contra as <i>trevas</i> - o combate dos <i>crentes</i> à ideologia comunista	49
2.2 – Metade do mundo <i>jaz no maligno</i> - os discursos contra o comunismo internacional	60
2.3 – A vigilância contra possíveis <i>infiltrações subversivas</i> nas igrejas protestantes	73
Capítulo 3: “E Jesus foi vitorioso. Aleluia... E a resposta a essa batalha do céu foi 31 de março de 1964”	82
3.1 – Os protestantes na tentativa de construir um <i>Discurso Revolucionário</i>	84
3.1.1 – Os discursos e as propostas <i>revolucionárias</i> da Conferência do Nordeste	92
3.2 – “Estamos Iniciando Uma Nova Era na História do Brasil” - O alinhamento protestante ao Golpe Militar	100
3.3 – Controle, perseguição e repressão aos <i>crentes subversivos</i>	113

Considerações Finais122

Fontes e Referências125

Introdução

Fim da Segunda Guerra Mundial. Fim da Era Vargas. Fim da interventoria de Agamenon Magalhães em Pernambuco. Esse era o ano de 1945, que deixara muitas lembranças, tristezas, alegrias, rumores, choros, saudades e incertezas. Em âmbito mundial se encerrava o maior conflito já registrado na História, não por sua durabilidade, mas por sua crueldade, pelas armas utilizadas e pelo saldo de mortes e terror implantados nos poucos anos em que se sucedeu: Segunda Guerra Mundial.

No Brasil, depois de quinze anos de sucessivos golpes para se manter presidente e governar o país num sistema *autoritário e conservador*, Getúlio Vargas deixou o poder, mas, para aqueles que o viam como *pai dos pobres*, ficou a *esperança* e a convicção de que voltaria *nos braços do povo*. Em Pernambuco, Agamenon Magalhães – nomeado por Vargas para interventor do Estado - deixou o Governo depois de oito anos de uma política também *autoritária e conservadora*. Iniciava-se o processo de *redemocratização* no Brasil (ALMEIDA, 2001).

É a partir de 1945 que iniciamos nossas discussões sobre as posições anticomunistas que se deram principalmente entre os protestantes¹ no Estado de Pernambuco. Procuramos analisar e compreender a forma com que esse novo grupo religioso que chegara ao país em meados do século XIX, e se mantinha numa contínua expansão por todo o século XX, contribuiu de forma incisiva para o

¹ Antonio G. Mendonça (1990, p. 16) descreve que “os próprios protestantes nunca aceitaram unanimemente essa auto-identificação; além de preconceituosa, há grupos, como os batistas, que a recusam por razões históricas, afirmando-se anteriores à Reforma”. O termo protestante vem sendo usado segundo o autor “... preferencialmente por historiadores e sociólogos, talvez pela necessidade de um conceito de relativa neutralidade. No entanto, historiadores denominacionais comprometidos diretamente com as Igrejas continuam fiéis à auto-identificação evangélica. A antiga auto-identificação de ‘crente’ está ficando cada vez mais relegada às áreas pentecostais. De fato, os protestantes tradicionais já apresentam, principalmente nas áreas urbanas, acentuado preconceito contra a designação de ‘crentes’; para estes, ‘crentes’ são os pentecostais, categoria inferior de evangélicos, fanáticos e ignorantes. De modo esquemático, quanto a identificação dos atuais cristãos não-católicos no Brasil, a situação é esta: o termo ‘crentes’ identifica pentecostais e protestantes tradicionais em regiões rurais; a designação de ‘evangélicos’ auto-identifica protestantes tradicionais de regiões urbanas e é o preferido dos ‘historiadores’ dessas denominações; o termo ‘protestante’ é utilizado por historiadores, teólogos e sociólogos não necessariamente alinhados com esses grupos”. Para Max Weber (1963) *crentes* são aqueles que não se tornaram protestantes por serem iniciados na religião nacional ou da comunidade pela família ou pela tradição, mas por vontade própria decidiram ingressar no que ele chama de *seitas* protestantes (comunidades protestantes não nacionais que surgiram em sua maioria como dissidência das correntes reformadas). Ao longo do texto, para não nos tornarmos repetitivos, utilizaremos os termos “protestantes”, “evangélicos” e “crentes”, para designar os grupos das Igrejas das quais analisamos as documentações em nossa dissertação (Assembléia de Deus, Batista e Presbiteriana).

combate da ideologia marxista no Brasil e conseqüentemente na sociedade pernambucana.

Pastores, fiéis, líderes leigos eram conclamados a mostrar ao povo pernambucano que *Deus não estaria satisfeito* com a expansão daquilo que poderia impedir o crescimento do *Evangelho de Cristo* no país.

Observando a historiografia sobre as religiões e a política no Brasil, percebemos que a ênfase dada pelos historiadores para a temática, volta-se para o estudo da Igreja Católica. Quando o assunto é a perseguição ao marxismo em meados do século XX, a preocupação recai em mostrar sacerdotes da Igreja Romana, combatendo ou dialogando com a ideologia e por isso perseguidos. Os trabalhos que vemos debatendo a temática com ênfase no protestantismo, são das áreas de Ciência da Religião, Sociologia e Ciência Política, dos quais citamos alguns trabalhos ao longo do texto. Nesse sentido, *Protestantes no embate anticomunista em Pernambuco (1945-1964)*, apresenta-se como pioneiro na historiografia das religiões, na construção de uma abordagem sobre o anticomunismo partindo do grupo religioso que mais se expandiu no país desde a sua chegada: os protestantes.

Como nosso objetivo maior é analisar a ênfase que foi dada ao discurso anticomunista pelos protestantes em Pernambuco (1945 a 1964), usamos como base as observações de Pierre Bourdieu nas suas análises sobre *O Poder Simbólico* e as contribuições desse poder no efeito de sentido que o discurso pode causar nos respectivos receptores. Max Weber nos foi útil para entendermos a formação das igrejas protestantes em seus países de origem e Peter Berger, nos serviu principalmente para compreendermos a estrutura de plausibilidade, que serve de base de sustentação para a aceitação do discurso religioso, principalmente dentro dos *círculos sagrados*. Além disso, categorias da análise do discurso que explicamos ao longo do texto nos foram importantes, no objetivo de entendermos o efeito de sentido que os discursos anticomunistas causavam entre os fiéis.

O interesse pela temática surgiu quando iniciamos nosso trabalho de monografia de conclusão do curso de *Especialização no Ensino de História das Artes e das Religiões* na UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco). Intitulada *Os Batistas na Transição Política da Democracia Para o Período Militar em Pernambuco* (SILVA, P., 2006), procuramos mostrar a opção tomada por algumas lideranças batistas no Estado em apoiar o Golpe Militar de 1964.

A partir da monografia e posteriormente na construção da dissertação, direcionamos a pesquisa para a linha *Política Cultural, Discursos e Identidades*, pois vimos que dentre as opções do programa de pós Graduação em História - Mestrado - da UFRPE, a referida linha de pesquisa seria a que nossa dissertação mais se adequaria.

Nossa pesquisa foi feita em arquivos como o APEJE (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano), onde encontramos os periódicos *Diário de Pernambuco, Arauto Pentecostal, A Voz Pentecostal*, bem como alguns *Prontuários da DOPS* (Delegacia de Ordem Política e Social). No STBNB (Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil), pesquisamos em *O Jornal Batista* que desde os primeiros exemplares tem sido o principal veículo de comunicação da denominação no país. Na biblioteca do SPN (Seminário Presbiteriano do Norte), além do *Livro de atas da Congregação dos Professores do SPN*, no qual extraímos importantes informações, encontramos também os periódicos *Brasil Presbiteriano* e *O Norte Evangélico*, que muito contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação.

Fotografamos toda a documentação encontrada sobre o período e a temática que nos propomos a estudar nas respectivas instituições e, posteriormente, selecionamos e transcrevemos para então começar a análise.

Além dessa vasta documentação escrita, alguns depoimentos orais foram também enriquecedores para o nosso trabalho, no sentido de suprir as lacunas que muitas vezes os documentos escritos não contemplam. Compartilhamos com a idéia de Gisafran Nazareno Mota Jucá, onde o mesmo defende que a história oral nos leva

... além do universo social apresentado pelos documentos oficiais ou pelos jornais, envolvidos em situações específicas de representações ideológicas dos grupos que os dirigem. A razão principal em trabalhar com depoimentos de pessoas velhas reside na descoberta do valor histórico que eles representam, resgatando-lhes o valor presente em suas memórias (JUCÁ, 2003, p. 18).

Trabalhamos com entrevistas complementares que são:

...depoimentos, acoplados a um projeto de pesquisa que, não tendo na história oral sua fonte principal, visam complementar informações recolhidas em outras fontes, enriquecer a pesquisa e obter

informações não contempladas em outros documentos (DELGADO, 2006, p. 22).

As entrevistas não foram feitas com questionários, mas entrevistas temáticas, e como desdobramentos de histórias de vida, que serviu ao elenco específico da construção da nossa dissertação.

Tomamos então depoimentos com *Ademar Paegle*, pastor da Igreja Evangélica Batista em Casa Amarela, *Cássia Rosa*, filha de José Rosa dos Santos, pastor presidente das Assembléias de Deus em Pernambuco de setembro a novembro de 1953, *José Edson Silva Ferreira*, diácono da Igreja Batista em Campo Grande e *Milsede Moura Barros de Albuquerque*, professora do SEC (Seminário de Educadoras Cristãs). Os depoimentos coletados abrilhantaram nossa dissertação, pois além de complementar algumas informações que tínhamos achado na documentação escrita, nos trouxeram novas possibilidades para análise do objeto proposto.

A filmografia, apesar de usado apenas o documentário *Cabra Marcado Para Morrer* nos foi útil dentre outros aspectos, para observar a formação e participação dos protestantes, no maior movimento de esquerda do Brasil nos anos que antecederam o Golpe Militar de 1964: *As Ligas Camponesas*.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro, trabalhamos algumas concepções teóricas que nortearam nosso trabalho e foram de suma importância para a compreensão do conceito e formação das religiões em geral, das igrejas protestantes e do discurso religioso. Procuramos observar também as crises nas estruturas de plausibilidades no discurso religioso sofridas com o processo de secularização da sociedade, principalmente no ambiente protestante.

A seguir procuramos observar a forma como os protestantes pernambucanos combateram a ideologia marxista de 1945 a 1964 com o objetivo de não permitirem a propagação da mesma entre os fiéis e a sociedade pernambucana em geral. Apontando-a como *atéia, materialista, destruidora de nações, lares, princípios éticos e morais para um bom funcionamento da sociedade*, os evangélicos não deram *tréguas* para os comunistas ou simpatizantes, pois segundo o discurso dos mesmos, esse grupo não se enquadraria nos princípios bíblicos, portanto, divinos.

Por fim, no terceiro capítulo, percebemos que o período que antecedeu o Golpe Militar em 31 de março de 1964, foram anos em que parte da sociedade e dos

meios de comunicação, inclusive protestantes, falavam que o país necessitava de uma *revolução* para tentar conter as crises econômicas e sociais, a fim de não abrir espaços para um levante comunista.

Essa *revolução*, para os mais conservadores, teria vindo com o Movimento Militar que foi entendido por boa parte dos protestantes como providência divina. Alguns que não concordaram com a posição oficial de suas respectivas instituições quanto à intervenção militar, foram perseguidos dentro e fora das igrejas, pois eram vistos como subversivos, já que não teriam aceitado o que *Deus fizera* no país como resultados de incessantes orações.

O trabalho permitirá ao leitor perceber, que esse grupo religioso *esquecido* na historiografia nacional foi um dos mais ativos na política pernambucana no período que nos propomos estudar. Não com muitos representantes em partidos ou cargos governamentais seja no Executivo ou no Legislativo, mas no contato com a sociedade influenciando muitas vezes eleições, aprovações de candidatos e perseguições àqueles que não *colaboraram* com os *Protestantes no Embate Anticomunista em Pernambuco*.

Capítulo I

Notas para o estudo das religiões, das religiosidades protestantes e da construção do discurso religioso

Viajando poderás encontrar cidades sem muros e sem caracteres; sem teatros e sem ginásios. Mas cidades sem templos e sem deuses, que não faça preces nem juramentos, nem divinizações, nem os sacrifícios para obter o bem e afastar o mal, ninguém nunca viu nem a verá jamais.

(Plutarco)

O que é religião? Como ela influencia nossas vidas? Até que ponto o mundo ocidental está realmente *dessacralizado*? O que tem levado, mesmo com todas as descobertas científicas, a crescer o número de seitas e diversos tipos de crenças religiosas no mundo? Bem, nenhuma dessas perguntas é fácil de responder, e nem ao certo sabemos se alguma delas possui resposta.

Há quem diga que religião é algo que liga o homem às divindades, e que influencia nossas vidas porque há um *vazio em nossa alma* que só pode ser preenchido pelos seres sagrados. Para outros, o fim da religião é uma questão de tempo, bastando apenas o conhecimento científico chegar a todas as camadas sociais. Também ao longo da História, as religiões têm sido descritas como características de *fracos* em busca de soluções que apenas os fortes (ou super-homens) seriam capazes de oferecer (Cf. NIETZSCHE, 2001).

E o que seria da humanidade sem a religião e as divindades? “Pode ser que não acreditemos em deuses, mas bem que desejaríamos que eles existissem. Isso tranquilizaria nosso coração. Teríamos certezas sobre as coisas que amamos e que vemos com tristeza, envelhecer, decair, sumir...” (ALVES, 2002, p. 117). Para Rubem Alves se Deus não existisse seria necessário criá-lo. O sentido da vida talvez não seria o mesmo sem ele. De que valeria tanto esforço pela vida, se no final viria à morte? Por que viver *corretamente*, longe dos *pecados que aflige a alma*? Por que não *comamos e bebamos já que amanhã morreremos*? Essas respostas são dadas

pelas religiões, com uma promessa de uma vida após a morte de glória, de esperanças e de realizações num *paraíso celestial*... “É mais belo o risco ao lado da esperança que a certeza ao lado de um universo frio e sem sentido” (Ibidem, p. 126).

Mas as visões, espirituais ou sobrenaturais, não são as únicas percepções que todos possuem das religiões. A influência nas decisões econômicas, políticas e sociais, também fazem parte do universo religioso. A formação familiar de uma determinada cultura, os hábitos alimentares, as folgas semanais do trabalho, a vestimenta, as divisões de trabalho entre homens e mulheres, a hierarquia social, tudo isso pode ser analisado nas religiões, além, é claro, das questões espirituais que envolvem o sagrado.

Renato Ortiz (2008), por exemplo, descreve as construções ideológicas, simbólicas e principalmente religiosas, como sendo de suma importância para a elaboração do processo social. Vários fatos políticos e sociais, assim como leis e normas de conduta, emergem de uma analogia com fenômenos religiosos. O interesse das ciências humanas pelas comunidades religiosas, como em Durkheim, por exemplo, se deu à medida que essas comunidades se tornaram instituições sociais, nas quais o sociólogo procura mostrar que nos universos religiosos é onde estão os elementos que unem os indivíduos dos diferentes grupos sociais. A religião para Durkheim seria uma das, senão, a principal *mola motora* da sociedade. Durkheim teria inclusive criticado a visão dos cientistas que julgam a religião como algo puramente ilusório.

Na religião, para Renato Ortiz, existe algo de *eterno* que a faz ter *força moral*. Essa força, segundo o autor, dificultaria a ciência em *desconstruir*, ou tomar o lugar do sagrado por completo dentro de uma sociedade, que por si mesmo é *autodivinizada*, exceto se a ciência usasse uma *moral sem ética*. A vida social só é possível porque existe um vasto simbolismo. Sendo o sagrado um dos pilares simbólicos de todas as sociedades, inclusive modernas, não há como compreender a vida social sem compreender a religião (Cf. Ibidem).

Neste primeiro capítulo da nossa dissertação vamos mostrar algumas notas para o estudo da religião. Abordaremos também como alguns autores observaram e descreveram a influência do discurso religioso na sociedade, como o protestantismo se constituiu nos países da Europa e nos Estados Unidos – influenciando muitas vezes o pensamento das igrejas protestantes brasileiras -, e até que ponto essa influência pode ou não estar perdendo espaço nos diversos seguimentos sociais.

1.1 - Religião: (*nem*)sempre ligando o homem às divindades

Ao se estudar as religiões e as religiosidades, "... é preciso definir aquilo que se deve entender por religião; sem isso, nos exporíamos a chamar de religião um sistema de idéias e de práticas que nada teria de religioso, seja a passar à margem dos fatos religiosos sem perceber a sua verdadeira natureza" (DURKHEIM, 2008a, p. 53).

Para Durkheim (Ibidem, p. 79) a "... religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem", onde também se faz um esforço para se conceber aquilo que para muitos é inconcebível. Vale ressaltar que quando o autor se refere à igreja, não se trata de um templo ou de uma instituição puramente cristã – que é o que logo vem no nosso imaginário -, mas no sentido etimológico da palavra, que significa reunião, agrupamento, junção, etc..., ou como uma comunidade religiosa de fiéis da mesma fé.

A religião serviu de base para muitos dos *germes* da civilização humana. As leis, as condutas, muitas vezes os hábitos alimentares, até os esportes, teriam nascido sob a influência da vida religiosa. Alguns defendem que a religião teria surgido apenas dos medos e dos questionamentos humanos. Durkheim discorda que isso possa ser aplicado a todas as religiões. Alguns grupos totêmicos maltratam seus deuses, exigem respeito dignidade e honra. Isso não demonstra medo de alguém para com a divindade. Outros praticam a religião apenas porque se sentem bem, porque acreditam que estão fazendo a coisa certa, ou simplesmente pela fé de que aquilo que eles estão buscando ou adorando possui um caráter sagrado.

As condições sociais muitas vezes determinam a existência das religiões. "O ritmo a que obedece a vida religiosa apenas exprime o ritmo da vida social, e dele deriva" (Ibidem, p. 419). É através das condições sociais que os deuses são mais ou menos solicitados, que os indivíduos passam a crer mais ou menos no poder divino, ou que pensam ainda precisar ou não de religião. É certo que Durkheim defende que não existe sociedade sem religião, ou religião sem sociedade, até porque para ele a sociedade é a alma da religião, mas são as condições sociais, que vão definir a intensidade da busca pelo sagrado em um determinado grupo.

As religiões e as práticas religiosas só são compreendidas se observadas as características do lugar onde elas estão inseridas. É importante observarmos o contexto para não generalizarmos, e percebermos a religião apenas como uma manifestação natural da atividade humana em busca do sobrenatural, do divino. As religiões vistas apenas por esse ângulo escapam às percepções humanas e científicas.

Toda religião é composta de representações e de práticas rituais. Os ritos, inclusive, são o que Durkheim vê de mais importante dentro de uma comunidade religiosa. O sociólogo defende que as religiões poderiam sobreviver sem os deuses, como o budismo, mas não sem os ritos e sem o que eles representam dentro de um núcleo religioso.

O budismo é um exemplo de que a idéia de Deus não é um pré-requisito para a sobrevivência da religião. As quatro verdades nobres do budismo nos mostram que a salvação do indivíduo não está necessariamente ligada à divindade. É pela meditação e pela tentativa de supressão da dor, que se chega à libertação, ao caminho da salvação, ao *Nirvana*. Para Durkheim (Ibidem) os budistas seriam inclusive ateus por não se preocuparem em seus princípios básicos com a idéia de Deus.

Quanto a religião cristã é inconcebível a sua existência sem a idéia da divindade de Cristo, e de todos os símbolos sagrados que atestam à existência desta religião. Há no cristianismo, como em diversas formas religiosas uma pluralidade de coisas sagradas que são necessárias para os rituais tidos como sacros. O local, as oferendas, as festas, as pessoas, os gestos, as artes são indispensáveis no processo de relacionamento dos fiéis com o sobrenatural.

Durkheim vai mais além na relação da divindade com os fiéis. Para o autor, “os deuses, também, têm necessidade do homem; sem as oferendas e os sacrifícios eles morreriam” (Ibidem, p. 69, 70).

Nas passagens bíblicas do Antigo Testamento, por exemplo, vemos Jeová, insistindo com o povo de Israel, que lhe *prestem cultos* que lhe ofereçam *sacrifícios exclusivos*, que lhe *entregue as primícias*, que lhe dê o *louvor perfeito*, que lhe reconheça como o *único Deus existente*, como o *Eu Sou*. No Novo testamento, vemos Jesus Cristo exigindo que os que buscam a salvação o reconheçam como o *único caminho* e a *única verdade*. Esse reconhecimento se daria não apenas por palavras, mas pelas atitudes dos fiéis em *não negar o Cristo diante de perseguições*,

em *deixar a vida de riquezas* para fazer a sua vontade, em *tomar a cruz e segui-lo*. Isso atesta, por exemplo, o que afirma Durkheim, para quem sem essas atitudes dos fiéis, os deuses, ou seres sagrados morreriam.

Vale salientar que a noção de Deus, não é central no objeto do estudo religioso de Durkheim. A figura humana, e as formas que esta se comporta dentro do espaço religioso, é o que o autor mais explora no universo de sua pesquisa. Para ele, todas as religiões ultrapassam o círculo das idéias tidas como *puramente religiosas* e abrem espaços para as discussões que outrora eram apenas da filosofia, sociologia, história, etc..., que inclusive teriam nascido das interpretações da religião. Todas as religiões e ritos religiosos traduzem as necessidades humanas de quem as pratica. Portanto, não cabe a um cientista religioso agir com preconceito em relação às diversas formas de manifestações religiosas, por qualquer motivo que seja.

Outra observação importante se faz quanto às marcas que a religiosidade exige das pessoas. Nas religiões totêmicas os indivíduos se tatuavam com tinta ou com brasa para designar o seu totem, e o seu clã. Algo interessante é o caso dos primeiros cristão. Eles se tatuavam com o nome de Cristo, ou com os símbolos que serviam de representação do cristianismo como a cruz ou o peixe, por exemplo. E, assim como nas religiões totêmicas, eram identificados por aqueles que tinham a mesma fé (Ibidem).

A força da fé, inclusive, dentro da religião, é algo de suma importância para a existência dessa última. É por ela que se atribui aos homens, a natureza, ao sobrenatural, aos objetos, aos mortos, o caráter sagrado. A dependência do fiel para com o sagrado só é possível por meio da fé. As representações gerais que se dão ao mundo; a dignidade que é dada às coisas sagradas; a disciplina espiritual cobrada aos fiéis; a *energia e a força* que se tem após sair de uma cerimônia religiosa para enfrentar os *desafios da vida*; a certeza de se está cumprindo a vontade divina; a força moral da qual depende o fiel; a força religiosa; a crença numa vida futura espiritual após a morte; o cuidado em não desrespeitar o sagrado; a crença que o sofrimento traz o crescimento espiritual; a separação de espaços sagrados; a purificação da alma ao aproximar-se da divindade; a obediência à *dura* disciplina; o esforço para se dar o melhor aos deuses; a transformação daquilo que outrora era impuro em puro; etc.. Para que tudo isso ocorra é necessário ter a fé.

Sem esta última a religiosidade fica difícil de ser expressa dentro de uma comunidade (Ibidem).

O escritor aos Hebreus mostra que “sem fé é *impossível* agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam” (Hebreus, Cap. 6 ;Ver. 11. Grifo nosso). São Paulo vai mais além ao afirmar que a *salvação* só é garantida à medida que alguém possui a fé (Efésios, Cap. 2; Ver. 8). Para Durkheim (op. cit., p. 431, 432) “... é a fé que institui a autoridade dos ritos junto ao crente, qualquer que ele seja, cristão ou australiano. Toda a superioridade do primeiro está em compreender melhor o processo psíquico do qual deriva sua crença; ele sabe ‘que é a fé que salva’”.

Mas o que é a fé? Qual a sua importância a ponto de dedicarmos parte do texto à sua discussão? O escritor aos Hebreus descreve que seria “... a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos” (Hebreus, Cap. 11; Ver. 1). O estudo das coisas religiosas implica no estudo das coisas sagradas, sendo a fé de suma importância para compreendermos o sagrado, cabe-nos deter-nos um pouco sobre esta.

Esse sentimento de mistério, que está intrínseco na fé, é uma realidade em todas as religiões. A idéia do *incompreensível* foi forjada pelo próprio homem e não pelo sobrenatural. O fato das forças religiosas serem vistas como *entidades misteriosas*, não definem sua irracionalidade. A fé – que faz com que os indivíduos acreditem em coisas sobrenaturais - caminha com a ciência e com a razão, muitas vezes superando o lado apenas *irracional*, que é como muitos enxergam a religião, para se tentar dar respostas mais plausíveis a questionamentos que supostamente atemorizam os indivíduos. Como os acontecimentos naturais estão fora da realidade das coisas, atribui-se a eles uma idéia de sobrenatural. Porém nem sempre as religiões buscam apenas o sentido mágico para a explicação da realidade. Muitas vezes as concepções religiosas procuram explicar não o que existe de *anormal* nas coisas, mas o que existe de regular, de concreto, de visível, de real (DURKHEIM, op. cit.).

O surgimento da religião teria sido consequência do surgimento da fé coletiva. A fé coletiva teria surgido antes da fé individual, e essa fé teria dado origem às primeiras crenças religiosas. Os exemplos de fé dos líderes para com as divindades e a própria fé que as divindades têm nos indivíduos, impulsionaram a fé coletiva e fez surgir as diversas comunidades de cerimônias religiosas.

Um dos principais objetivos da cerimônia religiosa é aproximar os indivíduos que professam a mesma fé, "... multiplicar os contatos entre eles e torná-los mais íntimos" (Ibidem, p. 418). É transformar o corpo, símbolo do profano, no sagrado, é fazer transbordar a alma do fiel, é ligá-la ao seu deus, ao seu totem, ao seu eu, é se desprover da realidade e se ligar com o mundo sobrenatural. Essa fé que faz o *crente* agir, entrar em contato com o mundo real, com mais ânimo, com mais garra; é essa ação, os símbolos e todos os rituais que dominam a vida religiosa.

Rubem Alves (op. cit.), um dos principais críticos brasileiros da religião na atualidade, descreve que o objetivo das religiões seria, através da fé, dar sentido à vida. Aquilo que o ser humano não entende, suas apreensões, suas limitações, seus desejos seriam inexplicáveis sem o objeto simbólico que a fé religiosa produz, daí a *necessidade* de criá-las.

Um dos motivos de os homens terem criado as religiões era o de manter uma relação harmônica entre os indivíduos, para que desta forma se relacionassem harmonicamente com a divindade.

Para Peter Berger (2004) a sociedade foi constituída para ordenar e *normatizar* os comportamentos humanos. Essa ordenação se deve muito ao papel que teve a religião² em estabelecer o caráter sagrado às coisas e às pessoas e foi através desse estabelecimento que o homem se constituiu no ser social que é hoje e deu ao universo o caráter sagrado que este possui. Por sagrado, o sociólogo define como sendo "... uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência" (Ibidem, p. 38). Esse sagrado é algo extraordinário usado ou enfrentado como uma realidade poderosa de legitimação da ordem social. Aquilo que foge a essa ordem é o profano, ou seja, é a ausência do sagrado, o que não é bem visto numa sociedade puramente, ou mesmo relativamente religiosa.

Rubem Alves (op. cit.) observa que isto teria *amenizado as tensões* daqueles que são menos favorecidos socialmente. Deus é quem teria estabelecido os ricos e os pobres, os latifundiários e os sem-terra, os patrões e os empregados, os reis, mesmo que opressores e corruptos, e os súditos, tudo estaria nas mãos de Deus e sob o seu controle. Aqueles que denunciam esses sistemas são logo perseguidos

² Enquanto a sociedade teria sido criada para ordenar e *normatizar* os comportamentos humanos, a religião teria sido criada, dentre outros objetivos, para ordenar e *normatizar o sagrado* (Cf. SANCHIS, 2007).

pelos governantes (como os profetas do Antigo Testamento que denunciavam a corrupção dos reis), mostrados como vilões e suas atitudes são tidas como as mais funestas possíveis. Os que estão liderando as religiões e o poder político é que são lembrados nas cerimônias religiosas e nos eventos de Estado em todas as sociedades. E os oprimidos, como resolver seus problemas? *Deus um dia há de prover.*

A fé religiosa também procura dar significado a coisas que não possuíam outrora. A pedra passa a ser um altar, uma tenda passa a ser um templo sagrado, uma pessoa passa a ser santa em detrimento de outras que se tornam pagãs. Tudo aquilo que é voltado para a divindade protetora e criadora daquele grupo social é venerado, caso contrário torna-se esdrúxulo. Os seguidores daquele credo não apenas vêem uma nova verdade à medida que algo se torna sagrado, mas se tornam mais fortes, pois está diante de si uma nova possibilidade de aproximação com o divino, com o eterno. Esses simbolismos sacros, não são apenas objetos de saber dentro do círculo social, mas acima de tudo, objetos de poder (Ibidem, 2002).

A fé religiosa seria puramente uma criação humana que, "... nasce com o poder que os homens têm de dar *nomes às coisas*, fazendo discriminação entre coisas de importância secundária e coisas nas quais seu destino, sua vida e sua morte se dependuraram" (Ibidem, p. 25). Tudo isso segundo Rubem Alves é uma tentativa de se explicar fenômenos que a aculturação exige. As redes simbólicas criadas pelas religiões são o que as fazem mudar de zonas de influências, mas não percam o prestígio por completo. Esses símbolos são importantes para a constituição social. A hierarquia religiosa fez com que ao longo da história humana as pessoas passassem a respeitar a hierarquia familiar, política, etc...

A sociedade é construída pelos seres humanos, assim como os aparatos que a fazem funcionar. A religião seria então um desses aparatos, que dentre outros atributos serve para por ordem na sociedade, legitimar, justificar e explicar as mazelas do cosmos construído. Para que essa ordem estabelecida pela religião tenha credibilidade e seja duradoura, a religião tenta dar significado ao mundo, com uma visão humana, mas cercada de um universo simbólico e sagrado (BERGER, op. cit.).

Foi numa tentativa de dar ao espaço profano um ar de sagrado, de tornar o universo com o aspecto humano, que canta, dança e chora, de explicar o sentido e o

curso da vida, e da morte, que teria levado os seres humanos a criarem a *fantástica* tentativa de se explicar a natureza, ou seja, a religião.

Mas as religiões não ocupam mais os espaços que antes lhes eram *devidos*. As economias, os espaços públicos e privados, as escolas, os clubes de sociabilidade, aos poucos deixam de lado o teor religioso que outrora tiveram. A religião vai sendo apenas praticada no espaço sagrado e naquele momento ritualístico. É enquanto o ritual religioso acontece que a religiosidade existe. Após esse ritual tudo volta à vida profana de antes. Isso porque no mundo *dessacralizado* a religião aos poucos perde *seu* espaço. Isso não significa dizer que a fé religiosa teve ou terá um fim, mas que apenas a religiosidade ganhou nova *roupagem* (ALVES, op. cit.).

Ao mundo profano teriam sido entregues as coisas reais da terra. Os oceanos, os mares, as terras produtivas, o comércio, a indústria, os bancos, os lucros, os corpos das pessoas. Já ao sagrado seria legado o mundo invisível, lendário, imaginário, os céus e a Terra como símbolos da proclamação da *glória de Deus*. Esse seria o mundo almejado pelos oprimidos que sem pão, sem emprego, sem família estruturada, com a saúde debilitada, poderiam ter a esperança de que um dia os opressores *pagariam o preço* pelas injustiças cometidas e eles viveriam uma vida de prosperidade, como num conto de fadas onde *todos seriam felizes para sempre* (Ibidem).

Mas será que todos vêem hoje o mundo desta forma? A religião é ainda a última palavra da sociedade? É ela ainda quem define as normas de conduta dos seres humanos? É a religião que traça os planos políticos e sociais dos indivíduos e das diversas sociedades? Apesar de não acreditarmos num processo completo de *dessacralização*, há de se perceber que o processo de secularização vem desestabilizando as estruturas de plausibilidades religiosas³ que, outrora, conduziam as diversas culturas espalhadas pelo mundo.

Um dos fatores que contribuem para o processo de *desalienação religiosa* é a secularização, ou seja, a retirada da religião de todas as idéias e âmbitos culturais da humanidade, portanto, a interpretação do mundo sem as idéias religiosas. Isso não é um processo muito novo, mas vemos uma tendência maior para a secularização com o advento do protestantismo, por pregar uma livre interpretação

³ Estruturas de aprovação, aceitação ou admissão dentro do universo religioso (Cf. BERGER, 2004).

bíblica, o que segundo Peter Berger (op. cit.), abriu espaços para a *entrada* de interpretações *mundanas* no universo religioso, que por sua vez passa a ver o mundo e seus aparatos sociais, inclusive a religião, como uma criação puramente humana.

A crise de credibilidade da religião é outro fator importante no processo de secularização. O *homem comum* é assediado para que se tenha adesão ou atenção sobre assuntos religiosos, porém ele não se sente mais tão seguro quanto a isso. Com a expansão da secularização, ficou difícil a reconquista tradicionalista da sociedade moderna. A religião saiu dos espaços públicos (política, por exemplo), e migrou para o privado (a família). Mesmo em espaços privados vemos a dificuldade da religião em manter sua estrutura de plausibilidade. O casamento, por exemplo, não está mais sujeito às *normas sagradas*. A constituição familiar vem perdendo as *prerrogativas divinas* para um mundo cada vez mais secularizado. Os estabelecimentos, religiosos que durante muito tempo serviram de *monopólios da sociedade*, vão aos poucos perdendo sua força. A saída da religião, que antes era vista como uma entrada num mundo de escuridão, vai se tornando cada vez mais real no mundo ocidental, principalmente em países protestantes (Ibidem).

A secularização da sociedade conduz a uma condição de pluralismo. Nos Estados Unidos, por exemplo, o crescente número de seitas protestantes é uma prova disso. É um novo desafio para a manutenção das estruturas de plausibilidades religiosas. As religiões não são mais impostas, mas postas no mercado para a livre escolha dos *consumidores*, o que gera uma maior possibilidade para o trânsito religioso. A cada dia os conteúdos religiosos estão difíceis de serem vistos como verdades imutáveis. Com a pluralidade religiosa, as estruturas de plausibilidade perdem suas forças, principalmente, no propósito da religião servir como confirmação social. A religião, portanto, não legitima mais o mundo, mas procura espaços nos diversos *mundos concorrentes*.

Foi com o avanço da secularização principalmente a partir do século XIX, que a *plenitude divina* começou a recuar, houve uma evasão do sobrenatural do mundo moderno e o sagrado (aquilo que impressiona o homem como um poder terrível, esmagador e estranhamente fascinante) passou a ser uma das últimas preocupações da consciência humana. Na Europa as pessoas deixaram aos poucos de freqüentar as igrejas. Nos Estados Unidos, o remorso pelo pecado e o medo do inferno, deixaram de ser os motivos que levariam os americanos aos templos. O

desejo de instruir moralmente os filhos, a orientação para a família, ou simplesmente fazer parte da comunidade religiosa da vizinhança, têm sido as principais atrações dos cristãos norte-americanos, desde a primeira metade do século XX.

Esse recuo do sobrenatural como influenciador da sociedade não é repentino. Ele se dá aos poucos e segundo Berger (1973), nas sociedades mais avançadas da economia capitalista, onde as crenças são *golpeadas* por pressões sociais e psicológicas. Como as nações protestantes são a maioria das capitalistas avançadas, o sociólogo defende que a *mundanização*, a modernidade e a secularização são mais adaptáveis nessas sociedades.

Até pouco tempo (meados do século XIX) era comum se ouvir dizer que o mundo sobrenatural influenciava o mundo real de diversas maneiras, inclusive na área científica. Mas com a secularização, a ciência *progressista* foi cada vez mais considerando "... a religião como um resto desvanescente das eras obscuras da superstição..." (Ibidem, p. 16). O sobrenatural deixou de ser algo presente em toda a sociedade, e passou a *habitar* em apenas alguns ambientes sociais como templos, seminários ou escolas confessionais, por exemplo.

O catolicismo se manteve mais firme contra o liberalismo teológico (que levou a uma maior secularização em países protestantes), pois olhou a modernidade com desconfiança. Já no judaísmo, como a ortodoxia é muito mais uma questão de prática do que de fé, ficou difícil a secularização tomar os pequenos *guetos* sociais onde essa religião se faz presente. Berger defende que para as demais religiões sobreviverem à secularização deverão criar uma comunidade e viverem em guetos religiosos como fazem os judeus.

Todo esse processo de saída dos fiéis das comunidades religiosas tem sido um desafio para as respectivas lideranças. Os líderes (em sua maioria teólogos) passaram a *pechinchar* a fé com sermões que agradem ao público tentando conter o esvaziamento das igrejas, mas nem sempre obtendo sucesso.

O teólogo que negocia com o mundo moderno, portanto, sairá provavelmente a campo com uma proposta pobre, isto é, ele terá de dar muito mais que receber. Para variar a imagem, ao que ceia com o diabo, seria bom ter uma colher grande. A diabólica modernidade tem sua própria magia: o teólogo que ceia com ela verá sua colher cada vez ficar mais curta – até aquela última ceia em que é deixado sozinho à mesa, sem colher alguma e com o prato vazio. O demônio, poder-se-á adivinhar, já terá então ido embora, à procura de companhia mais interessante (Ibidem, 1973, p. 39).

É na religião que mais se inclinou para as propostas *secularizantes* (o protestantismo) que vamos nos debruçar ao longo de nossa dissertação. Antes, porém, vamos analisar o discurso religioso e as dificuldades existentes para mantê-lo num mundo cada vez mais secularizado. Nosso próximo passo será trazer notas que entendemos como relevantes para o estudo dessa proposta e observar como são de suma importância para o desenvolvimento da temática de nosso trabalho.

1.2 – A construção do discurso religioso e a crise nas estruturas de plausibilidades

Falar do discurso religioso, muitas vezes é discorrer sobre a relação que esse exerce com o sagrado. As divindades são postas como centro das atenções nestes discursos e o líder religioso (que muitas vezes é tido como um profeta - aquele que *expõe a vontade da divindade*), possui uma forte estrutura de plausibilidade no discurso e mantém aquilo que ele professa como verdade.

A visão de profeta no âmbito religioso é referida a alguém que traz uma mensagem divina. Para Severino Vicente da Silva (2006), ao discursar, um líder religioso fala em nome de uma divindade, e os fiéis ao escutá-lo procuram ouvir a voz de Deus. Seja padre, bispo, pastor, os quais possuem uma missão profética, um líder ocupa uma posição de dessimetria em relação aos liderados, sendo tal discurso legitimado, principalmente por essa posição. O *falso profeta* seria aquele que se diz enviado de Deus, mas para os cristãos está falando em nome de outra pessoa.

O discurso profético-religioso envolve o sagrado e mesmo se tratando de política, o sagrado *deve* estar presente, o que para os líderes religiosos, não deve ser buscado fora da religião. Outra observação que fazemos é o exercício do poder simbólico que os líderes religiosos usam para agregar os fiéis em torno de suas idéias. A esse respeito, Pierre Bourdieu (1998, p. 11) defende que:

É enquanto sistemas estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando reforço de sua própria força às relações de força que as fundamentam e

contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados”.

O pensamento anterior nos possibilita identificar como as *violências simbólica e ideológica* estão presentes nos discursos que servem de domesticação dos *dominados*. Percebemos então que o símbolo de pastor, do qual veremos exemplos ao longo do texto, contribui para que os discursos muitas vezes passem a serem tidos como verdades, pois um líder religioso exerce um poder através de um determinado saber, levando, por exemplo, a dominação de um pastor sobre os seus fiéis.

Vale ressaltar que nem todos os fiéis são *domesticados* e/ou *dominados* pelos discursos das lideranças religiosas. Dentro das instituições existem aqueles que se dizem apenas sujeitos à divindade. Muitos questionam se o líder está realmente seguindo as *regras de fé e prática* das suas respectivas instituições. Ainda há uma observação a ser feita: nas Igrejas Batistas, por exemplo, a congregação dos membros exerce o poder administrativo da igreja, e esse poder está acima do poder pastoral. Porém, o líder é responsável pelo poder eclesiástico, o que muitas vezes é confundido com o administrativo, e como já ressaltamos, em muitos casos, leva a comunidade a ser *domesticada* por aqueles que a lideram espiritualmente.

Olga Tavares (1998) quando analisa a construção do Estado Brasileiro defende que muitos dos discursos dessa formação (como as várias Constituições que foram criadas desde o Império levando o nome de Deus) estiveram aliados à religião. Para a autora, tais discursos possuem relações espontâneas com o sagrado, para os que acreditam em quem está discursando. Apresentando-se como uma promessa é assegurada ao fiel, que Deus estaria usando um líder para explicar a sua *vontade* sobre a vida dos liderados, muitas vezes coagindo os mesmos a seguirem suas determinações. Dessa forma o fiel ficaria na *obrigação* de seguir as ordenanças religiosas para não correr o risco de ser visto como alguém que não dá crédito à mensagem divina.

A fé depende da relação com o sagrado, e o líder religioso que está abaixo da divindade, é responsável por guiar espiritualmente a comunidade, e muitas vezes como um porta-voz da mesma, estando acima do fiel numa posição de dessimetria, onde o liderado teria a *obrigação* de ouvi-lo e segui-lo, já que discurso mediano seria a *voz de Deus*.

É importante ressaltar o que nos diz Pierre Bourdieu (op. cit.) para quem os discursos de uma liderança servem para legitimar o que está sendo dito já que a liderança ocupa uma posição de dessimetria em relação aos subordinados.

Cabe observarmos que ao cumprir o estabelecimento da ordem religiosa, os discursos, muitas vezes, contribuem para a legitimação da ordem política. A autoridade religiosa vai se estabelecer dependendo do peso dos leigos que ela está monopolizando. É claro que nem todos os fiéis concordam com a posição oficial de sua instituição e é contra esses que os líderes vão lutar para tentar manter a *ordem simbólica*.

Às pessoas que tentam subverter a ordem das religiões cristãs é dado o nome de *herege* (subversivos da religião), e dos fiéis é cobrado desses o afastamento para que seja mantida a *ordem política* na sociedade. Para a construção dessa ordem é necessária a intervenção do sacerdote (pastores, padres, bispos), pois estes são vistos simbolicamente como representantes de Deus na Terra, não podendo dessa forma o fiel rebelar-se contra as determinações dos mesmos. Ao fazer uma revolução (ou mudança de *habitus*) simbólica entre os fiéis, tais sacerdotes contribuem intrinsecamente para uma revolução política (ou justificação da mesma) (BOURDIEU, 2007).

Pierre Bourdieu (Ibidem), ao analisar as concepções entre Marx e Weber sobre o discurso religioso, percebe que os dois concordam que as religiões são sistemas simbólicos que funcionam como veículos de poder contribuindo para a legitimação dos dominantes sobre os dominados. A religião serviria como impositora de práticas que visam separar o sagrado do profano. Quem aceita o sistema de práticas religiosas é visto como um bom fiel, quem discorda, é tido como um profanador. O sistema estruturado da religião impositora, não abre espaços para discussão, pois o papel desta seria legitimar e difundir o poder de um grupo ou de uma classe, contribuindo para a manipulação simbólica das aspirações opositoras. As igrejas serviriam de veículos para a justificação dos sistemas políticos vigentes no momento. Quem se opuser a esse sistema, será tido como subversivo.

Nas sociedades de classes ao longo da história, o discurso religioso contribui muitas vezes para a *ordem social*, pois não abria espaços para as discussões dos problemas sociais, justificando a legitimação dos dominados. O poder religioso tentava coibir o *habitus* religioso dos leigos, não permitindo que esses procurassem uma nova *empresa de salvação*, para os problemas, sejam de ordem espiritual ou

social. Para monopolizar, a religião muitas vezes tentou cumprir o papel de fazer os leigos reconhecerem a legitimidade da dominação e desconhecerem o arbitrário da monopolização (Ibidem).

Essa disputa de poder no campo religioso geralmente leva à legitimação do discurso teológico impositor vinculado ao sujeito que vence o embate. “O discurso oficial surge, portanto, da homologação do discurso do sujeito que vence a disputa e se torna o ‘chefe da tribo’” (OLIVEIRA, K., 2007, p. 65). É desse jogo do poder que sairá o lado divino e o lado herético. Nesses casos os *derrotados*, para não serem vistos como hereges “... tenderão a aceitar a repressão da instituição, por causa do custo da liberdade, até o momento em que o custo da repressão for ‘maior do que o custo do protesto contra ela’” (Ibidem)⁴.

Para Rubem Alves (op. cit.) os homens não querem o legado que lhes é devido, preferindo desta forma criar a cultura e a religião para fugir do *curso natural da vida*. O curso natural, por exemplo, em que vivem os animais irracionais, que para o referido filósofo, é o curso do qual os seres humanos se distinguem para se tornarem seres religiosos e aculturados. Para isso o discurso religioso passa a dar sentido a vida humana. Os homens valorizam algumas coisas em detrimento de outras, batizam como sagradas e passam a venerá-las. O discurso religioso dá significado aos símbolos religiosos. Um monte, por exemplo, é só um monte, mas à medida que a população passa a dizer que ali é a morada dos deuses, esse monte passa a ser sagrado. A subida ao mesmo requer um ritual, uma purificação, a *tirada das sandálias* porque o lugar que se está pisando passa a ser santo, respeitado e venerado. Aquilo que antes era invisível – o céu, Deus, os anjos – passa a ser visível com a construção do discurso religioso que constrói a fantasia e a imaginação. O pão que era apenas pão passa a ser o corpo da divindade, assim como o vinho. As entidades religiosas seriam, portanto, entidades imaginárias (Ibidem).

⁴ Em muitos casos, aqueles que para Pierre Bourdieu (2007) seriam os dominados da religião nem sempre acatam o discurso oficial. O surgimento de heresias, de seitas ou de novos movimentos religiosos é uma prova disso. Martinho Lutero, por exemplo, não aceitou o discurso oficial de sua instituição religiosa, a questionou e acabou gerando um movimento separatista, que é considerado um dos principais cismas religiosos da história. Nas igrejas protestantes não é difícil perceber o trânsito religioso, com os fiéis mudando de denominação. O proselitismo também é outro exemplo de que isso é possível. Isso nos mostra que a afirmação de Kathleen Luana de Oliveira (2007), onde os fiéis *aceitam* a repressão da religião, nem sempre se enquadra nos diversos grupos religiosos, principalmente entre os evangélicos.

A religião seria, pois um discurso sem sentido e repleto de inverdades, sofismas e ilusões em que os homens discriminam os objetos, tempos, espaços, criam uma abóbada sagrada que recobrem seu mundo. O mundo sem o discurso religioso talvez fosse frio e escuro. “Com os símbolos sagrados o homem exorciza o medo e constrói diques contra o caos” (Ibidem, p. 26).

Segundo Rubem Alves (Ibidem) aquele que questiona o discurso religioso é tido como irreverente. O filósofo defende sua argumentação mostrando alguns sistemas políticos e religiosos da Antiguidade, onde esses argumentadores eram tidos como uma ameaça à ordem política e religiosa. O próprio Jesus Cristo teria sido um deles. Ao questionar o sistema religioso da época foi freqüentemente perseguido até ser preso e crucificado, como desordeiro e blasfemador, por questionar a postura religiosa das autoridades e afirmar que era legítimo o filho de Jeová.

O discurso religioso passou a proibir os desejos humanos que foram tidos como profanos. O sexo, não pode ser promíscuo; o álcool deve ser evitado ou usado sem exagero; a alimentação deve ser feita sem a gula. Para suprir todos esses desejos humanos que seriam *profanos e carnis*, o homem teria criado Deus à sua imagem e semelhança e os “... rituais mágicos e sistemas religiosos, como expressões da onipotência do desejo, em oposição à realidade” (Ibidem, p. 92), que teriam tornado o caos em harmonia, e dado uma nova esperança de um *novo prazer sacro* aos seres humanos.

Peter Berger traz algumas considerações que vemos como importantes de serem analisadas e que contribuem para a manutenção do discurso religioso.

A primeira delas é a legitimação que o autor define como sendo “... o ‘saber’ socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social. Em outras palavras, as legitimações são respostas a quaisquer perguntas sobre o ‘porque’ dos dispositivos institucionais” (BERGER, 2004, p. 42). O objetivo maior da legitimação é a manutenção da realidade criada, sendo o discurso religioso para o sociólogo, o principal legitimador social ao longo dos séculos. Esse discurso funcionou como uma forma de legitimação da realidade visível e invisível nas instituições e nas sociedades dando-lhes o caráter sagrado. Como na maior parte da história humana, a sociedade se manteve sob o véis religioso. Essa influência do sagrado nas sociedades ainda é percebida nos dias de hoje nas instituições sociais, que em alguns casos, são constituídas como um reflexo das instituições divinas.

O autor ressalta que “a legitimação religiosa pretende relacionar a realidade humanamente definida com a realidade última, universal e sagrada” (Ibidem, 2004, p. 48). Quem se propõe a ir de encontro a essa ordem estaria, pois mergulhando na escuridão, sendo essa atitude em alguns casos tida como demoníaca, principalmente em sociedades que a política é grandemente influenciada pela religião, como ocorre em certos países muçumanos.

É a legitimação religiosa que mantém a realidade do mundo socialmente constituído. É ela quem define as atitudes na vida para se ter uma boa morte, e uma boa vida posterior a essa última – até porque “o poder da religião depende, em última instância, da credibilidade das bandeiras que coloca nas mãos dos homens quando estão diante da morte, ou mais exatamente, quando caminham, inevitavelmente, para ela” (Ibidem, 2004, p. 64) -; permite ou proíbe matar; define as regras da alimentação e das vestes; delimita as palavras que devem ou não serem ditas; define os dias para o trabalho e para o descanso; estabelece as regras matrimoniais; reparte a herança e prioriza em sua maioria os homens e primogênitos; separa o sagrado e o profano; diviniza um indivíduo em detrimento do outro.

Além da legitimação, o autor elege outro conceito, já citado anteriormente que serve como sustentáculo do discurso religioso: a estrutura de plausibilidade. É esta estrutura que sustenta a base social e religiosa, seja ela subjetiva ou objetiva. Quando toda a sociedade é estruturada de plausibilidade de um mundo religiosamente legitimado, os processos sociais importantes dentro dela servem para confirmar a realidade desse mundo. Para tal, Peter Berger (Ibidem) percebe a necessidade de uma comunidade religiosa - como a *koinonia cristã* ou o *'umma maometano* - em que essa estrutura seja legitimada e, portanto, aceita.

A realidade de um mundo religioso depende do significado que a sociabilidade se apresenta aos seres humanos. Quando a estrutura de plausibilidade perde o sentido, a realidade religiosa deixa de ser a verdade evidente. Quanto mais firme é a estrutura de plausibilidade, mais firme é o mundo baseado nela. À medida que esta estrutura vai perdendo seu caráter legitimador e é ameaçada, procura-se construir ou legitimar uma verdade em detrimento de outras que, possivelmente, surjam no meio religioso.

Para manter uma religião, o indivíduo precisa manter uma estrutura de plausibilidade, cujas dificuldades vão variar historicamente. Como observa Peter

Berger (2004, p. 60), “quanto menos firme se torna, a estrutura de plausibilidade, mas aguda se tornará a necessidade de legitimação do mundo... o desenvolvimento de legitimações complexas ocorre em situações em que as estruturas de plausibilidade são ameaçadas deste ou daquele modo”. Quando essas estruturas são ameaçadas ou se tornam descontínuas, há uma possibilidade maior de haver um trânsito religioso (migração entre estruturas de plausibilidades) abalando, assim, o poderio que aquela instituição exerce sobre determinada comunidade.

Peter Berger observa algo que serve de base de sustentação da religião e da estrutura de plausibilidade da mesma: a *teodicéia*. Esse conceito o autor analisa de Weber que distingue quatro tipos tradicionais para o mesmo: a promessa de compensação neste mundo; a compensação num *além*; o dualismo e a doutrina do *Karma*, dentre os quais vamos nos deter basicamente nos dois primeiros.

“A maioria das pessoas, parece, quer um conforto e até agora, foram as teodicéias religiosas que o forneceram” (Idem, 1973, p. 44). O discurso de compensação pela vida levada neste mundo se deve às diversas ideologias que todas as sociedades possuem, principalmente às legitimações religiosas. A sociedade baseada na religião faz o indivíduo *nascer corretamente, viver corretamente, sofrer corretamente*, negar-se a si mesmo, abnegar-se em nome do poder coletivo, com a promessa de uma *dor* menos enfática e de uma *vida e morte em glória* (Idem, 2004).

Essa idéia de *sofrer corretamente* apresentada pelo autor é definida como um *masoquismo religioso*, de suma importância para a legitimação da teodicéia do sofrimento, onde os indivíduos sentem o *prazer* de estar enfrentando uma situação dolorosa, pois possuem a convicção de que tudo está no controle divino. *Cristo sofreu e teve uma vitória triunfante, portanto, o exemplo dele deve ser seguido, pelo menos para os que se declaram cristãos*. Porém, nem todas as teodicéias possuem um caráter de redenção, ou glorificação. O simples fato de se estar cumprindo a *vontade de Deus*, já é o suficiente para o masoquismo religioso dentro da comunidade. Na situação de sofrimento a idéia de significado é maior que a de felicidade.

O personagem bíblico Jó é um exemplo do que estamos analisando. Em sua *história*, descrita na Bíblia, o mesmo aparece como *o homem mais rico de todo o Oriente*, que perde tudo, e se dá por satisfeito, mesmo sem a certeza de ter novamente seus bens, mas por entender que tudo era a *vontade de Deus*. Calvino,

em sua doutrina da predestinação, descreve que Deus mesmo antes do nascimento dos indivíduos, já escolheu aqueles que irão para o céu ou para o inferno. Tal idéia é sustentada na legitimação da soberania divina, onde os homens não podem intervir, cabendo exclusivamente a *Deus* a explicação para tal atitude.

São as teodicéias que explicam os desastres naturais, as explorações que sofrem os menos favorecidos economicamente, que legitimam o sofrimento de um grupo em detrimento da felicidade do outro, que justificam a posse dos poderosos dos principais recursos de sobrevivência, que prometem punir os injustos no *além*, quando esses não forem punidos no presente e os que estão sendo injustiçados no presente *possam confiar numa promessa de um futuro glorioso*. Para tal, todos devem submeter-se às autoridades (que são porta-voz das divindades), pois elas são divinamente constituídas.

Outra coisa importante para o a sustentação da teodicéia como verdade e, conseqüentemente, da estrutura de plausibilidade no processo de constituição do discurso religioso é a *alienação*. Para Peter Berger (Ibidem, p. 97, 98):

... a alienação é o processo pelo qual a relação dialética entre o indivíduo e seu mundo é perdida para a consciência. O indivíduo “esquece” que este mundo foi e continua ser co-produzido por ele... a alienação é uma super-ampliação do processo de objetivação, por meio do qual a objetividade humana (“viva”) do mundo social, transforma-se, na consciência, na objetividade (“não humana”) da natureza. As representações da atividade humana significativa que constituem a realidade o mundo social transformam-se, na consciência, em “coisas” inertes, não humanas sem significado. Ou seja, são reificadas. O mundo social deixa então de ser uma arena aberta, na qual o indivíduo expande seu ser em atividade significativa, e converte-se, ao contrário, num conjunto fechado de reificações divorciadas da atividade presente ou futura. Inverte-se na consciência a verdadeira relação entre o homem e seu mundo. O agente torna-se *apenas* aquele sobre o qual se age. O produtor é apresentado *somente* como produto. Nessa perda dialética social, a própria atividade parece ser outra coisa, a saber, um processo, destino ou sina.

Berger lembra que o homem mesmo alienado continua a ser o condutor deste *processo alienador*, negando muitas vezes o mundo produzido por ele. Esse processo de alienação está presente em todos os aparatos sociais, e muito dificilmente a sociedade se *livra* da alienação com facilidade. A secularização é um dos meios da *desalienação* religiosa, da qual trataremos desse item mais adiante.

Mas qual a importância da alienação na constituição da sociedade? Para Berger (Ibidem), a alienação do mundo sócio-cultural, serve para manter as estruturas sociais e a religião como a mais poderosa força de alienação e de falsa consciência, é o principal *veículo alienante* que a sociedade possui.

O discurso religioso transforma uma instituição criada pelo homem para benefício ou controle da sociedade em divina; o respeito a ela torna-se maior e a punição aos que vão de encontro às suas normas é vista como necessária para a disciplina religiosa e social. Tudo aquilo que era humano, torna-se não humano. O terror de mistérios obscurece o terror concreto. Com uma forte tendência para alienação do mundo, o discurso religioso impede que os homens compreendam a sociedade de uma forma humana. As estruturas do poder são tidas como divinas, e as ações das autoridades estão todas *no controle de Deus*. É o que Berger chama de *base de sustentação da má fé*.

Mas nem sempre a religião serve apenas para *sustentar a má fé*. Vemos no Antigo Testamento, nos livros proféticos, a religião questionando as autoridades que usavam de *má fé* para com o povo, e no Novo Testamento o próprio Cristo, indo de encontro aos preceitos religiosos de sua época, pois os via como exploração social e religiosa. Nesse caso a religião é tida como *desalienante* (Ibidem).

Mas o discurso religioso sofreu um *golpe* com o as crises teológicas que se agravaram a partir do século XIX e ganharam força no século XX. A teodicéia religiosa, a legitimação e a alienação, com o crescente processo de secularização, fez estremecer as estruturas de plausibilidades das religiões que perderam seus postos de donas da *verdade* e do *discurso correto* para a vida religiosa e secular.

Berger (Ibidem) lembra que a plausibilidade da religião depende do suporte social que ela recebe. Só quando o indivíduo permanece na estrutura de plausibilidade é que a concepção do mundo em questão será plausível. Mas o que se viu a partir do século XIX, foi que o mundo da religião tornou-se *um mundo entre muitos*. Começou então uma competição da visão dos diversos mundos que passou a existir dentro do próprio mundo religioso ocidental. Isso mostrou que a maioria das estruturas de plausibilidades religiosas eram *fracas* e se abalaram com as concepções científicas e filosóficas, principalmente a partir do século XX.

O discurso religioso foi abalado. Deus não é mais o centro das atenções e não possui mais todas as respostas para os questionamentos humanos. Contudo, mesmo com o crescente processo de dessacralização da sociedade, o discurso

religioso teve grande influência nas concepções políticas e nas perseguições religiosas a protestantes e comunistas no Brasil e no Estado de Pernambuco, no período que nos propomos a estudar.

Como, os grupos religiosos do Brasil que nos propomos analisar os discursos são protestantes, nosso próximo passo será observar a formação da ética religiosa dessas denominações em seus países de origem, percebendo a importância dessa análise para a nossa temática.

1.3 - O protestantismo: entre as teodicéias em Weber e as crises teológicas em Berger

O protestantismo, corrente religiosa que surgiu na Europa no início do século XVI, mas especificamente em 31 de outubro de 1517, com as 95 Teses escritas por Lutero sendo pregadas na Igreja de Wittenberg contestando alguns dogmas e ações da Igreja Católica, é o grupo religioso que nos propomos a estudar. Apesar de querermos nos aprofundar nas igrejas Batista, Assembléia de Deus e Presbiteriana, e na forma como os discursos anticomunistas foram de grande influência para a posição política de algumas congregações e fiéis em meados do século XX em Pernambuco, tentaremos mostrar como os movimentos que antecederam a formação dessas igrejas foram analisados por alguns estudiosos do protestantismo no mundo, e perceber as contribuições que a visão desses teóricos deixa para a nossa temática.

Ao estudar o capitalismo, que se caracteriza pela busca do lucro e pelo acúmulo de capital, Max Weber (2002), tentou mostrar que a conduta protestante foi de suma importância para a composição do capitalismo moderno. Em suas análises, Weber destacou que os mais habilitados homens de negócio na Europa, os trabalhadores mais especializados, os mais ricos imperialistas do século XVI aderiram ao protestantismo.

Mas o que teria levado o sociólogo a fazer essas considerações? Weber tenta explicar em sua principal obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, o porquê da ascensão do capitalismo moderno está atrelado à ética protestante, e como os dogmas dos diversos movimentos protestantes, que teriam ganhado forças a partir do século XVI, principalmente o calvinismo e as seitas batistas, serviram de

impulso para o *espírito capitalista* em países da Europa Ocidental e nos Estados Unidos.

A partir da Reforma, mesmo com Lutero que é visto por Weber como tradicionalista, o cumprimento dos *deveres da vida* é cobrado dos fiéis como a vontade de Deus. Com isso reforma teria aumentado a ênfase no trabalho secular.

Para Weber (Ibidem), o controle eclesiástico do calvinismo na vida das pessoas, sua busca da perfeição, a doutrina da eleição e a cobrança da moral na vida *mundana* foram de suma importância nessa composição. Weber comparou a vida secular de católicos e protestante e percebeu que nos estudos, por exemplo, os católicos buscavam mais formações em ciências humanas enquanto os protestantes em estudos técnicos, industriais e comerciais.

Os protestantes trabalhavam mais em funções especializadas. Na concepção católica inclusive, eram vistos como materialistas, pois suas profissões visavam o crescimento econômico, e o acúmulo de capital.

Os países protestantes, na observação de Durkheim (2008b), são os que mais investiram na educação primária, para que os fiéis tivessem a oportunidade de ler a Bíblia, e a livre interpretação fosse uma verdade. O autor mostra que isso levou a um maior número de pessoas capacitadas intelectualmente em países protestantes.

Podemos perceber claramente nas resoluções calvinistas a *doutrina da predestinação* como sua principal característica. O que a *predestinação*, ou a *eleição divina* tem a ver com o capitalismo, com o desenvolvimento técnico e intelectual nos países protestantes é o que tentaremos explicar a partir de agora.

A doutrina calvinista da predestinação defende que os homens, já nascem eleitos por Deus e todo o seu destino já foi traçado antes mesmo do mundo começar a existir. A soberania divina teria estabelecido os que estavam destinados ao *paraíso de glória* e os que estavam destinados à *danação*. Como a soberania divina não poderia ser questionada de nada adiantaria, aos que estavam condenados ao inferno, mostrar *arrependimento* e se propor a ter uma postura de vida de acordo com os princípios cristãos, pois Deus não mudaria sua postura pela mudança da postura humana. Weber chama isso de *graça desumana de Deus*, pois não dá opção para aqueles que não tiveram culpa por não terem sido *eleitos* por Ele. Ninguém, nem mesmo O Filho poderiam salvar os não-eleitos, já que Cristo não teria morrido pela salvação dos mesmos.

O Pai do Céu do Novo Testamento, tão humano e compreensivo que se regozija com o arrependimento de um pecador, como uma mulher com uma moeda de prata perdida e reencontrada, desapareceu. Seu lugar foi ocupado por um ser transcendental, além do alcance da compreensão humana, que com Seus decretos incompreensíveis decidiu o destino de cada indivíduo e regulou os mínimos detalhes do Universo para a eternidade. E uma vez que Seus decretos são imutáveis, a Graça seria tão impossível de ser perdida para aqueles a quem a concedeu como impossível de ser obtida para aqueles a quem a negou. Esta doutrina, em sua extrema desumanidade, deve ter tido, acima de tudo, uma conseqüência para a geração que se rendeu a sua magnífica consistência: um sentimento de incrível solidão interior do indivíduo (WEBER, op. cit., p. 79).

Mas quem seriam os eleitos? Quais os sinais que mostrariam que o indivíduo fora alcançado pela graça? Para Calvino, sentindo-se um instrumento da vontade divina, o fiel deveria atestar que era eleito e combater qualquer dúvida do *diabo*, para não ser visto como alguém que tinha uma fé imperfeita e que não possuía verdadeiramente a graça, o que era muito subjetivo e poucos conseguiriam perceber seu estado de eleito desse modo.

Daí que não apenas a luta contra o *diabo*, mas também ações da vida prática do indivíduo passaram a identificar nele o sinal da graça. As boas obras, que não eram vistas como necessárias para a *salvação*, foram cobradas para se mostrar que se fazia parte do grupo dos *privilegiados de Deus*, e eram tidas como *meios técnicos* de se livrar do medo da terrível condenação.

A indução do agir numa conduta ética na sociedade, também fazia parte da percepção da eleição. O comprar e o pagar honestamente, o vender por preços justos, a busca pela riqueza dentro da ética, foi percebida por Weber como um dos sinais da graça daqueles que por ela haviam sido alcançados. O Calvinismo desta forma "... aparece bem mais estritamente relacionado do rigoroso legalismo e com a ativa empresa dos empreendedores capitalistas burgueses" (Ibidem, p. 102).

O pietismo, movimento que possuía alguns traços da doutrina calvinista foi também um grupo que defendeu a doutrina da eleição. A *marca da salvação* para os pietistas era percebida através de uma *vida de comunhão* direta com Deus. Mas nem todos os pietistas defendiam que a graça era algo impossível de ser alcançada pelos não eleitos. Os alemães, por exemplo, defendiam que a graça poderia ser alcançada pelo arrependimento, e por uma conduta moral perfeita na sociedade, o que aliviava a muitos que tinham medo da *danação eterna* imposta por Deus na

concepção calvinista. A racionalização das atividades *mundanas* foi vista como uma necessidade dos eleitos. O trabalho ético e bem feito, o enriquecimento sem a exploração alheia, a economia com o que é supérfluo, a fuga dos prazeres da carne, dentre outros poderia trazer a salvação àqueles que a buscavam (Ibidem).

O Metodismo, movimento que surgiu como proposta de reforma da Igreja Anglicana na Inglaterra, defendia que a graça poderia ser alcançada pelo arrependimento. Os fiéis, nos cultos, viviam constantes emoções por ter alcançado a graça divina não merecida, mas entregue por Deus por misericórdia. Como sinal desta graça alcançada, um testemunho de um verdadeiro cristão (conduta moral) era cobrado daqueles que teriam alcançado a salvação. Isso era uma condição que não deveria ser contestada, pois a salvação poderia ser perdida caso no dia da morte, o indivíduo *se apresentasse perante Deus com as mãos sujas*. A busca pela perfeição na vida deveria ser uma constante. *A libertação do pecado* e uma vida íntegra em todos os aspectos assegurariam a salvação daqueles que por seus esforços a buscavam (Ibidem).

Os batistas são o grupo que mais se afastam da percepção calvinista da predestinação. Foram eles que na Inglaterra no século XVII, criaram a primeira comunidade de *crentes*, onde apenas os indivíduos que quisessem se declarar como tais eram alcançados pela graça de Deus. Posteriormente a denominação ganhou força nos Estados Unidos. Deus teria elegido os homens para a salvação, mas caberia a cada um aceitar ou não a condição de eleito por ele. Esse foi um dos motivos, que levaram ao que Weber chama de seitas batistas, a adotarem a prática dos anabatistas, que consistia em batizar apenas adultos, diferentemente dos calvinistas e luteranos que batizam crianças. Na concepção batista, apenas quando o indivíduo tem a convicção que quer ou não ser alcançado pela graça, é que pode se tornar membro da comunidade religiosa. Quando o indivíduo faz essa escolha, se compromete, a ter uma vida íntegra como forma de agradecimento a Deus pela salvação, que por sinal, uma vez alcançada, diferente do metodismo, não pode ser perdida (Ibidem).

Para os batistas, essa conduta íntegra na vida, assim como nas demais correntes do protestantismo, não era apenas no plano espiritual, mas também na *glorificação a Deus através da vida mundana*.

A obrigação para com a vocação que Deus teria dado levaria a um melhor planejamento racional da vida. Na parte econômica, o salário ganho deveria ser bem

administrado. A propriedade privada era algo a ser conquistado como prova da graça divina, e o sucesso na vida *mundana* era uma prova da *presença de Deus* na vida do *crente*.

Aquilo que Max Weber (1963) chama de *seitas protestantes* (nas quais se incluem os batistas) que se proliferaram nos EUA e posteriormente pelo mundo, é o que hoje se entende pelas diferentes denominações evangélicas ou protestantes, das quais analisamos algumas em nosso trabalho. O crescimento desses grupos religiosos nos Estados Unidos foi devido ao investimento interno feito pelos fiéis, que era cobrado pelas lideranças das congregações como fazendo parte da ética da seita (conduta moral de cada indivíduo), que era um dos pré-requisitos para a manutenção do fiel na *comunidade dos santos*.

Ter uma conduta moral baseada na ética das seitas (batistas, puritanas e metodistas, por exemplo), era algo cobrado do *membro* não apenas dentro da comunidade religiosa, mas principalmente fora dela. O indivíduo para ser aceito como um *membro*, e não apenas como um visitante daquela comunidade, deveria ser batizado. Para tal era pesquisada a vida do indivíduo, e sua relação com a família, com os *vizinhos*, com o trabalho e se fosse comerciante ou industrial, com os negócios. Quanto aos negócios, Max Weber (*Ibidem*) destaca que aqueles que não participavam de nenhuma religião, principalmente protestante, não obtinham com facilidade crédito dos banqueiros norte-americanos até pelo menos no início do século XX. Os que se identificavam como fazendo parte de uma religião, principalmente se fossem batizados em uma das seitas protestantes, possuíam prestígio, pois para participar da seita era exigida uma conduta moral exemplar, e a falta para com a mesma era punida com uma severa disciplina, o que deixava os investidores mais confiantes quanto ao retorno daquilo que eles tinham empregado.

Para Weber (*Ibidem*) a participação numa seita, era inclusive vista como de maior prestígio do que numa Igreja institucionalizada como a Anglicana, por exemplo. Segundo o sociólogo:

... uma Igreja é uma corporação que organiza a graça e administra os dons religiosos da graça, como uma fundação. A filiação a uma Igreja é, em princípio, obrigatória e portanto nada prova quanto às qualidades dos membros. A seita é, porém, uma associação voluntária apenas daqueles que, segundo o princípio, são religiosa e moralmente qualificados. Quem encontra a recepção voluntária da

sua participação, em virtude da *aprovação* religiosa, ingressa na seita voluntariamente (Ibidem, p. 351).

A importância de ser membro de uma seita na vida secular das pessoas se dava também pela exigência de uma ética profissional. Isso para Weber (Ibidem) foi uma das prerrogativas para o sucesso do capitalismo norte-americano, pois pregava uma *honestidade* nas transações, o que aumentava a confiança que os capitalistas tinham nos *crentes*. Ser então, dotado de qualidades para a participação na seita, serviu, segundo Weber, de estímulo ao desenvolvimento capitalista nos Estados Unidos.

O *crente* participante de uma seita era visto como um bom administrador da vida. O controle do tempo era indispensável na vida de um *crente*. Dormir mais de oito horas não era apenas um mal à saúde, mas também um desperdício daquilo que poderia ser produzido no período *desnecessário* do sono. O trabalho passou a ser um meio de glorificação a Deus, e os que possivelmente não trabalhavam não teriam sido alcançados pela graça. Todos, ricos e pobres deveriam trabalhar, pois o trabalho fiel era agradável a Deus. O não possuir um trabalho temporariamente e o ser pobre, era uma circunstância da vida, mas “querer ser pobre era... o mesmo que querer ser doente; era reprovável em relação à glorificação do trabalho e derogatório quanto à glória de Deus” (Idem, 2002, p. 118).

Em suas observações, Weber (Ibidem) percebeu que a ética protestante encontrou um significado para o desenvolvimento do capitalismo. A busca pelo enriquecimento monetário por meios lícitos, e a limitação dos gastos, já que a riqueza não deveria servir para satisfazer os *desejos da carne*, teriam gerado o acúmulo de capital, que é um dos principais pontos da ética capitalista. Weber atribui a isso o espírito burguês que surgiu no meio protestante, onde aqueles que procediam desta forma estavam vivendo na graça de Deus e sendo por ela abençoados.

Mas as igrejas protestantes nos Estados Unidos e na Europa nem sempre são vistas como um *mar de rosas* como percebemos ao estudar Weber. Peter Berger (2004) nos mostra que todo esse desenvolvimento capitalista, toda essa racionalidade, somados ao desenvolvimento industrial, trouxeram crises teológicas nas igrejas protestantes européias e americanas que posteriormente se espalharam pelo mundo chegando inclusive ao Brasil.

Desde a sua formação, o protestantismo aos poucos foi deixando o mistério e a espiritualidade religiosa de lado. A religiosidade protestante foi se projetando diretamente com Deus. Os santos, as novenas, as procissões, as explicações de *milagres inexplicáveis*, foram perdendo o sentido para essa nova corrente religiosa que com o passar dos anos foi se tornando mais *incrédula*. Hoje no universo protestante, o único milagre reconhecido pela maioria dos professos seria o da *graça de Deus*, que consiste na morte de Jesus Cristo para *salvar a humanidade da perdição eterna*.

Essa idéia fez com que a *racionalidade* e a *incredulidade*, levassem a um descrédito nos milagres divinos, e contribuíssem com as crises que levaram ao surgimento do liberalismo teológico, e a uma maior secularização nas correntes religiosas protestantes do que no catolicismo romano, por exemplo.

Essa secularização das idéias religiosas, e conseqüentemente das sociedades, conduziu a uma condição de pluralismo. Nos Estados Unidos, por exemplo, o crescente número de seitas protestantes é uma prova disso. É um novo desafio para a manutenção das estruturas de plausibilidades religiosas. As religiões não são mais impostas, mas postas no mercado para a livre escolha dos *consumidores*, o que gera uma maior possibilidade para o trânsito religioso. A cada dia os conteúdos religiosos estão difíceis de serem vistos como verdades imutáveis. Com a pluralidade religiosa, as estruturas de plausibilidade perdem suas forças, principalmente no propósito da religião servir como confirmação social. A religião, portanto, não legitima mais o mundo, mas procura espaços nos diversos *mundos concorrentes* (Cf. *Ibidem*).

A crise teológica contemporânea está, portanto, baseada na crise de plausibilidade. No protestantismo, onde a pluralidade é mais acentuada, a tendência para a secularização e para a relativização dos conceitos religiosos foi mais forte. Para Durkheim (2008b), a estrutura do culto reformado e a livre interpretação bíblica, tornaram as denominações protestantes e os países cuja maioria das pessoas adotou a referida doutrina, individualista. Quanto mais numerosas são as vontades de agir e de pensar principalmente dentro do campo religioso, mais numerosas são as possibilidades que se abrem para pensamentos diferentes.

No seu início, o protestantismo era tão fechado ao pensamento secularizado quanto o catolicismo. Porém, como as estruturas de plausibilidades do luteranismo, anglicanismo e do calvinismo, sofreram choques com o surgimento do pietismo e do

iluminismo, a racionalidade passou a abalar as bases de sustentação teológica desses grupos. À medida que não se obedece ao mesmo líder, não se vive a mesma fé universal (há de se levar em conta que os protestantes devido a livre interpretação não pertencem a uma comunidade única de fé como os católicos) e não se está preso à mesma visão religiosa e cultural, a integração entre os indivíduos fica mais difícil se dar (DURKHEIM, 2008b).

A emergência do liberalismo teológico, que teve como um dos motivos essa pluralidade de interpretações, foi uma das crises teológicas protestantes. A troca de *favores* com o pensamento secular serviu, segundo Peter Berger, para definir a prática liberal nesse universo religioso: “... vamos dar a vocês os milagres de Jesus, mas conservaremos o lado ético”; ‘podemos ceder com relação ao nascimento virginal, mas manteremos a ressurreição’ e assim por diante” (BERGER, 2004, p. 169).

Essas concepções vinham se expandindo na Europa e principalmente nos EUA desde o final do século XIX. Com o novo liberalismo a religião passou a ser uma questão de livre escolha e perdeu seu caráter obrigatório. As *realidades* religiosas foram transferidas para um quadro na consciência do *crente*. Os acontecimentos descritos na Bíblia deixaram de ser vistos como acontecimentos comprovados cientificamente e passaram a serem vistos como acontecimentos na história social do indivíduo como a ressurreição de Cristo, por exemplo.

Entender as concepções desses teóricos que acabamos de citar, é de suma importância para compreendermos a posição política dos fiéis e lideranças protestantes do Brasil e principalmente de Pernambuco em meados do século XX. cremos que a ética protestante descrita por Weber, a crise nas estruturas de plausibilidade descrita por Berger e principalmente, o simbolismo e a sua importância na composição do discurso religioso proposta por Bourdieu, nos darão um norte na discussão empírica deste trabalho que é o próximo passo da nossa dissertação.

Capítulo II

“É Tempo de desmascarar o embuste comunista” – os protestantes em campanha contra o comunismo

O japonês ensina: buscai primeiramente o imperador e todas as demais coisas vos serão acrescentadas...
O chinês ensina: buscai primeiramente a família e todas as demais coisas vos serão acrescentadas...
O mulçumano: buscai primeiramente a vontade fatalista de Alá...
O budista: buscai primeiramente o nada e o nirvana vos será acrescentado...
O comunista moderno: buscai primeiramente a sociedade expressa na vontade do seu ditador proletário e tereis tudo...
O fascista: buscai primeiramente a raça superior...
O capitalista: buscai primeiramente o dinheiro...
O hendiunista moderno: buscai primeiramente o prazer...
O cristão verdadeiro: buscai primeiramente o Reino de Deus e sua justiça...

(Buscai Primeiramente, **O Arauto Pentecostal**)⁵

Apesar do discurso apolítico de algumas lideranças protestantes, uma parte das denominações evangélicas que nos propomos a estudar (batistas, presbiterianos e assembleístas) se engajou na política de diversas formas. Com o fim do governo de Getúlio Vargas em 1945 e o início da Guerra Fria em 1947, uma das formas de participação política por esse grupo foi à adesão ao discurso anticomunista, que passou a ser algo mais presente na sociedade pernambucana em meados do século XX.

Jornais, polícia, governantes, partidos políticos, fizeram o que podiam para que as idéias marxistas não tivessem espaço em nenhum núcleo social de Pernambuco. Nesse segundo capítulo, nosso *locus* de análise será esse grupo, que vinha crescendo numa progressão geométrica no Estado, os protestantes (SIEPIERSKI, 1987), e seu comportamento frente a outro grupo que também era crescente em Pernambuco: os comunistas. É certo que nem todos aqueles que eram chamados de comunistas o seriam realmente. Porém, num Estado que era

⁵ Buscai primeiramente. **O Arauto Pentecostal**. Recife, jun. 1952. p. 6.

visto como uma bomba prestes a explodir, todos aqueles que tentavam contrariar a ordem estabelecida, eram tidos como tais.

Nesse cenário, onde a busca por um maior exercício do poder político se deu de forma intensa, os protestantes, em Pernambuco, tiveram sua parcela de contribuição no combate ao comunismo, para que estes, de forma alguma, como nos apresentam os periódicos, chegassem a dominar o cenário político nacional e conseqüentemente o estadual.

Os discursos que analisamos nos periódicos, que circulavam nas Igrejas evangélicas pernambucanas e das entrevistas que nos serviram também para entender o momento histórico que estamos estudando, foram as principais fontes do nosso objeto de análise. É certo que nem todos os jornais que apresentaremos foram editados no Estado, mas por circularem em Pernambuco, nas congregações das respectivas denominações que os editavam, tiveram grande importância para nossos debates.

De início, procuramos entender como os protestantes apresentaram a ideologia marxista com o objetivo de *excomungá-la* da sociedade pernambucana, mostrando-a, principalmente, como atéia e materialista, e dessa forma *não deveria* ser aceita no meio evangélico.

Posteriormente, nos debruçamos sobre os discursos proferidos contra os países que adotaram o socialismo, bem como o apoio que foi dado aos Estados Unidos pelos protestantes na Guerra Fria, por questões diversas, e os objetivos que tais discursos tinham ao serem propagados no meio evangélico. Essas elocuções procuravam mostrar o comunismo internacional e seu principal representante, a União Soviética, como destruidores de nações, de famílias, e principalmente de Igrejas, em oposição aos Estados Unidos, que por razões que mostraremos adiante, é tido como um país referencial para os protestantes pernambucanos.

Por fim, vimos como os protestantes que não aceitavam as posições de seus líderes, foram vigiados pelas lideranças de suas respectivas denominações. Além disso, alguns templos também foram vigiados pela polícia, pois qualquer reunião, inclusive cristã, era tida como uma possibilidade de aglomeração de comunistas.

2.1 – A luta da *luz* contra as *trevas* - o combate dos *crentes* à ideologia comunista

Temendo uma possível revolução socialista devido ao desempenho das esquerdas pernambucanas⁶ (Partido Comunista Brasileiro, Frente do Recife, Ligas Camponesas, dentre outras) em vários âmbitos da sociedade, os protestantes enfatizando uma visão ateísta da ideologia comunista, seja através dos jornais, seja no púlpito dos templos, fizeram uma intensa oposição à ideologia marxista por considerá-la anticristã⁷.

Apesar da idéia de afastar os fiéis do contato com o comunismo ter sido presente desde a fundação do PCB⁸, podemos observar essa oposição com muita freqüência no período do nosso recorte histórico. Esse é denominado como de redemocratização, e a ideologia comunista, nos jornais protestantes, era vista como antidemocrática por passar a idéia que “o Partido Comunista ‘sempre foi irreconciliavelmente oposto à religião e sempre o será e de uma forma decisiva’”⁹, deixando para qualquer fiel, o *dever* que esse teria de fazer oposição ao comunismo.

O *Jornal Batista* em 1953, citando Billy Graham enfatizou que “se há comunista nas fileiras do ministério cristão, é dever das igrejas tirar do seu meio esses falsos profetas”¹⁰. Daí a analogia que o evangelista Billy Graham faz ao citar os comunistas como *Mentirosos* e deturpadores da mensagem cristã, pois não estariam falando em nome de Deus, ao conclamar os evangélicos a expulsarem os marxistas do convívio protestante.

Sobre o referido evangelista, é de suma importância nos debruçarmos um pouco sobre este que foi além de pregador protestante, um dos grandes articuladores políticos mundiais no século XX, e que em seus sermões influenciou evangélicos em todo o mundo a combaterem os princípios marxistas.

⁶ É importante ressaltar que o Recife, nesse período, era tido como um *reduto de esquerdistas*. Muitos candidatos de esquerdas, principalmente da Frente do Recife, tinham êxito nas eleições graças principalmente ao apoio do PCB e do PSD (Partido Social Democrático). Vale também lembrar que no período de 1945 a 1955, em todas as eleições realizadas na capital pernambucana, quando coligados, comunistas e socialistas, sempre obtiveram um percentual superior a 50% dos votos válidos (Cf., AGUIAR, 1993).

⁷ Comunismo e cristianismo. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro, 31 jan. 1946. p. 1,4.

⁸ Partido Comunista Brasileiro. Fundado em 1922.

⁹ O comunismo reafirma sua oposição a religião. **O Norte Evangélico**. Recife, out. 1953. p. 2.

¹⁰ O comunismo não se coaduna com o ministério cristão. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro, 10 set. 1953. p. 8.

Billy Graham nasceu no dia 07 de novembro de 1918 em Charlotte, Carolina do Norte, Estados Unidos. Filho de Morow Coff Graham e William Franklin Graham, este último presbítero da Igreja Presbiteriana de Charlotte, foi criado dentro dos princípios que regem a fé protestante. Sua conversão ao protestantismo de fato se deu em sua adolescência, numa série de conferências evangelísticas que ocorrera em sua cidade. Desde então teria se convencido que a *fé protestante* deveria ser levada a *todos os povos do mundo*. Mas tarde se batizara numa igreja batista, onde a partir de então se destacou como o *maior evangelista protestante do século XX*.

Em 1949 iniciou suas pregações em cruzadas evangelísticas na cidade de Los Angeles e daí partiu para todos os continentes tornando-se mundialmente conhecido. Billy Graham estudou em diversos seminários de teologia, mas por diversos motivos não conseguira concluir o curso. Seus sermões eram *autodidatas*, com palavras simples, pois acreditava que desta forma seria mais bem entendido por aqueles que o ouviam.

Em suas pregações, além de usar muito a Bíblia, enfatizava aquilo que chamava de grandes problemas da humanidade. *A miséria, o pecado, o racismo* e principalmente a *ideologia comunista* a quem atribuía a responsabilidade pelo nascimento da *primeira nação atéia da história*, eram uma constante em suas conferências.

Para o evangelista, os comunistas estariam se empenhando na destruição da moral do mundo através da mentira. Não adiantaria guerras ou uma contra-ideologia para combater o marxismo. As idéias de Karl Marx só morreriam caso os crentes se unissem em oração para derrotá-las, pois não se tratava de uma simples luta política, mas de uma *batalha entre o bem e o mal*. Os cristãos deveriam ficar atentos com a expansão do comunismo no mundo, afinal, estariam perdendo espaço para uma doutrina que segundo o referido pastor batista, teria por objetivo destruir o cristianismo bíblico (Cf., FERREIRA, 1962).

Sobre a expansão do comunismo Blilly Graham teria dito:

O maior empreendimento evangelista do mundo moderno é o comunismo. O movimento começou em 1913, quando Lenine dispunha de 60 homens, que se reuniam em Londres. Muitos riram dêle. Depois êste movimento convulsionou a Rússia e hoje os que seguiram aquêle pequeno grupo controlam uma têrça parte do mundo e têm minoria dedicada em todos os países. E isso em 40

anos. Eles têm feito com a mentira mais do que nós com a verdade (Ibidem, p. 82, 83).

Um sistema político autêntico deveria se estabelecer de acordo com os princípios bíblicos e baseado na *verdade*, pois o próprio Cristo teria dito que ele era a *verdade*. Já os comunistas só usariam a *verdade* se pudessem tirar proveitos dela. Contrário ao cristianismo, Lênin teria declarado que se deve *mentir* em nome da revolução, se a *mentira* for uma questão de sobrevivência para o regime. Criticando o suposto uso de inverdades pelos que aderiram ao sistema político comunista, John Elder (1953) vai um pouco mais além:

Dir-se-á que o Comunismo prega a mentira só para seus inimigos e não para os companheiros de Partido ou para seu próprio Governo. Mas o caráter não pode ser dividido assim. Quando o indivíduo aprende que a mentira é justificável para atingir determinados fins, perde todo o respeito pela Verdade e usa a mentira também quando a julga de proveito próprio (Cf. Ibidem, p. 44).

Tais discursos tinham o objetivo de afastar os fiéis de qualquer aproximação com a ideologia marxista, trazendo notícias de cunho ateísta referentes a algumas ações tomadas por nações comunistas contra os cristãos, onde segundo os jornais, esses países colocavam a religião como algo que deveria ser combatido¹¹. Os discursos eram produzidos com o propósito de despertar nos fiéis aversões no que estavam lendo e dessa forma propagar junto às lideranças das instituições, as idéias anticomunistas nas comunidades religiosas ou laicas, como uma universidade, por exemplo, em que cada fiel possivelmente fizesse parte.

Um dos motivos que levaram muitos fiéis a aceitarem os discursos anticomunistas dos jornais, ou dos templos, foi à relação que se fazia com o *divino*. Este simbolismo foi o que levou muitos protestantes a ter aversão ao comunismo, pois a *mensagem anticomunista* teria sido discursada por um líder que seria “um servo de Deus, a quem ele deve amar e por quem ele deve zelar”¹².

A matéria abaixo ilustra o que colocamos no parágrafo anterior. Nela seu redator tem a intenção de mostrar que o comunismo e o cristianismo seriam concepções antagônicas, valendo-se do discurso religioso, do uso do poder

¹¹ O Marechal Tito ataca a religião. **O Norte Evangélico**. Recife, 30 nov. 1952. p. 2.

¹² Perguntas e respostas. **O Arauto Pentecostal**. Recife, jun. 1954. p.8.

simbólico e da relação que o fiel tem com o sagrado, já que ele usa trechos da Bíblia, que no cenário cristão é tida como a *voz de Deus*.

Prezado Irmão Diomedes, pode um crente ser comunista? Resposta: Não, de modo nenhum. O comunismo é ateísmo. O comunismo não admite crença em Deus nem obediência à religião. Haja vista o que disse o grande chefe vermelho: “a religião é o ópio do povo”... Para o comunismo, um ministro do evangelho é um parasita, mas para um crente é um servo de Deus, a quem ele deve amar e por quem ele deve zelar. Paulo disse: “não tenho de que acusar minha nação”... O comunista acusa sua pátria e conspira contra o regime. A Bíblia diz: “temei a Deus, respeitai as autoridades”. O comunista manda desobedecer a tudo! Podemos ver o contrário: pode um comunista vir a ser um crente, visto poder o homem deixar o seu mau caminho e converter-se a Deus, dado que muito pode o sangue do Cordeiro! Creio na regeneração feita pelo Espírito Santo. Se alguém é crente, aproxime-se mais do Senhor para sua felicidade e fuja dessas ideologias que arrastam o homem à desgraça¹³.

É perceptível o modo enfático que se procurou colocar o comunismo em oposição ao cristianismo. A expressão “Não, de modo nenhum”¹⁴, procura mostrar que há uma impossibilidade de um fiel se declarar comunista, já que não dá outra opção, pela expressão: ou se é comunista, ou se é cristão. “O comunismo é ateísmo”¹⁵. Essa referência é feita em diversos periódicos, que apresentamos ao longo da dissertação, mostrando que seria incompatível para alguém que professa uma fé religiosa, aderir a uma “filosofia essencialmente materialista, que tenta excluir Deus das nossas relações”¹⁶.

Para Klaus Bockmuehl (1988), o ateísmo e a crítica à religião ocupam o lugar central dentro do marxismo, quando esse defende que ao eliminar a religião nasce a verdadeira liberdade humana. Os marxistas teriam tentado *confundir a cabeça* dos cristãos ao afirmar que o homem teria criado Deus, pois se sentia desamparado e precisava de uma força superior para enfrentar os problemas da humanidade. Esse discurso seria uma estratégia do marxismo ao transformar concepções teológicas em antropológicas para, desta forma, ter como tecer críticas à religião. O cristianismo, inclusive para Marx, teria sido uma religião que surgiu e se expandiu *graças* à situação de miséria social que existiu no século I.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Comunismo e cristianismo. **Brasil Presbiteriano**. Recife, nov. 1961. p. 10.

O autor acaba *advertindo* que os cristãos não devem dar ouvido às críticas marxistas que pregam que “Deus é apenas fruto da fé do crente” (Ibidem, p.22), mas crer nos relatos dos *Evangelhos*, ao invés de confiar nas teorias sócio-históricas que tentam *desvirtuar* os homens dos *Caminhos de Deus*¹⁷.

Outro trecho a ser analisado é a citação de São Paulo e a frase seguinte, a qual enfatiza que “O comunista acusa sua pátria e conspira contra o regime”¹⁸.

Em entrevista realizada com Cácia Rosa, filha de um ex-pastor percebemos uma sintonia de informações com o que nos passa a matéria anterior. A mesma relata que seu pai, José Rosa dos Santos, quando presidente das Assembléias de Deus em Pernambuco (setembro a novembro de 1953), dizia que um cristão devia obediência irrestrita ao Estado. O mesmo aconselhava aos fiéis para que nas eleições votassem no *candidato do governo*, pois como as autoridades teriam sido *estabelecidas por Deus*, quem contrariasse o sistema político em vigor estaria ao mesmo tempo indo de encontro à vontade divina¹⁹. Os governantes teriam sido estabelecidos por Deus, e um comunista, quando “acusa sua pátria e conspira contra o regime”²⁰, não estaria de acordo com o que “a Bíblia diz: ‘temei a Deus e respeitai as autoridades’”²¹.

A filosofia marxista foi combatida, segundo os protestantes, por além de *pregar o ateísmo*, falar das relações humanas apenas como sendo materialistas²² deixando de lado Deus e o plano espiritual. Para Paul Freston (1988), há certa dificuldade dos cristãos em conhecer e dialogar com o marxismo, pois os elementos

¹⁷ É interessante ainda observar a visão que J. Andrés Kirk faz do marxismo. Segundo o autor, Marx conclui que “... toda a religião demonstra a existência de uma falsa consciência. A crença em algo além do homem e do seu mundo revela a busca humana de uma recompensa pela sua incapacidade de acabar com a alienação. A religião é parte integral da superestrutura de qualquer cultura humana. Surge como consequência inevitável da estrutura econômica. Como a superestrutura corresponde a uma estrutura alienada, a religião é uma extensão lógica desta alienação. Por outro lado, quando cessar a alienação, a religião também desaparecerá... quando a história verdadeira começar, toda a religião tornar-se-á supérflua” (KIRK, 1988, p. 53, 54).

¹⁸ **O Arauto Pentecostal**. Recife, jun. 1954. p.8

¹⁹ Cácia Rosa. Entrevista concedida ao autor na residência da entrevistada. Olinda, 24 de maio de 2008.

²⁰ **O Arauto Pentecostal**. Recife, jun. 1954. p.8

²¹ Ibidem.

²² O discurso corrente neste período era de que os comunistas eram puramente materialistas. Todos os cristãos então *deveriam* se afastar destes, já que “ele não crê no arrependimento, acha que a conduta do homem é baseada puramente nas cousas materiais. Não há possibilidade, ou mesmo não existe absolutamente, o renascimento do indivíduo para uma nova vida; acha que o mal deve ser combatido pelos métodos necessários. O homem puramente material tem muito pouco valor, realmente. A verdade para êle torna-se um instrumento de política e de conveniência: o amor é uma necessidade biológica, que pode existir ou deixar de existir. Os homens não podem ser iguais aos olhos de um Deus que não existe, e é claro que êste Deus que não existe, não pode ser chamado para auxiliar os homens em seus esforços em prol de um mundo melhor” (ELDER, 1953, p. 11, 12).

antropológicos e escatológicos desse são incompatíveis com o *cristianismo bíblico*. O ateísmo e o materialismo seriam os principais empecilhos para essa aproximação.

O autor critica ainda o marxismo, pois segundo o mesmo, Marx, sem se dar conta do que aconteceu na história, prometia para o mundo um final feliz num sistema comunista, como alguém onisciente que pode prever o futuro. A onisciência inclusive para os cristãos só existe em Deus, e sendo Marx alguém que *poderia prever o futuro*, era mais um motivo que os *crentes* teriam para excluir o marxismo de suas relações materiais e/ou espirituais. O comunismo seria então, um sistema de doutrina que tem sua origem:

... na tessitura filosófica de Carl Marx (sic), para quem a realidade das coisas tem por fundamento básico a matéria em movimento constante. Para êle, todos os nossos ideais, fruto do pensamento, são reflexos do mundo material em nós. Em palavras mais claras: só existe a matéria. É ela que sente, pensa e quer. Nós somos tão somente instrumentos. Vê-se que é uma filosofia essencialmente materialista, que tenta excluir Deus das nossas relações²³.

“Excluir Deus das nossas relações”²⁴. Esse seria o papel do marxismo para boa parte dos protestantes, o que para Olga Tavares (1998) não seria tão fácil em se tratando de um país essencialmente religioso, já que *Deus* estaria presente nos discursos fundadores do Brasil. “Os discursos fundadores remetem a uma história que traz a sensação de já ter sido vivida ou que já é conhecida...” (TAVARES, 1998, p. 59). Estando o sagrado desde a Independência política do Brasil em relação a Portugal até todo o desenrolar do século XX, presente nos discursos políticos brasileiros, logo para alguém entrar de forma pacífica no poder público nacional seria necessário dialogar com a religião. Os periódicos que analisamos, colocam o comunismo oposto à religião, e para os protestantes uma idéia que a combatesse não deveria ser comungada em uma sociedade cristã²⁵.

Assim como o Estado, principalmente em se tratando da polícia, os protestantes se diziam atentos à expansão comunista no Brasil, e temendo uma possível revolução como ocorrera em 1917 na Rússia, *alertava* os fiéis enfatizando que:

²³ **Brasil Presbiteriano**. Recife, nov. 1961. p. 10.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ *Ibidem*.

O Evangelismo brasileiro, como o Protestantismo em todo o mundo, é radicalmente infesto ao comunismo ateu, não porque tema a ideologia vermelha, mas porque lhe conhece a estrutura materialista e a dialética histórica. Consequentemente, nós, evangélicos, repudiamos a doutrina marxista, porque temo-la como nociva aos valores espirituais e à liberdade humana²⁶.

Para G. Cottier, (1968) o cristianismo teria uma visão ateísta do marxismo, por apresentar uma negação categórica de Deus. Para os cristãos, o conhecimento de Deus faz parte da natureza humana e a negação da divindade seria uma atitude contra essa natureza. A idéia marxista não se coadunaria com a cristã, por buscar a salvação do corpo, enquanto o cristianismo busca a salvação da alma.

Fazendo uso de um contra-discurso²⁷, os cristãos foram criticados pelos marxistas por se preocuparem com a vida espiritual não tratando da vida terrena. G. Cottier ressalta que para os marxistas ortodoxos, as religiões alienam os homens quando não propõe em seu bojo lutar pelo mundo material. Uma grande crítica feita ao cristianismo pelos teóricos de esquerda, seria porque essa religião pregaria um *mundo imaginário* tentando esquecer as mazelas porque passam os seres humanos, buscando resolver os problemas sociais por meio da mistificação, negando a luta de classes estudada por Marx e Engels²⁸.

A ideologia religiosa teria sido produzida na intenção de justificar a exploração do *homem pelo homem*, edificando desta forma uma sociedade alienada²⁹. Esse

²⁶ Agentes comunistas disfarçados de religiosos virão ao Brasil em 1960. **Brasil Presbiteriano**. Recife, out. 1959. p. 12.

²⁷ Contra discurso é a formação de enunciados contrários às elocuições difundidas por algum grupo organizado, ou por intelectuais. Tais propostas em sua maioria são enunciados antagônicos que disputam a legitimidade e a dizibilidade de teorias políticas, sociais e culturais (FOUCAULT, 2004).

²⁸ Em análise das relações entre o marxismo e as religiões, principalmente cristãs, Ivo Lesbaupin (2007), faz algumas considerações que vemos como importantes destacarmos em nossa análise. Primeiro o autor faz uma leitura da perspectiva religiosa de Marx, onde a religião seria um suspiro de uma cultura oprimida de um grupo que buscaria de forma ilusória uma vida futura de glória após a morte. Quando findasse a exploração do homem pelo homem, não haveria mais alienação, portanto, se extinguiria a religião. Quanto a Engels, o autor destaca que ele compara o cristianismo primitivo com o socialismo. Engels acaba criticando o cristianismo de sua época por ter se afastado do *suposto propósito* pelo qual tinha nascido: lutar contra as injustiças sociais, e muitas vezes justificar a exploração social. Rosa Luxemburgo, segundo Lesbaupin, também teria feito uma crítica semelhante a de Engels pois, para a autora, as diferentes denominações cristãs se afastaram dos *princípios primitivos*, que eram os de trabalhar pelos mais humildes. Gramsci teria observado o cristianismo primitivo como uma forma de resistência contra a dominação do Império Romano. Quando o Estado (neste caso o Império Romano) se tornou repressivo e não permitiu a formação de organizações sociais, a única forma de se organizar socialmente teria sido através da religião. A partir do momento que o cristianismo se institucionalizou, teria perdido o seu caráter de *libertação social*.

²⁹ É claro que muitos marxistas ainda hoje vêem a religião como um sistema *alienador e reacionário*. Porém nem todos vão por esse caminho. O século XX fez com que alguns religiosos e alguns marxistas se aproximassem para lutar contra um inimigo comum: a miséria. Tanto a religião como o marxismo teve uma releitura daqueles que outrora eram opositores. A religião, para Fidel Castro

homem tenta se livrar dos problemas terrestres através da mistificação e com isso encobrir suas alienações. A salvação do *homem* para o marxismo estaria na própria humanidade, daí a não necessidade de algo transcendental para salvá-lo (Ibidem).

Guy Besse (1976), em conversa com o Pastor Albert Gaillard, destacou que ser ateu não é necessariamente ser comunista. O autor lembrou que os princípios de Karl Marx não são baseados no ateísmo, mesmo tendo, segundo o autor, o ateísmo contribuído para a construção do pensamento marxista, já que para Marx, ao se libertar de concepções religiosas, o ser humano pode mergulhar melhor em idéias revolucionárias.

Para Guy Besse como o marxismo defende que o homem criou Deus com o objetivo de compensar as decepções terrenas, é criticado pelas religiões cristãs, principalmente protestantes, no cenário que estamos estudando. O objetivo do ateísmo marxista não é extinguir Deus, mas dar a possibilidade ao homem de lutar por justiça social sem a ajuda divina, daí o não interesse na busca de uma divindade numa sociedade que se declara comunista. Isso porque um comunista que defendesse os homens, de acordo com as idéias absolutas da religião, estaria ferindo os seus princípios.

Em 1952, o *Arauto Pentecostal* trouxe uma matéria que gera uma discordância com a concepção de Guy Besse acerca do debate cristão-comunista, na qual veremos a seguir:

... um dos mais eminentes chefes do socialismo ateu, disse na Tribuna da Câmara certa vez: “o cristianismo, a doutrina pura do evangelho de Cristo, é funesta para a humanidade e para o proletariado particularmente porque ensina a submissão e a resignação, a imolação voluntária em lugar de impedir os homens a revolta e as reivindicações que exige a dignidade humana”. Mas por que esse orador compreendeu o cristianismo assim? A resposta não é difícil de dar visto que vemos no ateu, um homem de idealismo material; e Jesus na sua “Sagrada Palavra” declara que o homem material não compreende as coisas espirituais, porque elas se percebem espiritualmente³⁰.

poderia servir como *ópio*, caso se aproximasse dos objetivos dos *opressores*, ou como *antídoto* social, caso se aproximasse dos objetivos dos oprimidos. Para Michèle Bertrand poderia ser reacionária, se lutasse contra as necessidades dos oprimidos, ou revolucionária, caso se dedicasse à causa desses. Ou como fonte de engajamento social na luta não apenas por libertação espiritual, mas também social, como analisa Michael Löwy (Cf. LESBAUPIN, op. cit.).

³⁰ Suportando a cruz. **O Arauto Pentecostal**. Recife, jul. 1952. p.8

Analisando o periódico na ótica de Guy Besse, se um trabalhador cristão entrasse numa luta de classes e não aceitasse a exploração capitalista, iria sofrer mudanças em suas convicções religiosas. Essas concepções teriam sido criadas pelos homens para fuga de problemas que precisam ser resolvidos de forma terrena e muitas vezes são transferidos para o plano espiritual. Esses problemas só seriam resolvidos numa sociedade socialista, onde a religião não teria espaço para que não alienasse as pessoas.

Ao contrário do que vimos anteriormente onde um redator diz que um comunista pode tornar-se cristão caso deixe as propostas do partido³¹, Guy Besse (Ibidem) defende que um cristão pode tornar-se comunista, não necessariamente negando Deus, mas deixando suas concepções religiosas fora das lutas pela melhoria social. Com isso, se espera que tal membro não transporte para o sobrenatural as situações de miséria da humanidade, se tornando, assim, mais uma *pedra de tropeço* na luta pela transformação da sociedade. Segundo o autor, Karl Marx propõe a Luta pela *felicidade real*, enquanto as religiões defendem a *felicidade ilusória*, por tais motivos, sugere que o comunismo e o protestantismo seriam ideologias opostas difíceis de entrar num diálogo harmônico.

Nesse sentido de concepções antagônicas, Pietro Ubaldi (1984) ao tratar da relação do comunismo com o cristianismo ao longo do século XX, nos apresenta o cristianismo como uma fêmea, leve, cheia de esperanças que prega o amor, e conseqüentemente, se opõe ao macho (o comunismo), incapaz de ver o sentido da vida das coisas e ter sentimento para com as pessoas.

Se a igreja é fêmea o comunismo é macho... o programa no fundo, é o do evangelho, que a vida se pôs agora a aplicar com os métodos do macho, depois de o ter pregado por dois mil anos com os da fêmea... se o cristianismo procura realizar a justiça social com amor, o comunismo busca realizá-la com a força. No primeiro caso, chegue-se àquela finalidade pela caridade com a via de bondade e do sentimento; no segundo, com o trabalho obrigatório para todos em posições definidas de direitos e deveres. De um lado, uma economia de generosos impulsos da alma, do outro, a parcimônia da férrea disciplina (Ibidem, p. 142, 143).

Os cristãos deveriam usar a *cruz* e não a *espada* para sanar os problemas sociais, e tentar implantar o reino de paz com a o amor e não com a força como

³¹ **O Arauto Pentecostal**. Recife, jun. 1954. p.8

supostamente faziam os comunistas. Se isso fosse um motivo para os *crentes* sentirem-se acusados pelos comunistas de serem dogmáticos, esses não poderiam temer, pois o *Espírito da Verdade* diz que essa atitude é correta. Até porque os protestantes não deveriam dar ouvidos às críticas marxistas, já que se resumiam a uma ideologia, um movimento e um programa que separam os homens apenas como proletariados e inimigos do proletariado, e acima de tudo um movimento profundamente anticristão. E contra isso os evangélicos deveriam se unir e ficarem *alerta* para, desta forma, não se deixarem influenciar pelas propostas do *comunismo ateu* (Cf., JONES, 1974).

Realizar *justiça social com amor*, nos *métodos da fêmea*, foi uma *preocupação* dos protestantes em Pernambuco no período em que estamos estudando. Alcançar as pessoas pelo trabalho da religião, era um dos objetivos da conferência **Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro** (que abordaremos de forma mais aprofundada no capítulo seguinte), para não permitir que os comunistas alcançassem os pernambucanos *com força, com o trabalho obrigatório para todos*, e por meio de uma *férrea disciplina*.

Contrário ao que defende Guy Besse (op. cit.) e corroborando com as concepções de Pietro Ubaldi (op. cit.), em 1949, *O Jornal Batista* faz um *alerta* aos fiéis para quais seriam os princípios ideológicos marxistas:

1. ódio a Deus e todas as formas de religião (um verdadeiro comunista tem que ser ateísta).
 2. Destruição da herança e propriedade privada.
 3. Absoluta igualdade social e racial (excetuando-se os comissários, oficiais, especialistas, etc.); promoção de ódio às classes.
 4. Propagandas revolucionárias para agitar as atividades comunistas e radicais com o fim de suscitar greves, revoltas, sabotagem, derramamento de sangue e guerra civil.
 5. Destruição de todas as formas de governos representativos ou democráticos, inclusive as liberdades civis, tais como liberdade da palavra, da imprensa e do rádio.
 6. O objetivo último e final é, por meio de revolução mundial, estabelecer a ditadura chamada proletária, sob a bandeira vermelha, em uma UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOVIÉTICAS SOCIALISTAS (U.R.S.S.) com capital em Moscow.
- Diante disso, perguntamos nós: Pode um crente verdadeiro ser comunista e pertencer a uma igreja?³².

³² Princípios e adjetivos que se baseiam o comunismo. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro, 27 jan. 1949. p. 4.

O primeiro ponto da reportagem vem corroborar com o que trouxemos anteriormente, em que G. Cottier (op. cit.) destacou o enfoque ateu em que se daria a propaganda comunista. Quem odeia Deus *está impossibilitado* de ser aceito numa comunidade cristã, e o sentido dado à propaganda religiosa era que o amor de Deus estaria acima de todas as coisas.

A seguir, a destruição da propriedade privada. Essa questão foi abordada por Max Weber (2002) na qual defende que o princípio capitalista, conseqüentemente, a defesa da propriedade privada, esteve presente na formação da ética protestante. Não é nossa pretensão entrar na discussão do pensamento weberiano neste capítulo, mas a defesa da ideologia privatista sempre esteve presente nos países capitalistas e é muito latente nos países desenvolvidos, principalmente, onde o protestantismo é mais forte, como Inglaterra, Estados Unidos, etc.. Vale ressaltar que o protestantismo foi implantado no Brasil por esses países, que por muito tempo financiaram construções de templos, escolas secundárias, faculdades, seminários, entre outros.

No contexto que estamos estudando, a União Soviética e os Estados Unidos eram antagônicos em suas idéias. Um país que financiasse o crescimento do cristianismo protestante em Pernambuco teria apoio nesse duelo, como se deu aos norte-americanos, quando se falava do comunismo internacional, que analisaremos mais adiante.

O terceiro tópico traz algo de interessante. Primeiro que o comunismo defende uma igualdade social e racial, mas com a *advertência* de que os líderes estariam em uma posição de dessimetria aos subordinados, uma referência ao que acontecia nos países comunistas, ao mesmo tempo fala que essa igualdade racial poderia trazer ódio às classes.

A seguir vem a idéia de conspiração contra o regime estabelecido com greves, sabotagens, revoltas, o que seria *inaceitável para um cristão*, pois esse devia respeito e subordinação às autoridades³³. Os dois últimos pontos trazem o fim de todos os governos democráticos, das liberdades civis dentre as quais estaria a não-liberdade de propagação de fé e a criação de uma só nação que seria a União Soviética.

³³ O **Arauto Pentecostal**. Recife, jun. 1954. p.8

Após colocar os fiéis frente a tais interpretações, deixa-os de *mãos atadas* para responder se um cristão deveria ou não ser um comunista ou simpatizar com uma doutrina que “... terão como alvo combater a palavra de Deus e lutarão por todos os meios para alcançar o alvo que é um país sem Deus”³⁴, constringendo assim algum fiel que possivelmente discordasse da visão de seus líderes.

Materialista e principalmente ateuista. Essa era a forma que a ideologia comunista era posta nos jornais protestantes que circulavam em Pernambuco, com o objetivo de impossibilitar aos fiéis o diálogo com o marxismo, que era colocado como uma idéia subversiva, que viria romper os princípios morais da sociedade. Princípios esses, que nos discursos protestantes, poderiam destruir nações. Logo os evangélicos pernambucanos deveriam tomar como exemplo, as notícias dos jornais acerca dos países comunistas, para não se coadunarem com tal ideologia, mantendo assim o exemplo de um *verdadeiro crente*.

2.2 – Metade do mundo jaz no maligno - os discursos contra o comunismo internacional

A vigilância dada ao comunismo nos jornais protestantes, não foi apenas às ideologias marxistas ou derivadas do marxismo, mas também nos lugares em que elas foram empregadas. Os países que fizeram revolução, ou que o comunismo se instalou durante a expansão da União Soviética, por exemplo, estavam constantemente nas páginas dos periódicos pernambucanos, principalmente cristãos, e mais especificamente protestantes, do qual se trata nosso principal foco de análise.

Em diversas notícias o comunismo que era tido como símbolo de ateísmo, também foi mostrado como um empecilho à expansão do cristianismo no mundo.

Não podemos afirmar que havia certa relação na intenção dos diversos periódicos que apresentamos em nosso trabalho no que se refere ao discurso anticomunista. Porém temos que admitir que a forma de se tratar o tema era enfática em todos, procurando não dar brechas para circularidade da propaganda comunista na sociedade, mesmo que nem sempre isso fosse possível. Tais discursos tinham o

³⁴ Rússia: meio milhão de propagandistas contra Deus. **A Voz Pentecostal**. Recife, out. 1952. p. 4.

objetivo de demonstrar que seria inviável para o Brasil, e conseqüentemente para o Estado de Pernambuco, fazer uma revolução do tipo que aconteceu na Rússia em 1917, pois provocaria um entrave na divulgação do protestantismo no país. Isso porque o comunismo era visto como um sistema que:

... canalizava e reunia, os estigmas da violência, da destruição, da corrupção moral, da desordem e do caos. Suscitava, no seio de uma coletividade, sentimentos de temor, ódio e repulsa, amalgamados às reais vicissitudes e contradições enfrentadas pelas populações dos regimes comunistas, notadamente o soviético (GONÇALVES, M., 2004, p.4).

Rodrigo Patto Sá Motta (2002), nos mostra que existiram diversas versões sobre a realidade de vida nos países socialistas. Algumas notícias mostravam as *glórias do Império Soviético* como vitória sobre os nazistas na Segunda Guerra Mundial, a chegada do primeiro homem ao espaço ou a aceitação de algumas atitudes consideradas como desvinculação da sociedade tradicional, a exemplo da liberdade de se divorciar.

Porém, o que mais se mostrou, principalmente na imprensa brasileira, laica ou religiosa sobre os países comunistas, foi de lugares infernais onde não se respeitavam a dignidade humana, as liberdades individuais, "... que o poder político é obtido pela violência, que não é voluntário e espontâneo, que é dirigido por homens sem Deus, tem como resultado os vastos campos-de-concentração dos prisioneiros políticos, e a constante ameaça de guerras e agressão" (ELDER, op. cit., p. 18).

Esses argumentos tinham por objetivo apontar o que se chamava de *inferno vermelho* nos países socialistas, e que por motivo algum deveria se enquadrar a sociedade brasileira. Nesse cenário, foi de grande importância atacar os países comunistas, principalmente a União Soviética, para desacreditar a ideologia marxista.

Daí, a insistência do discurso anticomunista brasileiro em colar simbolicamente uma realidade a outra; nesse caso, referindo-se sistematicamente aos dilemas da experiência soviética e transplantando-a mecanicamente para o cotidiano social e político brasileiro (GONÇALVES, M., op. cit. p. 15).

Em países comunistas segundo J. Andrés Kirk (1988), não teriam sido realizadas as obras necessárias para uma vida harmônica, e isso deveria justificar a não adesão de outros países ao *Regime Soviético*.

O autor ainda criticou os marxistas, pois esses pregariam o mito de uma sociedade futura perfeita. Isso seria um fracasso nas idéias de Karl Marx, que não possuiria respostas para as necessidades humanas para futuro da humanidade, respostas essas que *só se encontraria na Bíblia*. O comunismo teria sido fruto de um humanismo falso que se combateria com o humanismo verdadeiro descrito nos *Evangelhos*.

A imprensa evangélica investiu na divulgação de matérias que mostrassem aos pernambucanos o *perigo* de um regime que viria minar os alicerces de um *sistema democrático*. Numa sociedade que além de democrática era tida como religiosa, o que se mostrava para os brasileiros era um regime que iria destruir a moral do país, propagar o ateísmo, expandir a violência e fazer ruir as condições sociais da nação. Em outras palavras, iria se transformar na *Sodoma e Gomorra* dos tempos modernos.

Além disso, seria um sistema que destruiria famílias, por liberarem o divórcio; infâncias, pois o que chegava ao Brasil era que ainda crianças, as pessoas eram arrancadas de suas casas para engrossar as fileiras do exército vermelho; juventudes, que quando não eram aproveitadas no exército, viviam perambulando como mendigos ou entrando na vida da criminalidade; ou no caso de muitas moças que não conseguiam a *verdadeira liberdade* prometida nos países comunistas e entravam na vida de prostituição (MOTTA, op. cit.).

A destruição das famílias, nos discursos protestantes, seria algo inaceitável, pois em tais discursos, são elas que serviriam de base para a sociedade e para a religião. Uma família que não estivesse bem estruturada iria por em risco os costumes religiosos em seus lares, e sendo o sistema soviético um *destruidor de lares*, as bases de sustentação da sociedade estariam próximas a ruir, instalando um caos dentro de uma nação. A família precisaria da religião para alcançar seu fim que seria manter de pé as estruturas sociais. Essa teoria era também vista por outro modo precisando a religião da

“... família, pois para se ter poder em religião, precisamos ter uma vida de oração em nossos lares” [...] “Não há futuro para a igreja ou

para a religião organizada, há menos que em nossos lares criemos pessoas que aprendam a confiar em Deus, a viver por Cristo e a não comprometer sua vida espiritual”³⁵.

Os soviéticos também segundo Rodrigo Patto Sá Motta, eram apresentados como perseguidores cruéis da religião ao serem demonstrados como: fomentadores da propaganda anti-religiosa; proibidores do ensino religioso e de publicações de caráter religioso; confiscadores dos bens de instituições privadas laicas e/ou religiosas; torturadores, assassinos, executores de religiosos; criadores de dissidências religiosas fiéis aos governantes comunistas.

Em relação ao confisco de bens religiosos e sua conseqüente *nacionalização*, *O Jornal Batista*, em 1962, mostrou o fechamento de uma Igreja Batista pelos soviéticos, que é apresentada na imagem abaixo:

Igreja Batista fechada pelos soviéticos.



Acervo do STBNB³⁶.

³⁵ Sem religião a família não pode alcançar seu fim. **O Puritano**. Rio de Janeiro. 25 jul. 1955. p. 6.

³⁶ Imagem da Igreja Batista em Agenskalna na Latvia, que *O Jornal Batista* apresenta como “... um dos melhores e mais modernos edifícios batistas na área do Báltico. A pedra fundamental foi colocada em 1914 e o edifício se completou sem qualquer auxílio de fora em 1918 – 1920. Serviu como lugar de culto por mais de 40 anos. Com a incorporação de Latvia no Estado Soviético esta igreja, como aliás tôdas as demais, foi ‘nacionalizada’. À congregação se deu permissão de ‘usar’ o edifício. Mas a partir de setembro último as autoridades soviéticas decidiram que precisavam dêsse edifício e a permissão foi revogada. Das oito igrejas batistas existentes em Riga apenas três permanecem abertas ao culto. Vejam êsse doloroso quadro... E ainda há evangélicos (felizmente em número mui pequeno) que simpatizam com tais regimes. O que seria a liberdade religiosa em nossa pátria se víssemos aqui implantada essa ideologia?!”. Igreja fechada: govêrno soviético. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 04 jan. 1962. p. 3.

Após a Segunda Guerra Mundial, religiosos protestantes na Europa Oriental eram mostrados torturados, e expulsos das suas igrejas que seriam *nacionalizadas*, por não aderirem ao regime imposto pelos soviéticos, como nos mostra *O Jornal Batista*, em 1949:

O aprisionamento e pretendido julgamento de 15 líderes batistas, metodistas, congregacionais, e pentecostais na Bulgária, torna patente uma vez para sempre, as pretensões comunistas, tantas véses declaradas por êles para com o evangelho e a religião em geral... É a continuação da perseguição comunista aos cristãos sob o domínio dêles... Se tem havido quaisquer dúvidas entre os batistas sôbre os desígnios comunistas em relação à religião, parece que elas ágora devem desaparecer... as perseguições religiosas, que presentemente se desenrolam, não se deve desprezar sua gravidade³⁷.

Em entrevista com a Professora Milsede Barros, a mesma relatou que tais perseguições também ocorriam em Pernambuco. Às vésperas do Golpe Militar circulava nas Igrejas pernambucanas que havia uma lista pronta de pastores para serem executados, caso os comunistas tomassem o poder no Estado. Tal lista, segundo a professora, nunca chegou a ser divulgada. Porém, quando os militares tomaram o poder, o medo que isso ocorresse foi amenizado entre os evangélicos³⁸.

É certo que, na maioria dos casos, a referência a um país comunista, nos jornais protestantes, era feita à Rússia. Porém, desde a expansão do comunismo na Europa Oriental e na Ásia, os jornais protestantes em Pernambuco faziam menção aos atos dos marxistas, em países que muitas vezes eram esquecidos do povo pernambucano, mas o fato de dar visibilidade as nações socialistas, facilitaria a expansão das concepções anticomunistas entre os fiéis das igrejas protestantes pernambucanas.

Metade dos países da Terra já estão fechados para o evangelho. Alguns estavam abertos até a poucos anos mas, o povo de Deus perdeu a oportunidade de entrar. Outros estavam abertos durante séculos, mas quando os comunistas começaram a dominar a China,

³⁷ Líderes batistas vitimados pelo regime comunista. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 17 fev. 1949. p. 2.

³⁸ Milsede Moura Barros de Albuquerque. Entrevista concedida ao autor em seu local de trabalho: Seminário de Educadoras Cristãs (SEC). Recife, 09 de junho de 2008.

Mongoliet, Tibet, Manchúria, Coréia do Norte, esses países foram fechados para a palavra de Deus com seus 500.000 habitantes³⁹.

Ao analisar a matéria acima, percebemos que o periódico tinha como um de seus objetivos *alertar* os fiéis sobre o que poderia acontecer no Estado caso os comunistas, que estavam agindo na clandestinidade, chegassem ao poder. Os países nos quais o comunismo assumiu o poder político, "... foram fechados para a palavra de Deus..."⁴⁰, dessa forma os fiéis deveriam estar atentos para o Brasil não engrossar a lista da metade dos países da Terra, que teriam fechado a porta para a expansão do cristianismo protestante no mundo.

Com a chegada do comunismo à China, muitos olhares se voltaram para aquela que passou a ser a segunda maior nação comunista do mundo. Os periódicos protestantes estavam atentos aos passos do comunismo chinês, noticiando que o país fechara as portas para o protestantismo⁴¹, alegando que o comunismo era Deus, o que para os protestantes seria uma blasfêmia contra a moral cristã. "Deus é verdade, e a verdade é encontrada no comunismo; portanto, em unir-se ao comunismo, um homem está adorando a Deus", assim se expressou o governo comunista chinês⁴². Para os protestantes, a divindade estaria acima de todas as coisas, inclusive da política.

Num país essencialmente religioso como o Brasil, um discurso político que negasse a divindade, ou que a colocasse em uma posição inferior a uma doutrina, principalmente a comunista, que era tida como ateuista, não era vista com bons olhos na imprensa e conseqüentemente isto seria repassado para a sociedade (TAVARES, op. cit.).

Em parte do jornal dedicada a poesias *O Jornal Batista*, trouxe em 1955, os seguintes versos:

Evangelho Vivo

Um chinês procurou a missionária
Para dizer-lhe: - "Eu quero o seu batismo!" –
- "Onde ouviste (indagou-lhe a legionária)
A mensagem de fé do Cristianismo?" –

³⁹ A situação evangélica no mundo de hoje. **A Voz Pentecostal**. Recife. Out. 1952. p. 3.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ A China fechou as portas para a obra missionária. **O Norte Evangélico**. Recife. Nov. 1953. p. 2.

⁴² O comunismo é Deus, diz o Governo Chinês. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 13 mar. 1952. p. 8.

- “Nada ouvi, mas a cousa extraordinária
Que me fêz meditar e em que ainda cismo
Foi a transformação de uma arbitrária
Numa vida de amor e de altruísmo
Quando descrente, minha atual patroa
Era o terror de tôda a redondeza;
Mas, convertida a Deus, tornou-se boa;

E eu vi, então, que o seu semblante velho
Renovou-se no amor e na beleza,
Pela graça do divino Evangelho!” –⁴³

O sistema comunista era visto como um destruidor de famílias, onde as pessoas seriam más e as atitudes as mais funestas possíveis. No poema acima, vemos uma representação de uma comunista chinesa autoritária, que tratava mal seus empregados, e “renovou-se no amor e na beleza pela graça divina do evangelho”⁴⁴, sendo seu discurso de vida propagado na transformação moral de um comunista para um cristão, levando inclusive outras pessoas a procurarem a fé protestante. Esse tipo de poesia, como outros discursos protestantes, tinham como meta mostrar aos fiéis que o socialismo seria um sistema de destruição da ética humana, enquanto que o cristianismo, faria com que uma pessoa arbitrária, vivesse “Numa vida de amor e de altruísmo”⁴⁵.

Na década de 1960, os olhos sobre o comunismo internacional ganham um novo foco, depois que os *barbudos* de Fidel Castro, declararam vitoriosa a Revolução Cubana em 1959. Para os governos dos países capitalistas, Cuba poderia constituir uma porta de entrada do comunismo na América Latina, passando os Estados que a formavam a ser o centro das atenções na Guerra Fria. Até então, o que para os Estados Unidos, e para os anticomunistas brasileiros era um ligeiro perigo, com a implantação de um governo marxista-leninista, por Fidel Castro em Cuba, passava a ser visto como uma grave ameaça.

Os Estados Unidos tentaram destruir o sistema de governo implantado em Cuba, e não conseguindo, ampliaram as alianças com os países da América Latina, estimulando inclusive programas de reformas sociais, como a Reforma Agrária.

É certo que o anticomunismo no Brasil não se deu apenas com a aliança dos norte-americanos, nem devido à Revolução Cubana, até porque desde a Criação do

⁴³ Evangelho vivo. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 03 fev. 1955. p. 12.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Ibidem.

PCB em 1922, a ideologia era combatida, principalmente na imprensa *conservadora* (MOTTA, op. cit.).

Porém os dois casos acima trouxeram imensa contribuição no combate ao comunismo na imprensa brasileira, inclusive nos jornais protestantes. Dentre os impactos que a Revolução Cubana teve no Brasil destacam-se a criação de movimentos de esquerdas e o fortalecimento de outros como as Ligas Camponesas, a Ação Popular, movimentos estudantis, movimentos de católicos leigos, etc.

O clima anticomunista no Brasil aumentou também a partir de 1961, quando o Presidente Jânio Quadros se aproximou de países que não faziam alianças com os Estados Unidos, e condecorou com a *Ordem do Cruzeiro do Sul*, um dos líderes da Revolução Cubana, Ernesto “Che” Guevara. Para impedir que o surto revolucionário, que tinha ocorrido em Cuba, chegasse ao Brasil, foi intensificada a perseguição da ideologia marxista, mostrando formas de violência consideradas diabólicas, criticando as condições de vida das pessoas nos países socialistas citando que “além de ser ditatorial, ateu, imoral, assassino e diabólico, o comunismo também traria miséria e exploração aos infelizes povos que caíam sob suas garras” (Ibidem. p. 75).

O que era visto como um *terror* na Europa passou a atemorizar os protestantes em Pernambuco. Caso o comunismo, que outrora entrou em Cuba, conseguisse espaço no Brasil, iria dificultar, segundo os jornais protestantes, a liberdade de culto, pois os periódicos apresentavam uma repressão anticristã, nos países que estariam sob o *jugo comunista*. Na matéria a seguir, veremos como o sistema de governo cubano, passou a ser relatado nos jornais protestantes com o objetivo de angustiar os fiéis que tinham acesso a tais notícias:

... fome aguda e sofrimento entre os habitantes da ilha, que uma fonte chama de “um sonho horrível que se tornou por demais real”. Outro relato diz: “É patética a forma como nossas crianças choram pedindo arroz...”. Com a fome chegou a doença, agravada pela arregimentação, militarismo e o influxo dos comunistas. Como diz outro informe: “Nunca reconheceríeis Cuba – tanta dor, tanta tristeza, tantas pessoas aprisionadas, tanta doença e tanta fome”. Sabão, pasta de dentes e desodorantes viraram artigos de luxo. “... O ódio e o doutrinamento são satânicos, para se dizer o menos”. Uma criança orou: “Senhor, por favor, dá-me pelo menos uma vez arroz suficiente para eu me sentir satisfeita”⁴⁶.

⁴⁶ Informações de fontes cubanas: falam de fome e sofrimento. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 22 nov. 1962. p. 8.

Os comunistas teriam causado em Cuba uma desordem, contrariando a ordem, na qual o jornal deixa nas entrelinhas que supostamente existia antes da Revolução. Com a implantação do sistema de governo socialista no referido país, segundo os jornais protestantes, as prisões ficaram lotadas; não se tinha condições de fazer uma refeição adequada; não se podia sequer tomar banho ou lavar bem as roupas; pois, os comunistas teriam inflacionado os preços dos alimentos e dos produtos de limpeza. Tudo isso teria trazido fome, doenças e miséria para a pequena ilha do Atlântico, que segundo os protestantes se deu por conta do *comunismo ateu* que teria entrado no país, devastando a vida dos cubanos, e dificultando o trabalho evangélico⁴⁷.

Além de mostrar que a expansão do comunismo no mundo traria conseqüências não muito agradáveis para o crescimento do protestantismo, outro motivo contribuiu para que os protestantes, em Pernambuco, proferissem discursos contra os países que adotaram o socialismo. A partir de 1947, com o início da Guerra Fria, o mundo ficou dividido em dois blocos. O comunista liderado pelo seu maior expoente a União Soviética, e o capitalista, liderado pelos Estados Unidos, que há muito se destaca como a maior nação protestante do mundo. Esse teria sido um dos fatores para que os evangélicos pernambucanos fossem *bombardeados* com discursos anticomunistas no período que estamos estudando. Da Inglaterra, e principalmente dos *irmãos do norte* teriam vindo para o Brasil, as primeiras igrejas protestantes, não levando em conta os calvinistas holandeses que dominaram Pernambuco em parte do século XVII.

Antônio G. Mendonça (1990), nos mostra que a formação das igrejas protestantes no Brasil se deu como projeção das igrejas norte-americanas. Para o autor, os investimentos dos Estados Unidos nas missões brasileiras ocorreram principalmente em dois períodos distintos: o primeiro com a expansão capitalista do século XIX, na qual os missionários teriam acompanhado tal expansão para a divulgação dos princípios religiosos e culturais dos Estados Unidos, inclusive facilitando o acesso dos produtos importados das transações comerciais entre os dois países, pela população brasileira. O segundo momento se deu justamente após o fim da Segunda Guerra Mundial, para tentar barrar a entrada do comunismo no país, mostrando que seria uma perspectiva ateísta de se enxergar as coisas divinas.

⁴⁷ Ibidem

William R. Read (1969), descreve como sendo de grande importância o investimento dos norte-americanos para o crescimento do protestantismo no Brasil. A construção de escolas, de igrejas, de seminários, de universidades, a expansão para o interior do país, as grandes cruzadas, principalmente pelo maior expoente evangélico do século XX - Billy Graham - teriam contribuído para a fundamentação da doutrina anticomunista no país, por parte dos evangélicos, no período que estamos estudando. Billy Graham, aliás, foi de grande importância nesse cenário, pois “íntegra seus discursos a ênfase na missão redentora dos Estados Unidos, tendo como antagonista, segundo impunha o espírito da época, a União Soviética, considerada o principal inimigo da fé” (MAGALHÃES; SOUZA, 2002, p. 89).

Além de ser apresentado como o maior investidor do protestantismo brasileiro, se passava para os *crentes* que nos Estados Unidos: a educação universal gratuita teria sido garantida a todos; o direito a voto seria universal; os negros e os desfavorecidos economicamente teriam plena liberdade; os ricos teriam impostos mais onerosos que os pobres; todos os desempregados e velhos receberiam um seguro do governo; as universidades tinham sido abetas para os pobres se qualificarem; a medicina seria um direito de todos e não apenas daqueles que pudessem pagar; as artes, as diversões, o acesso ao que se chamava de *cultura de elite* foi legado também aos menos favorecidos.

Já os países comunistas, além serem mostrados como perseguidores do *progresso da fé* protestante, a situação de vida da população seria a seguinte: o voto era algo sem valor, pois não se respeitava quando este vinha das classes economicamente inferiores; os bons salários e, conseqüentemente, uma vida luxo eram oferecidos aos membros do Partido Comunista, enquanto o proletariado estava destinado a viver na miséria; a liberdade de expressão era dada apenas aos líderes do Partido Comunista; as boas escolas seriam apenas para os filhos de oficiais; não era permitida a sindicalização nem a cobrança de direitos trabalhistas; a justiça só era feita para quem aceitasse a política implantada, não sendo feita para aqueles que se diziam dissidentes; no regime de ditadura comunista, a igualdade seria pregada na teoria, mas não vivida na prática (Cf. ELDER, op. cit.).

Diante dessas duas realidades apresentadas acima, esperava-se que cada vez mais os evangélicos tivessem aversão à política e à ideologia marxista, procurando de diversas formas evitá-la, principalmente nos meios cristãos. Além disso,

... a convicção de ter a elite norte-americana um papel especial no plano de Deus, levou a que muitos crentes aderissem, de forma ainda mais entusiástica, a pregação da doutrina em todo o mundo, mensagem acompanhada por um anticomunismo virulento, visto como um representante de Satanás na Terra (MAGALHÃES; SOUZA, op. cit, p. 95)

Em um dos trechos da entrevista com a professora Milsede Barros, percebemos mais uma vez a influência que os protestantes em Pernambuco tiveram dos norte-americanos, por diversas razões:

Parece que já havia até uma certa subordinação cultural dentro do meio evangélico, para aceitar naturalmente aquela supremacia, digamos assim, do norte-americano por fatores históricos né: foram eles que trouxeram o evangelho para nós; foram eles que... em 1860.., não em 1880, 81, 82... fundaram a primeira Igreja Batista no Brasil, em Salvador na Bahia, e implantaram aqui a denominação Batista. Sem falar que foram os norte-americanos também que trouxeram os presbiterianos, os metodistas, os congregacionais... Então, já houve uma cultura de..., eu não sei se a palavra é muito forte, mas uma certa submissão ao predomínio, diria assim, norte-americano, sobre a vida evangélica, vida eclesial, ou não diria evangélica, mas denominacional no modo geral, tanto entre batistas como entre presbiterianos e outros que foram fundados no Brasil pelos norte-americanos. O nosso caso entre batistas foram os norte-americanos do sul dos Estados Unidos, onde a obra batista, a denominação é fortíssima, é a maior em todo o mundo, que era chamada Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, por muito tempo foi chamada Junta de Richermond, agora é International Mission Gold (Junta de Missões Internacionais). E eles aqui entraram não só com a pregação, mas também, com a construção, digamos assim de tudo o que existe hoje, em termos de patrimônio físico, cultural, religioso né, do povo batista brasileiro. Eles que compraram todos esses terrenos, grandes propriedades e construíram todas essas: o seminário, a igreja batista maior do Estado que é a Capunga, o Colégio Americano, O SEC, o Seminário Teológico. Não só em Pernambuco, mas em cada Estado do Brasil, eles implantaram uma obra muito vigorosa com solidez, com sustento, com recursos, com propriedades, com tudo que se precisava pra denominação crescer. E de fato a denominação cresceu⁴⁸.

Através do depoimento acima, podemos perceber que foi de grande importância a contribuição, principalmente financeira, dos Estados Unidos, para o crescimento do trabalho protestante em Pernambuco. Desde a chegada, no século XIX, até os nossos dias, o financiamento de obras no meio evangélico, por parte dos

⁴⁸ Milsede Moura Barros de Albuquerque. op. cit.

norte-americanos, teve grande influência nos discursos proferidos contra países socialistas.

A submissão cultural da qual fala a professora, se deu nas igrejas evangélicas pernambucanas, principalmente, por meio da imposição econômica. Ao chegarem ao Estado “... não só com a pregação, mas também, com a construção, digamos assim de tudo o que existe hoje...”⁴⁹, implantando “... uma obra muito vigorosa com solidez, com sustento, com recursos, com propriedades, com tudo que se precisava pra denominação crescer”⁵⁰, os norte-americanos se viram no direito de cobrar dos protestantes uma posição antagônica em relação às idéias de esquerda que cresciam a todo momento em Pernambuco.

Milsede Barros descreve que a opção de *apoiar* a imposição cultural dos Estados Unidos se deu em todo o Brasil e não apenas no campo evangélico. Caso na Guerra Fria tivesse ocorrido um embate direto dos Estados Unidos contra União Soviética “... com toda certeza apoiariam os americanos se houvesse esse confronto”⁵¹.

É claro que se eles tivessem decidir com quem iam ficar eles iam ficar com os americanos, com os Estados Unidos. Agora isso eu entendo que é uma opção do Brasil. Não só do povo evangélico, mas eu creio que se o Brasil tivesse que escolher entre apoiar Estados Unidos ou Rússia, com toda certeza apoiariam os americanos se houvesse esse confronto⁵².

As imagens que apresentamos a seguir são prédios erguidos em Pernambuco, com o financiamento dos Estados Unidos, e que são citados pela Professora Milsede Barros na entrevista.

Foto do Edifício Ginsburg, onde funciona a administração do STBNB.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Ibidem.

⁵² Ibidem.



Acervo do STBNB⁵³.

Edifício da Administração do Colégio Americano Batista



Acervo do STBNB⁵⁴.

Silvandro C. Fonseca (1999), corrobora com a Professora Milsede Barros, quando nos mostra, que no SPN (Seminário Presbiteriano do Norte), chegavam verbas, professores e bolsas de estudos vindos dos Estados Unidos, o que nos faz

⁵³ Imagem retirada da obra de: OLIVEIRA; ANDRÉ (Org), 1964. p. 122.

⁵⁴ Ibidem, p. 137.

crer esses foram alguns dos motivos que levaram os protestantes a proferirem discursos contra a ideologia comunista e a expansão do socialismo em diversas partes do mundo. Tais investimentos favoreciam a adesão às concepções anticomunistas dos norte-americanos. Os Estados Unidos estavam investindo nos evangélicos pernambucanos, logo o que esperavam era que o anticomunismo se expandisse entre os protestantes do Estado, pois enquanto se mostrava os comunistas, como na União Soviética, por exemplo, combatendo a religião, os *irmãos do norte*, estavam investindo na expansão do protestantismo em Pernambuco.

Porém nem todos os protestantes aceitavam com certa facilidade os discursos anticomunistas que circulavam nos meios evangélicos pernambucanos. Alguns questionavam tais discursos seja por dúvida acerca da temática, seja por discordarem da visão da maioria das lideranças que pregavam o comunismo como sinônimo de ateísmo, por isso a justificativa do combate à ideologia. O próximo passo desse capítulo será justamente mostrar que por discordarem da visão anticomunista de suas igrejas, muitos *crentes* eram perseguidos e vigiados tanto por suas congregações, como pela polícia pernambucana.

2.3 – A vigilância contra possíveis *infiltrações subversivas* nas igrejas protestantes

Os discursos anticomunistas que circulavam em Pernambuco, entre os protestantes, no período de nosso recorte histórico foram de grande intensidade. Seja combatendo a ideologia marxista, seja mostrando ações tidas como anticristãs de países que aderiram ao socialismo, o que se viu foi uma intensa oposição nos jornais evangélicos contra o sistema de governo identificados com os escritos de Marx e Engels. Porém, nem todos os protestantes aceitaram facilmente os discursos proferidos nos periódicos, nas rádios, ou nos templos, como vindos *da parte de Deus*, questionando-os, ou mesmo simpatizando com a ideologia marxista, algo que levaria a severas críticas por parte da maioria dos cristãos que se declaravam anticomunistas.

Alguns questionamentos passavam a idéia de dúvida que algumas pessoas tinham sobre ser ou não comunista. Outros mostravam certa simpatia com o

socialismo. Em outros casos vemos alguns cristãos, que participavam de reuniões com organizações de esquerda, mesmo que não se declarando como tais eram severamente criticados, pois eram tidos como *crentes subversivos*.

O primeiro caso que veremos, refere-se ao questionamento: “Pode um crente ser comunista?”⁵⁵. Essa pergunta, cuja resposta o redator do periódico dá ao fiel, suscita alguns questionamentos:

1º O fiel poderia ter dúvidas acerca da temática, já que nesse período em Pernambuco os discursos contra o comunismo, em vários núcleos sociais, inclusive nas igrejas, era visto de forma intensa, e o mesmo poderia não ter entendido o porquê de tanta ênfase que se dava ao assunto.

2º Poderia ser também que numa discussão entre fiéis, alguém quisesse provar que estaria certo, e isso demonstraria dúvida de algum ou a tentativa de comprovação do erro do outro, já que teriam recorrido a uma pessoa que, possivelmente, fosse considerada superior no sistema de hierarquia religioso.

3º O fiel, que não é identificado na matéria, poderia também ser um simpatizante da ideologia marxista, e mantendo sigilo de sua identidade, queria tirar dúvidas se deveria ou não participar de organizações, partidos, células de tendências esquerdistas. Para isso, para se sentir mais seguro, ou sem crise de consciência, precisaria da visão de um líder no momento de tomar uma posição a respeito de um caminho a seguir.

De qualquer forma, mesmo que estejamos equivocados em uma das interpretações que tivemos a respeito da indagação que analisamos, podemos inferir que o discurso anticomunista, não foi bem assimilado, e/ou não era aceito de uma forma tão fácil no meio protestante, mesmo com a ênfase que se dava ao tema nos periódicos que estamos analisando. Além disso, vale ressaltar que havia aqueles que estavam alheios às discussões políticas da época. Também é bom lembrar que nem todas as igrejas discutiam a temática com seus membros, e em muitos outros casos, os jornais que chegavam às respectivas instituições que analisamos, não eram repassados às mãos dos fiéis por medo das lideranças em despertar interesse pela temática nos *crentes* e/ou desinteresse de alguns em discutirem assuntos políticos.

⁵⁵ **O Arauto Pentecostal**. Recife, jun. 1954. p. 8.

Em 1948, *O Jornal Batista*, nos traz a seguinte indagação de um leitor, que logo é respondido pelo redator, mostrando os possíveis motivos acerca da discordância sobre a temática: “Porque os batistas combatem o comunismo, se o único objetivo do mesmo é oferecer a todos, indistintamente, igualdade de condição?”⁵⁶.

O que podemos perceber no leitor acima, é que o mesmo conhecia a posição dos batistas frente às concepções comunistas. Como podemos observar não se trata de alguém leigo no assunto, pois conhecia em tese o que defende a ideologia marxista: uma sociedade sem classes. Podemos admitir também, que seria um leitor que teria vindo de uma organização comunista, ou que por simpatizar com a ideologia, queria participar de uma organização. Ou alguém que já seria comunista e ao se tornar batista, passou a ser perseguido na Igreja que fazia parte.

Outro ponto importante a ser analisado é quando o leitor enfatiza que o objetivo do comunismo “...é oferecer a todos, indistintamente, igualdade de condição”⁵⁷. As reportagens que analisamos, nos periódicos protestantes citados nos dois primeiros tópicos deste capítulo, mostram o comunismo como um sistema ateu e materialista, e uma intensa repressão por parte dos governos de países socialistas aos protestantes em todo o mundo. Isso nos deixa também com uma indagação. Por que, alguém que provavelmente conhecia o que os jornais protestantes discursavam contra o marxismo, fez uma pergunta, em forma de proposta, para a aceitação da ideologia comunista no meio protestante?

Essas interpretações nos mostram que algumas pessoas não estavam tão satisfeitas com as declarações das lideranças protestantes frente a tais ideologias. Porém as lideranças estavam atentas aos movimentos desses *crentes subversivos* que poderiam levar outros cristãos a se *desvirtuarem* e aderirem à ideologia comunista. Tanto os próprios protestantes ficavam de *atalaia* contra um possível transgressor, quanto a polícia pernambucana passou a vigiar as igrejas, para não dar espaço ao socialismo, e para que esse não fosse discutido no meio evangélico.

Os possíveis *deturpadores* que tinham o objetivo de “controlar as cabeças pensantes do país’, procurando infiltrar-se nas igrejas”⁵⁸, foram vigiados pela polícia através da DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social), que procurou de todas as

⁵⁶ Porque os batistas combatem o comunismo. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro 27 jan. 1948. p. 4.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Infiltração comunista nas igrejas protestantes. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 04 fev. 1954. p. 8.

formas, *controlar* a sociedade fichando todo tipo de organização para não dar brechas para a expansão das idéias socialistas, e também esteve atenta aos protestantes para que esses não comungassem com as concepções marxistas.

Marcília Gama da Silva (1996), ao analisar as causas que levaram à criação da DOPS, descreve que essa foi formada principalmente para o combate sistemático ao comunismo. Para a historiadora:

... tem-se o papel da Polícia Repressiva – DOPS, como instrumento viabilizador de um projeto político que é colocado à sociedade como “solução” das crises engendradas nas estruturas político-social. A justificativa para o uso de medidas autoritárias tem seu alicerce na “Desordem Social”, que passa a ser combatida com austeridade pelo governo. Nesse contexto, o papel da polícia terá uma importância fundamental. É no veio dessa reflexão que tentar-se-á compreender o funcionamento, o campo de ação, o alvo principal da Delegacia de Ordem Política e Social nos Serviços de segurança e da Ordem no Estado (Ibidem, p. 67).

Esse sistema de vigilância, segundo Michel Foucault (2008), contribui para a disciplina, *fabricando indivíduos*⁵⁹, de acordo com as ordens de um determinado código disciplinador. Tal vigilância serve inclusive para disciplinar, aqueles que são vistos como disciplinadores, pois o mesmo deve servir de exemplo para aqueles que são seus *vigiados*.

Esses que eram vigilantes (igrejas), também foram vigiados (pela DOPS), pois se temia que de alguma forma se *desvirtuassem* ou fossem influenciados pela ideologia marxista. A exemplo disso temos as instituições citadas abaixo, todas fichadas pela DOPS⁶⁰:

Igreja Batista do Ponto de Parada⁶¹; Igreja Batista de Beberibe⁶²; Igreja Batista do Arruda⁶³; Igreja Batista Sto. Antonio⁶⁴; Igreja Batista do Coqueiral⁶⁵; Igreja

⁵⁹ A *fabricação* de indivíduos segundo Michel Foucault, funciona como uma “técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu poderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente” (FOUCAULT, 2008, p. 143).

⁶⁰ Os prontuários relacionados são do ano de 1941, porém nos servem como prova de que as Igrejas Protestantes que se diziam vigilantes contra o comunismo desde a criação do PCB, também foram vigiadas. E apesar da documentação ser datada pouco antes do período que nos propomos a analisar, essas igrejas, ficariam fichadas na DOPS, para que não ocorresse qualquer *eventualidade* no período em que data a documentação, no período que nos propomos a estudar, bem como durante toda a Ditadura Militar. Toda esta documentação encontra-se no APEJE.

⁶¹ Prontuário nº 0476 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº639. (APEJE)

⁶² Prontuário nº 0468 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº640. (APEJE)

⁶³ Prontuário nº 0469 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº641. (APEJE)

Batista do Afogados⁶⁶; Igreja Batista de Água Fria⁶⁷; Igreja Batista de Tejió⁶⁸; Igreja Batista do Espinheiro⁶⁹; Igreja Batista da Concórdia⁷⁰; Igreja Batista do Recife⁷¹; 1ª Igreja Presbiteriana do Recife⁷².

Além de trabalhar no controle das instituições, a DOPS realizou também uma “repressão política aos dirigentes e lideranças que operavam dentro das estruturas sociais como: políticos, sindicalistas, professores, militares, padres, etc...” (SILVA, M., op. cit. p. 92), e também aos pastores das respectivas igrejas fichadas pela polícia.

Dentro das organizações evangélicas, essa vigilância se dava tanto em âmbito nacional como internacional. Ao mostrar que nas congregações ao redor do mundo, havia pessoas supostamente comunistas se infiltrando com o objetivo de desvirtuar os *crentes*, os líderes protestantes esperavam que os fiéis ficassem mais atentos a possíveis infiltrações nas comunidades religiosas locais.

O relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre atividades subversivas na América do Norte... revela fatos desagradáveis para todas as igrejas evangélicas, quanto à infiltração comunista... O Partido Comunista Americano fez uma tentativa de “controlar as cabeças pensantes do país”, procurando infiltrar-se nas igrejas⁷³.

O documento acima faz uma ligação com o que analisamos anteriormente⁷⁴. No primeiro caso o leitor se questiona sobre o porquê de uma igreja protestante combater a ideologia marxista. O segundo documento nos apresenta os protestantes vigilantes junto com o Governo dos Estados Unidos, nação-referência que os evangélicos pernambucanos possuem, por razões analisadas no tópico anterior, mostrando a suposta tentativa dos comunistas de desvirtuarem os cristãos do país.

Talvez, no Brasil, tenha ocorrido algo parecido. Poderia ser que o leitor⁷⁵ tivesse sido um comunista infiltrado no meio protestante, e quando descoberto, como fez o Parlamento Americano, questionasse por que não poderia ser membro

⁶⁴ Prontuário nº 0470 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº642. (APEJE)

⁶⁵ Prontuário nº 0471 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº643. (APEJE)

⁶⁶ Prontuário nº 0472 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº644. (APEJE)

⁶⁷ Prontuário nº 0473 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº645. (APEJE)

⁶⁸ Prontuário nº 0478 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº650. (APEJE)

⁶⁹ Prontuário nº 0485 – Arquivo nº ?. Fundo SSP nº657. (APEJE)

⁷⁰ Prontuário nº 0480 – Arquivo nº ?. Fundo SSP nº652. (APEJE)

⁷¹ Prontuário nº 0459 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº631. (APEJE)

⁷² Prontuário nº 640 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº632. (APEJE)

⁷³ **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 04 fev. 1954. p. 8.

⁷⁴ **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro 27 jan. 1948. p. 4.

⁷⁵ *Ibidem*.

de uma igreja evangélica. Ou tal leitor poderia ter certa sensibilidade social, e como os comunistas possuíam propostas de transformação das estruturas sociais, o mesmo indagou aos seus líderes os motivos deles discursarem contra a ideologia socialista.

Tiago Watanabe (2005), ao analisar as lideranças presbiterianas no contexto que estamos estudando, traz uma contribuição para nosso *locus* de análise. Para o autor, a idéia de uma igreja fundamentalista, em oposição à Teologia da Libertação pregada pela Igreja Católica no Concílio Vaticano II, foi uma forma de vigiar algumas pessoas que tinham concepções vistas como subversivas⁷⁶. Consagração da mulher ao pastorado, fim das proibições morais-comportamentais e principalmente reformas sociais, que eram vistas como de inspiração marxista, foram duramente criticadas pelos fundamentalistas presbiterianos, desde 1950, até o golpe de 1964, sendo inclusive, os referidos *deturpadores* expulsos de suas igrejas pelas lideranças que não aceitavam esses tipos de posições.

Num programa de rádio intitulado *A Luz do Mundo*, em 28 de março de 1964, Jerônimo Gueiros, pastor fundamentalista declarado, afirmou que no Seminário Presbiteriano do Norte, instituição que não aderiu às propostas fundamentalistas, havia um professor que estava ministrando aulas sobre o comunismo para os alunos. “Disse ele: ‘o Seminário Presbiteriano do Recife tem como professor um grande propagandista do comunismo na pessoa do Sr. João Dias de Araújo, que está criando uma geração de pastores comunistas para a destruição do Cristianismo Evangélico do Brasil’” (FONSECA, op. cit. p. 84).

Nas vésperas do Golpe Militar (1964), *O Jornal Batista* se mostrou vigilante quanto as possíveis infiltrações comunistas entre os protestantes brasileiros através de uma organização que atuava em algumas universidades no Brasil desde 1927. Tratava-se da UCEB (União Cristã de Estudantes do Brasil). Vista como uma célula ateuísta, a organização foi apresentada no periódico com o objetivo de *alertar* os estudantes evangélicos, sobre possíveis golpes que os comunistas estariam armando contra os *crentes*.

⁷⁶ “A teologia da libertação, nascida no bojo da proposta do Vaticano II, de maneira geral, agregou alguns valores do marxismo a uma teologia de envolvimento com questões políticas e sociais enquanto o fundamentalismo protestante norte-americano foi seu opositor”. Tal fundamentalismo, que se tentou implantar nas igrejas presbiterianas do Brasil “... defendeu, entre outras causas, a literalidade da interpretação bíblica, uma ética pietista e o combate ao comunismo” (WATANABE, 2005, p. 19).

Dou logo nome aos bois. Trata-se dos agentes internos e externos da União Cristã de Estudantes do Brasil, particularmente de suas células locais – associações cristãs acadêmicas... O que mais impressiona é a estilização do disfarce... As escrituras são citadas e interpretadas de acordo com os propósitos de arregimentação dos jovens evangélicos para os fins de comunização do Brasil... A lição dos cadernos é comunista, mal disfarçada com citações da Bíblia, que o diabo também faz... Parabéns aos organizadores dos cadernos pela admirável astúcia com que se houveram, tentando mobilizar a juventude universitária evangélica para as lutas inglórias do comunismo ateu... O que se pretende é tirar os jovens de suas igrejas locais, para lançá-los nas mãos de agitadores comunistas. E a isto se dá o nome de “testemunho cristão”. Uma ovelha perniciososa. Lobo sob o manto de ovelha. Já é tempo de desmascarar o embuste comunista da UCEB⁷⁷.

É importante observar como o uso da Bíblia esteve presente em alguns discursos, proferidos pelos protestantes no objetivo de justificar as posições que estavam tomando. Sobre isso Eni P. Orlandi (1998) chama de interdiscurso⁷⁸, o uso de algo que já foi dito na formação de um novo discurso, até para justificar, que o que se defende tem alguma coerência e possui dizibilidade⁷⁹ no contexto e no local em que está sendo dito.

“Paulo disse: ‘não tenho de que acusar minha nação’... O comunista acusa sua pátria e conspira contra o regime. A Bíblia diz: ‘temei a Deus, respeitai as autoridades’. O comunista manda desobedecer a tudo!”⁸⁰. Nesse trecho de uma documentação, da qual já analisamos parte da mesma em outras oportunidades, percebemos também que o uso da Bíblia serviu como recurso na vigilância aos *crentes* que poderiam se *desvirtuar* do foco proposto, naquele momento, pelos seus líderes, fazendo uso do interdiscurso. Ao citar São Paulo, que é tido como um dos

⁷⁷ “Missionários comunistas”. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro, 18 jan. 1964. p. 10. Grifos do autor.

⁷⁸ O interdiscurso é a possibilidade de usar algo já dito na formação de um novo discurso. Para Eni P. Orlandi, “... todo discurso remete a um outro discurso, presente nele por sua ausência necessária. Há o primado do interdiscurso (a memória do dizer) de tal modo que os sentidos são sempre referidos a outros sentidos e é daí que eles tiram sua identidade” (ORLANDI, 1998, p. 30, 31).

⁷⁹ Dizibilidade é um conceito desenvolvido na Análise de Discurso que estabelece “as condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa ‘dizer alguma coisa’ e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação – essas condições, como se vê, são numerosas e importantes” (FOUCAULT, 2004, p. 50). No contexto que estamos estudando era dizível o discurso anticomunista, pois se *respirava* na sociedade e nas instituições brasileiras, as posições contra o marxismo. O que os fiéis escutavam nas igrejas, não era algo extremamente novo, mas uma espécie de complemento daquilo que se via em outros meios de comunicação, ou instituições espalhadas pelo Estado.

⁸⁰ **O Arauto Pentecostal**. Recife, jun. 1954. p.8

maiores missionários da história do cristianismo, e o autor do maior número de cartas arroladas no cânone bíblico, o redator procura mostrar que biblicamente qualquer cristão que por algum motivo se tornasse comunista, não estaria de acordo com os princípios morais da religião.

Ao criticar a forma que a UCEB (União Cristã de Estudantes do Brasil) pretendia "... tirar os jovens de suas igrejas locais, para lançá-los nas mãos de agitadores comunistas"⁸¹, *O Jornal Batista* também faz referência ao uso da Bíblia, mas agora pelo seu grupo de oposição: "A lição dos cadernos é comunista, mal disfarçada com citações da Bíblia, que o diabo também faz"⁸². Os comunistas estariam se utilizando do discurso bíblico para coagirem os jovens universitários a aderirem à ideologia. Essa *astúcia* deveria ser vigiada pelas igrejas para que não se mobilizasse "... a juventude universitária evangélica para as lutas inglórias do comunismo ateu"⁸³.

Os discursos anticomunistas das Igrejas Protestantes em Pernambuco, desde o início do processo de *Redemocratização* em 1945 até a instalação da Ditadura Militar em 1964, foram de grande importância para a formação do pensamento evangélico no recorte proposto. Devido a posições contrárias, pastores foram depostos dos seus cargos, igrejas se dividiram, evangélicos foram perseguidos, alguns deixaram suas congregações por não aceitarem as posições das mesmas, outros simplesmente ficaram calados, pois temiam que de algum modo fossem descobertos como simpatizantes do marxismo, ou apenas por não concordarem com a posição tomada pela maioria das lideranças protestantes.

O anticomunismo era muito forte no seio evangélico, e o medo que tais personagens tomassem o poder no Estado, ou mesmo no País, fez surgir a *necessidade de um messias*, que viria proteger os *crentes*, das garras do *comunismo ateu*. Tal *salvador* chegaria em 1964 com a tomada do poder pelos militares, que foi vista pelos protestantes como uma providência divina.

Nosso próximo passo será mostrar como os protestantes, principalmente em Pernambuco, se comportaram frente a um dos principais acontecimentos da historiografia nacional no século XX, coadunando em atitudes e pensamentos com

⁸¹ **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro, 18 jan. 1964. p. 10.

⁸² *Ibidem*.

⁸³ *Ibidem*.

os militares e perseguindo àqueles que não apoiaram o Golpe da madrugada de 31 de março e primeiro de abril do ano de 1964.

Capítulo III

“E Jesus foi vitorioso. Aleluia... E a resposta a essa batalha do céu foi 31 de março de 1964”

Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas. Portanto, aquele que se rebela contra a autoridade está se colocando contra o que Deus instituiu, e aqueles que assim procedem trazem condenação sobre si mesmos.

(São Paulo, **Carta aos Romanos**)

A partir da década de 1960 o medo de que o comunismo entrasse no país aumentou, e conseqüentemente as propagandas anticomunistas. A Revolução Cubana contribuiu para que os países capitalistas, principalmente os Estados Unidos, voltassem as atenções para a América Latina. As reformas de base prometidas pelo Presidente João Goulart, as críticas feitas às más condições de trabalho, os problemas sociais que se passavam principalmente no Nordeste, a aproximação do então presidente com os países socialistas, dentre outros acontecimentos, contribuíram para aumentar a tensão política no Brasil, principalmente no Nordeste.

Em Pernambuco, no ano de 1963, assumiu por voto popular, um governador visto como comunista por muitos dos seus opositores, embora não tenha se declarado como tal: Miguel Arraes de Alencar. Com um presidente que pregava reformas de base, como a reforma agrária, e com um governador que chegou a reunir camponeses *enfurecidos* por não receberem direitos trabalhistas em frente ao Palácio do Governo, o Estado passou a ser visto como uma possível porta de entrada do comunismo no país (BARRETO; FERREIRA, 2004).

O discurso revolucionário passou a tomar conta do Estado, tanto por políticos e militares de direita, quanto de esquerda. *Revolução*⁸⁴. Era a palavra da vez em

⁸⁴ É importante salientar que apesar de neste período se falar muito em levante revolucionário, diversos grupos propunham diferentes meios de se chegar a uma revolução. Mesmo nas esquerdas, como por exemplo, no PCB, havia aqueles que defendiam um levante armado, enquanto outros pensavam que a revolução deveria se dar de forma pacífica pelos meios democráticos (Cf. CAVALCANTI, 1985). Alguns políticos de direita defendiam uma intervenção militar enquanto outros

Pernambuco. Porém, não foram só políticos ou militares que passaram a falar em revolução. Em 1962, foi organizado pelos protestantes no Recife, um congresso intitulado **Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro: A Conferência do Nordeste**, que durou uma semana e se propunha a discutir os problemas sociais do Nordeste, buscando uma forma resolvê-los dentro dos moldes do Cristianismo, deixando para os participantes do congresso que a Revolução que deveria acontecer na Região não poderia acompanhar os moldes comunistas (CEZAR et al, 1962).

É com base nessas discussões que conduziremos o último capítulo da nossa dissertação, procurando entender como se deu a participação dos protestantes no Golpe Militar de 1964.

Primeiro vamos analisar o discurso revolucionário protestante, a fim de entender como num cenário em que, como citamos anteriormente, a palavra da vez era *Revolução*, os evangélicos se posicionaram, de diversas formas, diante dos acontecimentos e sentimentos que pairavam em Pernambuco nos anos que antecederam o Golpe.

Nosso segundo passo será analisar a posição das igrejas protestantes frente aos acontecimentos que se desenrolaram a partir de 31 de março de 1964. Posição que chocou muitos *crentes*, mas serviu de consolidação na busca de outros fiéis, os quais viam nos militares os *guardas da nação* contra o *terror comunista*.

Por fim observaremos que nem todos os protestantes aderiram à posição oficial de suas respectivas igrejas. Isso causou intensa perseguição, *excomunhão*, e alguns foram entregues para polícia, pois, tidos como subversivos, não passaram despercebidos e não foram admitidos nas congregações de que faziam parte.

achavam que a revolução deveria ocorrer de forma pacífica para salvar o modelo liberal-democrático burguês. Entre os protestantes havia aqueles que defendiam uma intervenção militar como revolução (Cf. VILELA, 2008), outros propunham que os protestantes deveriam encarar os problemas sociais e participar da resolução desses, muitas vezes temendo um possível levante revolucionário das esquerdas (Cf. SANTOS, In; CÉSAR, Waldo *et al*). Ainda havia evangélicos que pensavam numa revolução apenas no plano espiritual, pois diziam que resolvendo os problemas internos das pessoas, se resolveriam os demais problemas da sociedade. Revolução. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 20 abr. 1963. p. 1.

3.1 – Os protestantes na tentativa de construir um *Discurso Revolucionário*

Entre as décadas de 1950 e 1960, Pernambuco *respirava* o discurso revolucionário. O crescimento econômico, principalmente no Governo Juscelino Kubitschek, não teria beneficiado a maioria da população do país. As crises que passavam o capitalismo brasileiro, e o discurso eufórico das esquerdas devido à Revolução Cubana, poderiam levar a uma insurreição socialista na década de 1960. A partir daí, uma parcela do PCB, passou a elaborar uma *Teoria da Revolução Brasileira*. Essa teoria pregava uma ruptura com o imperialismo norte-americano e definia quais seriam os atores da *Revolução Brasileira*, conclamando as massas populares para a luta revolucionária em meio à tensão social que ocorria no Nordeste de 1961 a 1964, inflamando o desejo de insurreição principalmente entre os camponeses da região (BURITY, 1989).

A situação social que passara Pernambuco no início da década de 1960 era a mais problemática possível. O medo que a situação de miséria da população gerasse uma revolução de caráter socialista, levou um dos assessores do presidente dos Estados Unidos John F. Kennedy a fazer uma visita ao Estado em 1961. Quanto ao que viu em Pernambuco Arthur Schlesinger escreveu: “Eu jamais vira uma região de tamanho desespero – uma aldeia miserável e estagnada após outra, casebres de barro escuro, crianças de pernas tortas e barrigas imensas, onde não se via praticamente nenhum velho” (In: SANTIAGO, 2004, p. 39).

Os olhares dos norte-americanos se voltaram principalmente para o interior de Pernambuco onde o desejo de revolta, pelas razões apresentadas acima, estava mais inflamado. A China teria feito uma Revolução socialista em 1949 com apoio das massas camponesas e o mesmo teria ocorrido em Cuba. Isso, segundo Vandek Santiago (Ibidem), teria levado os jornais norte-americanos a se preocuparem com uma possível revolução socialista iniciada pelos camponeses pernambucanos, pois como já citamos anteriormente, Pernambuco era visto como uma porta de entrada do comunismo no Brasil.

Nesse contexto, o então advogado formado pela Faculdade de Direito do Recife em 1939 e filho de senhores de engenho, Francisco Julião, que tinha deixado suas concepções religiosas e se tornado adepto da ideologia marxista aos dezoito anos, passou a advogar as causas trabalhistas de camponeses no Nordeste e

posteriormente, tornou-se um dos principais líderes do principal movimento de esquerda da região: as Ligas Camponesas. Francisco Julião teria visitado Cuba em 1961, posteriormente enviando integrantes do movimento para fazer treinamento militar na Ilha, tornando-se a liderança brasileira que mais foi influenciada pela Revolução Cubana (Ibidem).

Sobre o movimento camponês, no Nordeste, nesse período, é interessante observar o que nos mostra Eduardo Coutinho no documentário **Cabra Marcado Para Morrer**⁸⁵, o único brasileiro listado nos 100 mais importantes documentários de todos os tempos⁸⁶.

O movimento das Ligas Camponesas, que teria nascido em 1955 no município de Vitória de Santo Antão, pelo fato de a sindicalização rural não ser ainda legalizada, foi um dos mais ativos nas lutas pelas conquistas trabalhistas rurais e pela reforma agrária, na história brasileira do século XX. Além disso, conseguiram também a desapropriação das terras do Engenho Galiléia na referida cidade, em dezembro de 1959, após lutarem contra o aumento do foro cobrado nas terras do mesmo.

A maior delas, a Liga Camponesa de Sapé fundada em 1958, era liderada por João Pedro Teixeira, protestante batista, o que parece soar estranho até porque o que se mostrava na imprensa, segundo Eduardo Coutinho, era de um movimento *subversivo comunista* que, *assustadoramente*, crescera no interior do Nordeste. Outros líderes das diversas Ligas eram também evangélicos, além de batistas, da Igreja Assembléia de Deus.

Os protestantes combatiam o comunismo como discutimos em diversas partes de nossa dissertação. O fato de os principais líderes das Ligas Camponesas serem protestantes nos mostra que nem todos os evangélicos acatavam o discurso de suas lideranças de não participarem de movimentos de esquerdas, ou de apontar qualquer grupo que lutasse por direito trabalhista, como comunistas.

Às vésperas do Golpe Militar, as Ligas Camponesas, segundo Francisco Julião, estavam com 500 mil trabalhadores armados prontos para um levante precisando apenas da ordem do líder. Nos anos que antecederam o Golpe, além de lutar por direitos trabalhistas, posses de terras e aumentos de salários o movimento

⁸⁵ CABRA marcado para morrer. **Direção: Eduardo Coutinho**. Rio de Janeiro: MAPA, 1983. 1 videocassete (116 min), VHS, son., color.

⁸⁶ Dado disponível em: <<http://www.noticiasagricolas.com.br/noticias.php?id=51442>>. Acesso em: 13 jan. 2010.

teria formado guerrilheiros no interior de Pernambuco, o que o tornava mais forte e temido, principalmente pelos políticos e setores conservadores (Cf. BARRETO; FERREIRA, op. cit.).

Esse cenário de *revoltas e levantes* que se dava em Pernambuco, principalmente no campo, preocupou as autoridades (SILVA, M., 2007). Qualquer trabalhador que procurasse melhores condições de vida e salário era visto como subversivo. Nesse contexto, a polícia passa a ser mais acionada, pois alguns incêndios⁸⁷ que ocorreram nos canaviais pernambucanos, mesmo que acidentais, eram atribuídos às Ligas ou aos membros do PCB (MONTENEGRO, 2007).

Preocupados com um possível levante das esquerdas no Nordeste, principalmente em Pernambuco onde se teriam formado as Ligas Camponesas, e cientes que tal movimento poderia ocorrer a qualquer instante, alguns periódicos protestantes trataram de *alertar* os fiéis que uma revolução só deveria ocorrer no país caso fosse feita nos moldes evangélicos, como nos mostra *O Brasil Presbiteriano* em 1962, do qual transcreveremos por completo para melhor compreensão e análise de nosso objeto.

Estamos Preparados Para a Revolução?

É possível que algum leitor se espante com a pergunta acima e se admire, mais, por estar ela formulada num jornal evangélico. Vivemos, quem sabe, tão angelicamente, absorvidos com os problemas de ordem teológica e espiritual que não nos preocupamos com os problemas sociais...

Aí mesmo é que está o perigo. A revolução vem aí é coisa certa. Ninguém mais duvida disso. A estrutura atual da nossa sociedade não resiste mais a qualquer abalo.

Essa revolução pode ser feita, ainda, de maneira pacífica, pelos caminhos democráticos, dentro da lei e da ordem. Se não se fizer assim, ela se fará pela violência e com sangue...

⁸⁷ Sobre os incêndios que ocorriam nos canaviais de Pernambuco no período que estamos estudando, Manuel Correia de Andrade observou que “os conservadores acusam frequentemente as Ligas Camponesas de insuflarem os trabalhadores contra os proprietários e têm apontado as mesmas como responsáveis por incêndios em canaviais. O deputado Julião defende-se desta acusação assegurando não estar nos seus propósitos a ação terrorista. Na realidade, em todos os anos surgem notícias de incêndios que devoram centenas e, às vezes, milhares de toneladas de cana, dando prejuízos aos proprietários, pois a ‘cana queimada’ tem de ser moída dentro de dois ou três dias e as usinas descontam de perto de 10% do valor das mesmas. Deve-se, porém, salientar, que muitas vezes, os incêndios são provocados por faíscas desprendidas pelas locomotivas da Rede Ferroviária ou das estradas de ferro das usinas, ou muitas vezes os próprios cortadores de cana, sem qualquer orientação política, ateiavam fogo ao ‘partido’, a fim de obterem maior produção; frequentemente, é o proprietário ou o usineiro que manda pôr fogo no partido de cana em área restrita, afim de apressar o fornecimento, uma vez que esta pressa compensa a diminuição de 10% do valor do produto, permitindo a mais rápida conclusão da safra” (ANDRADE, 2005, p. 312, 313).

E nós evangélicos? Estamos preparados para isso? Participaremos dessa revolução, exercemos o nosso papel, faremos a nossa parte, ou ficaremos de fora, como espectadores.

Não. Esse não é o papel do cristão verdadeiro. Ele tem o poder espiritual em sua vida e as normas e diretrizes do mais revolucionário de todos os homens, aquele que também é Deus – Jesus Cristo Nosso Senhor.

Não fiquemos no Monte da Transfiguração, fazendo, tendas para gozar sozinho as delícias dos céus. Lá em baixo há miséria, fome, angústia, desajustamentos, injustiças, erros, calamidades. Desçamos com Jesus, caminhemos com ele, apliquemos seus ensinamentos às necessidades humanas e, assim, estaremos fazendo a revolução e ajudando aqueles que a fazem, com bons e elevados propósitos.

Aí fica a pergunta: estamos preparados para a revolução? Talvez eu mesmo não a tenha respondido porque o meu propósito, nesta ligeira crônica semanal, foi formulá-la.

E se a formulação da pergunta provocar alguma agitação, me darei por satisfeito. A resposta virá depois, em outro comentário⁸⁸.

Com base na documentação anterior, podemos inferir que o redator conhecia a realidade de “... miséria, fome, angústia, desajustamentos, injustiças, erros, calamidades”⁸⁹, porque passava o Estado de Pernambuco naquele momento. Esse fato contribuiu para o aumento da preocupação no Estado de uma possível organização de revolução “... pela violência e com sangue”⁹⁰. Ciente que isso poderia se tornar uma realidade, no decorrer de toda a arenga, chamou os protestantes a fazerem uma revolução pela via pacífica, se espelhando no “... mais revolucionário de todos os homens, aquele que também é Deus – Jesus Cristo Nosso Senhor”⁹¹.

A matéria deixa transparecer a preocupação com a situação social de Pernambuco, e que os protestantes não poderiam ficar parados, frente ao avanço das esquerdas no Estado. A realidade social estava preocupante, e os comunistas pregavam o direito de terras e alimentos para todos, *ameaçando* a propriedade privada e preocupando as elites nordestinas, principalmente rurais (OLIVEIRA, 2008). Parafraseando as palavras do Ex-Presidente Washington Luis a ordem era, *façamos a revolução antes que os comunistas a façam*.

Joanildo Burity lembra que nesse período eram comuns as discussões sobre a responsabilidade da sociedade frente aos problemas sociais. Alguns protestantes se diziam no dever de se engajarem na luta por uma mudança social, mas com a

⁸⁸ Estamos preparados para a revolução? **Brasil Presbiteriano**. Recife, out. 1962. p. 5.

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ Ibidem.

⁹¹ Ibidem.

ressalva de que Deus deveria estar atuante em todas as etapas caso essa viesse a acontecer (Cf. BURITY, op. cit.).

Uma revolução feita de forma pacífica seria sem a participação das esquerdas. No discurso protestante, Deus não aceitaria uma revolução idealizada por *ateístas, materialistas, sanguinários* e que não fosse pelos caminhos democráticos. Jesus teria pregado uma verdadeira revolução com uma mensagem de fato revolucionária que se propunha a transformar a vida das pessoas, pois seria “... melhor para os líderes, não tem a crueldade e o horror das outras revoluções e, com o correr dos tempos, revela ser muito mais estável do que qualquer outra” (ELDER, op. cit., p. 31). A revolução pregada por Jesus seria a *Revolução do Amor*. Os cristãos não poderiam coadunar com um levante que incitasse o *ódio, a cobiça, o desamor, a falta de fé, a perspectiva de um falso futuro*, como supostamente pregavam as esquerdas.

Diferentemente da *Revolução do Amor*, o Partido Bolchevista teria feito uma *revolução pela violência e com sangue* em outubro de 1917. John Elder aponta e discute as conseqüências *funestas* desta revolução, e da implantação de um sistema político considerado antidemocrático que praticava a espionagem contra os opositores do marxismo nos países que adotaram tal ideologia:

A consequência deste regime é que todos os homens de destaque “vivem em constante estado de apreensão e de terror, perdendo todo o gosto de viver”. Só podia ser assim. Quando o poder é tomado à força, só pode ser conservado pela violência, e esta violência usada primeiramente só para os adversários, vai se estendendo cada vez mais aos membros do próprio partido, que se opuserem de algum modo aos líderes, ou que despertarem suspeitas (Ibidem, p. 26).

No discurso protestante, a primeira revolução que deveria ser feita no Brasil teria de ser espiritual, e através dessa se mudaria a situação política e econômica que estava enfrentando a nação. João Dias de Araújo, então professor do Seminário Presbiteriano do Norte, evangélico tido como progressista, defendia que “a bandeira da verdadeira revolução deveria ser desfraldada pelos cristãos e não pelos comunistas” (Cf. SILVA, H., 2002, p. 56). Os exemplos da Rússia, da China e de Cuba, não deveriam ser copiados em Pernambuco, pois em tais casos Deus não tivera participação nas transformações que os respectivos países estavam passando.

A coqueluche dêste século é a palavra mágica “Revolução”. Diariamente podemos ler nos jornais espalhados pelos quatro cantos do país, artigos e comentários que giram em tórno desta palavra: “Revolução”. Realmente, é um fato indiscutível que durante o século passado e o presente, o mundo tem sido sacudido por uma série de revoluções tanto sociais, como políticas, educacionais, industriais, etc. Provavelmente, a maior revolução de nossos tempos foi aquela idealizada e realizada por Marx, Engels, Lenin e Stáline. Ela deixou marcas profundas na sociedade moderna e ainda está em constante evolução, tentando arraigar o mundo a seus pés. Em apenas 44 anos, a revolução comunista, usando todos os meios ao seu alcance, conseguiu dominar metade do mundo, impondo seu sistema não apenas na política, mas também na educação, na vida social, no trabalho e na vida particular de cada um. Entretanto, existe uma revolução superior. Uma revolução idealizada por Jesus Cristo. Seu objetivo: revolucionar o coração do homem, em particular para melhorar o mundo em geral. “Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça e tôdas essas cousas vos serão acrescentadas”. O problema fundamental do homem, e por conseguinte de toda a humanidade não é ser rico ou pobre, intelectual ou ignorante, viver num regime de liberdade política ou num regime de escravidão. O problema fundamental do homem não é psíquico, nem político, educacional ou social; o problema fundamental do homem é espiritual. Sòmente a revolução de Jesus Cristo pode resolver esse problema. Portanto a responsabilidade do crente é clara: resolver primeiramente a necessidade, o problema espiritual do homem, entregando a mensagem de salvação. Modifiquemos a vida do homem brasileiro através do Evangelho de Cristo e modificaremos essa nação!⁹²

A revolução que precisava ser feita no Brasil, segundo *O Jornal Batista*, não necessariamente seria para resolver os problemas sociais como o desemprego, o latifúndio, a falta de moradia; os problemas de ordem política, como o coronelismo ou a corrupção em geral; os problemas educacionais, visto que a maioria da população nordestina naquele momento era analfabeta; nem se preocupavam se as pessoas viviam num regime de servidão, trabalhando muitas vezes apenas pela péssima comida que recebiam como pagamento pelo árduo trabalho⁹³. Esses não seriam os piores males que sofriam as pessoas no país. Talvez para que os protestantes não se mobilizassem como os movimentos de esquerda no momento, a

⁹² **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 20 abr. 1963. p. 1.

⁹³ Além de receberem aquém daquilo que deveriam muitos dos camponeses viviam endividados e presos ao *barracão* (uma espécie de mercearia que geralmente pertencia ao dono da usina ou do canavial), onde recebiam salários em notas que só eram aceitas neste estabelecimento, e ainda os alimentos eram vendidos a preços bem maiores que o do mercado. Além da dependência do *barracão*, Manuel Correia de Andrade nos lembra que “a maioria dos moradores dava um dia de ‘cambão’ por semana ao proprietário como aluguel de um sítio de meio hectare” (ANDRADE, op. cit. p. 313). *Cambão* seria um dia de trabalho sem receber pagamento, nas terras do usineiro ou do dono do canavial.

única preocupação que deveriam ter, segundo o periódico acima era de ordem espiritual, pois assim, conseguiriam transformar os rumos que tomara a nação.

Porém nem todos os protestantes pregavam que a revolução pela qual precisariam passar os seres humanos, deveria se dar apenas no plano espiritual.

Para E. Stanley Jones (op. cit., p. 20) “si lo que estas ‘buenas nuevas’ significan es lo primero (conformidad con la pobreza, confiando en la promesa de una futura recompensa), entonces la religión llega a ser, en verdad, como dicen los comunistas, ‘un opio del pueblo’”. Segundo o autor, as preocupações de Jesus não seriam apenas quanto à *salvação da alma*, mas também as necessidades físicas do ser humano. Quando Jesus Cristo falou em anunciar aos pobres as *Boas Novas* não se tratava unicamente sobre a espiritualidade das pessoas, mas das suas necessidades materiais de tentar reverter o quadro de miséria e fome que muitos em sua época estavam passando.

Jesus teria questionado as instituições religiosas para ajudar os necessitados, já que muitos fariseus cobravam das pessoas uma vida espiritual íntegra, e deixavam-nas de lado quanto às suas necessidades básicas de ser humano, como a alimentação, por exemplo (Ibidem).

E. Stanley Jones usa um interdiscurso bíblico para explicar a *obrigação* de os cristãos viverem uma vida de cooperação e ressalta que cedo ou tarde os cristãos teriam que enfrentar os problemas sociais que o ser humano suscita. Para ele, São João incentivou a caridade e o dever das boas obras sociais, devendo os cristãos seguirem o exemplo, pois se tratava de um mandamento divino.

O termo *necessidade* seria a palavra na qual o socialismo e o comunismo vinham organizando suas sociedades. Necessidade essa que Jesus já alertava às pessoas há dois mil anos e os cristãos no século XX deveriam ficar de *atalaia*, quanto a esse fato, pois poderiam ser atraídos pelas *promessas de vida próspera* do marxismo.

John Elder (op. cit.), fez o seguinte questionamento, se os que se dizem cristãos possuiriam um plano de reforma social ou se estariam preocupados apenas com a relação do homem com Deus. Segundo o autor a humanidade necessitaria de um plano social sabiamente elaborado, baseado em princípios bíblicos, que não fosse individualista, e que se preocupasse principalmente com os menos favorecidos. Para tal, deveriam se inspirar no livro de Êxodo, pois o mesmo mostra a preocupação de Deus em livrar o povo das opressões sociais, econômicas e

políticas. Em todo o Antigo Testamento, Deus teria punido àqueles que violaram os mandamentos sobre a justiça social. Jesus Cristo teria sido o maior exemplo daqueles que se preocuparam com os seus contemporâneos e aqueles do tempo vindouro. Isso deveria impelir os cristãos para trabalharem na melhoria da sociedade.

Em Pernambuco, havia aqueles que cientes da situação porque passava o Estado, preparavam os *crentes* para um possível levante comunista, deixando os evangélicos atentos para que ele ocorresse de forma pacífica (*por métodos divinos*)⁹⁴.

Esses que diziam não se preocupar apenas com as questões religiosas dentro das igrejas, promoveram de 22 a 29 de julho de 1962, nas dependências do colégio vinculado à Igreja Presbiteriana, *Agnes Erskine*, no Recife, um congresso intitulado: **Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro: A Conferência do Nordeste**, organizado pela Confederação Evangélica do Brasil (CEZAR *et al*, op. cit.)

Para os protestantes, aquele era o momento oportuno de agir. A escolha da região e da cidade para o evento também não fora por acaso. O Nordeste era conhecido como a *Cuba Brasileira* ou o *Estopim da Revolução* e o Recife como a *Moscousinha Brasileira*. Os crentes deveriam pedir forças a Deus para *atravessar* o momento que a pátria estava passando (Idem, 1962).

A Conferência do Nordeste, como ficou conhecido o evento, contou com a presença de cento e sessenta e sete participantes, de quatorze denominações protestantes diferentes – batistas, presbiterianos, pentecostais, metodistas livres, luteranos, episcopais, reformados, entre outras. Além disso, recebeu cinco delegados de Igrejas norte-americanas, uruguaias e mexicanas. Do Brasil havia representantes de dezessete Estados, incluindo Pernambuco. Foi um dos maiores eventos organizados pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja da Confederação Evangélica do Brasil (SRSI) (BURITY, op. cit.). Também estiveram presentes as seguintes autoridades pernambucanas: o então Governador de Pernambuco, Cid Sampaio; o Capitão Jorge de Castro Comandante da 7ª Região Militar e o Deputado Paulo Guerra como representante da Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco (CESAR *et al*, op. cit.).

⁹⁴ **Brasil Presbiteriano**. Recife, out. 1962. p. 5.

Segundo os organizadores, o objetivo maior da Conferência do Nordeste seria o de propor uma revolução social com amor. Os líderes do evento se diziam preocupados em estudar a *realidade brasileira* e buscar uma resposta cristã aos problemas que tal *realidade* apresentava em dado momento histórico. Nessa busca, a revolução espiritual na vida das pessoas deveria estar em primeiro lugar. As *coisas materiais* viriam como conseqüências da mudança interior provocada nos indivíduos através de Cristo (Idem).

O Brasil estaria vivendo um processo revolucionário e os protestantes não deveriam se esquivar desse processo. Os problemas sociais e políticos porque, estava passando a nação e principalmente a região Nordeste, era uma preocupação nacional e internacional. O então senador dos Estados Unidos, Bob Kenned, inclusive, visitou o Estado de Pernambuco para observar de perto os problemas sociais da região. A situação era vista como *caótica*. Tinha-se uma idéia de estar “fazendo um pic-nic em cima de um vulcão” (Ibidem, p. 25). Os protestantes então se diziam no dever de levar a *Revolução de Cristo* para a Nação Brasileira.

3.1.1 – Os discursos e as propostas *revolucionárias* da Conferência do Nordeste

A partir de agora, iremos nos debruçar na análise dos anais da Conferência do Nordeste (CEZAR *et al*, op. cit.), com o propósito de estudar alguns discursos dos pastores e dos intelectuais que estiveram presentes na referida semana⁹⁵, bem como algumas propostas de mudanças sociais debatidas em grupos de estudos.

Na abertura da Conferência Waldo A. Cezar, Secretário Executivo do Setor de Responsabilidade Social da Igreja, descreveu que o objetivo do encontro seria fazer com que os protestantes discutissem e propusessem, sob a luz da fé cristã, soluções para compreender e interpretar os movimentos que estavam ocorrendo no Nordeste, principalmente em Pernambuco. As igrejas deveriam tomar participação no diálogo com os *poderes do mundo* para não dar espaços às *ideologias seculares* como o materialismo. Segundo o conferencista, não caberia aos protestantes

⁹⁵ Ao final de cada análise dos discursos proferidos, indicaremos apenas as páginas em que se encontram os mesmos.

apontar o sistema político que deveria ser implantado no país, mas sim proclamar a soberania de Jesus Cristo, em qualquer tipo de governo adotado no Brasil ou no mundo (XI -XIII).

O Pastor Ernest Shilieper, ao abordar a temática: **A Igreja e Sua Responsabilidade Social**, descreveu como sendo uma obrigação dos cristãos assumirem a responsabilidade social. Para o pastor, Jesus Cristo era homem e veio ao mundo para servir aos homens, fato que segundo ele explicaria a obrigação que os *crentes* teriam com as pessoas *deserdadas* economicamente. Enquanto o Estado ficaria com a missão de atuar de forma política, os protestantes deveriam atuar no plano espiritual, pois os evangélicos não poderiam ficar imóveis frente aos acontecimentos que se passavam no Nordeste, procurando meios para tentar solucionar as questões que poderiam gerar uma revolução popular. A igreja não deveria pregar uma revolução, principalmente para não incentivar os fiéis a pegarem em armas, mas encontrar meios de mudar a realidade social da região de forma pacífica. Ajudar os que precisam seria um mandamento divino. De forma modesta, nas palavras do pastor, os evangélicos poderiam revolucionar a vida das pessoas na região (VII - X).

Ao abordar o tema do congresso, **Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro**, o Rev. Almir dos Santos iniciou sua fala enfatizando que a revolução social da qual o Nordeste estava precisando não deveria ser compactuada com os comunistas. Segundo o Reverendo, alguns protestantes temiam ouvir o termo *Revolução*, devido à situação porque passara a população da região, por medo que essa se desse de forma generalizada pelos marxistas. A revolução social estaria a caminho como um grito de revolta contra a pobreza, principalmente no campo, onde era mais temida, pois o levante comunista que ocorreu na América Latina se deu com o apoio de camponeses. Os cristãos não poderiam ficar parados frente ao clima de tensão que se desenrolava nos engenhos da Zona da Mata Pernambucana, e sim deveriam levar as *boas novas* para as pessoas que viviam nessa *bomba prestes a explodir*. Fazendo uso das palavras do então presidente norte-americano John F. Kennedy citou que “Aquêles que se rebelam contra a revolução pacífica da justiça serão responsáveis amanhã pela revolução injusta que pode vir” (p.11), deixando para os protestantes o *dever* de se alinhar aos discursos da Conferência e dessa forma impedir um possível levante comunista no país.

Diferentemente do que defendia o Pastor Ernest Shilleper – as igrejas deveriam se preocupar em ajudar os nordestinos no plano espiritual e o Estado no plano político – o Reverendo Almir dos Santos enfatizou que os protestantes deveriam divulgar um *evangelho* que contribuísse para o fim da pobreza e dessa forma combatesse a desigualdade social. Nas palavras do Reverendo, Cristo era participante da política social, valorizava os seres humanos e lutava para que esses não fossem explorados, devendo, portanto, um cristão lutar pelo fim da miséria alheia, mas sem perder o *estabelecimento da ordem*. Caso os protestantes não fizessem uma revolução que abordasse o econômico, o material, o social e o espiritual, estariam perdendo a oportunidade de barrar uma *revolução injusta* que estaria a caminho, comandada pelos comunistas do Nordeste (1 – 12).

O Reverendo João Dias de Araújo ao proferir a conferência intitulada **A Revolução do Reino de Deus: conteúdo revolucionário do ensino de Jesus sobre o Reino de Deus**, iniciou sua fala descrevendo que Jesus seria o rei do mundo e a humanidade esqueceu de reconhecê-lo como tal. O reino divino deveria ser estabelecido sem o uso da violência, se distanciando dos comunistas, pois propunham uma revolução “... pela violência e com sangue”⁹⁶. Para João Dias de Araújo, a revolução que os protestantes deveriam ter em mente era a de natureza messiânica, pois Deus seria a única solução para as crises vividas no Nordeste brasileiro. Tal revolução deveria ocorrer dentro de uma ordem, já que um cristão não deveria compactuar com a *desordem revolucionária*, que segundo o Reverendo, era apregoada pelos comunistas.

Para o estabelecimento do Reino de Deus, a humanidade necessitaria receber a *Palavra de Deus*, através do evangelismo, porém não esquecendo o lado social que estaria descrito na Bíblia. O evangelho não deveria ser divulgado só no plano espiritual, nem tão pouco apenas no plano social. Os *crentes* fazem parte da sociedade, portanto, deveriam levar a mensagem bíblica, mas não esquecendo de obras que pudessem mudar a vida das pessoas na Região, já que Jesus teria reconhecido que os pobres existiam, mas que a pobreza deveria ser extinguida. As igrejas que falassem apenas da Bíblia e não lutassem pela erradicação da pobreza, estariam contribuindo para a implantação de um regime com inspirações marxistas. Isso porque o *messianismo comunista* prometia mudanças sociais, e para não dar

⁹⁶ **Brasil Presbiteriano**. Recife, out. 1962. p. 5.

espaço à atuação das esquerdas, os cristãos deveriam tomar parte da rebelião que estaria ocorrendo em Pernambuco (33 – 57).

Em sua palestra intitulada **O Artista: servo dos que sofrem**, Gilberto Freyre⁹⁷ descreve que um verdadeiro Cristão deveria respeitar as artes e tradições culturais brasileiras. Para o ele, o cristianismo evangélico do país precisaria se engajar mais numa campanha pela nacionalização da arte e inserir em sua música, por exemplo, elementos do folclore nacional. Freyre destacou que a principal missão do cristianismo é a espiritual, porém os evangélicos não deveriam se esquivar dos problemas sociais. O cristianismo seria a religião que faz o homem nascer novamente, por esse motivo, os protestantes deveriam lutar por uma nova sociedade que estaria prestes a surgir. Esse cristianismo não buscaria apenas a visão mística da religião, como já foi dito, mas almejaria uma mudança na arte, na economia, na política, desenvolvendo atividades *crístocêntricas* em benefício da cultura brasileira (59 – 63).

O economista Celso Furtado, responsável por proferir a palestra da mesa **O Nordeste no Processo Revolucionário Brasileiro**, procurou discutir os problemas enfrentados pelos trabalhadores nordestinos, principalmente de Pernambuco, que se dedicavam à agricultura e à pecuária.

Para o economista, as transformações e os movimentos insurgentes que estavam ocorrendo em Pernambuco, poderiam causar revoltas, devendo a sociedade programar uma revolução que não escapasse das mãos de seus controladores. Os agricultores nordestinos estariam trabalhando num regime de escravidão. O clima, o solo, as regiões montanhosas, nas palavras do intelectual, contribuíam para aumentar a tensão do sertanejo, que ficava sempre esperando uma providência divina para suas crises, e tal providência não chegava. Celso Furtado lembrou que, nos anos do governo Juscelino Kubitschek, o Brasil cresceu

⁹⁷ Gilberto Freyre na sua infância estudou no Colégio Americano Gilreath (hoje com o nome de Colégio Americano Batista). Na escola teve seu primeiro contato com a fé protestante, tendo sido batizado na Primeira Igreja Batista do Recife. A partir de 1917 passou a mostrar um desejo de ser missionário e iniciou pregações em praças públicas. Com uma bolsa de estudos cedida pelo Colégio, Freyre seguiu para a Universidade Batista Baylor no Texas, na intenção de se preparar para o pastorado. Porém a expansão da doutrina pentecostal e os crimes raciais praticados por protestantes norte-americanos integrantes da Ku Klux Klan (organização racista que desde 1865 tem perseguido negros nos Estados Unidos), aos poucos foram frustrando as convicções protestantes do sociólogo. A partir de então ele se declarou cristão, mas *livre* de bandeiras denominacionais. Freyre concluiu o bacharelado no Texas e Seguiu para Nova Iorque onde fez seu mestrado na Universidade de Columbia. Completando sua formação, se destacou como um dos principais cientistas sociais do Brasil no século XX (GUILHERME, 2000).

economicamente, mas a população do interior do Nordeste não acompanhou esse crescimento. Isso teria criado uma tensão social, que se não fosse logo resolvida poderia gerar um *levante sem precedentes* fugindo do controle das autoridades (65 – 88).

Ao falar sobre **A Missão da Igreja Numa Sociedade em Crise**, o Bispo Edmund Knox Sherrill sugeriu que os protestantes se preocupassem em fazer uma revolução que atingisse o povo brasileiro, a fim de que esses não adotassem os métodos revolucionários marxistas. Segundo o bispo, essa revolução deveria ser baseada nas doutrinas que regem o cristianismo, com a participação dos protestantes, já que para ele os evangélicos não poderiam se conformar com a miséria alheia. Toda ordem política deveria se basear no evangelho, defendendo o bispo que um Deus que não interferisse na política fosse combatido. As igrejas não deveriam abrir mão de influenciarem os sistemas políticos, pois essa seria uma das missões do cristianismo na terra. A revolução social feita pelos protestantes viria junto com a espiritual, já que segundo o bispo, o homem é alma, mas também é corpo. A crise porque passavam os nordestinos era perigosa, e caso os cristãos cruzassem os braços, ela poderia vir por *métodos totalitários* (119 – 130).

O Reverendo Sebastião Gomes Moreira ao discursar sobre o tema **Cristo – A Única Solução Para os Problemas do Brasil**, defendeu que a causa da miséria humana é fruto do pecado original. Analisando o discurso proferido pelo Reverendo, percebemos que o mesmo defendia uma revolução mais pelos moldes espirituais, pois, segundo ele, trabalhando as questões morais de uma sociedade é que se resolveriam os problemas sociais.

Para Sebastião Moreira, o Nordeste precisava de um *bom samaritano* que se preocupasse com as tensões que abalavam a Região, buscando soluções dentro da *ordem e da paz*. Um sistema comunista não serviria para Pernambuco. Tal sistema, segundo o Reverendo, pregava um progresso sem ordem e sem liberdade, e uma possível revolução liderada pelos marxistas poderia frear o progresso espiritual do Estado. Cristo seria o messias que o Nordeste precisava, pois só com ele, segundo o Reverendo, se teria uma mudança social de forma pacífica (131 – 139).

Na sessão de encerramento da Conferência, o Rev. Curt Kleemann enfatizou que Pernambuco vivia numa época de transição histórica. Os *crentes* nesse processo de mudanças deveriam dar *testemunho cristão*, vivendo não apenas o plano espiritual, mas também o material. Caberia aos evangélicos não apenas se

preocuparem com a sobrevivência da *Igreja Protestante*, mas com a sobrevivência da sociedade, pregando não somente o evangelho e deixando as pessoas com fome. Os protestantes deveriam se infiltrar nos campos sociais, pois como Cristo viveu no mundo, os *crentes* deveriam influenciar o mundo, visto que evangelho não deveria ficar só nas palavras, mas partir para a ação, antes que fosse tarde e a sociedade fosse influenciada por ideologias com *padrões meramente humanos* (141 – 148).

Além das palestras proferidas na Conferência, grupos de estudos se formaram durante a semana para discutir os problemas e propor soluções *à luz da palavra* para o que consideravam a *situação caótica do Nordeste*.

A primeira temática que iremos mostrar é a da **Fronteira Econômica** que se subdividiu em *Grupo Urbano*, *Grupo Industrial* e o *Grupo Rural*.

O *Grupo Urbano* se mostrava preocupado com o crescente processo de urbanização, favelização e miserabilidade da sociedade brasileira. Nos planejamentos, as igrejas deveriam agir na sociedade de forma cristã, principalmente no campo espiritual das cidades, mas não deixando de lado o campo social. Alguns problemas urbanos foram listados e tidos como primordiais no plano social e político urbano, onde os protestantes também deveriam atuar:

Âmbito local de comunidade

condições de vida da população favelada
pavimentação de ruas
sistemas de comunicação e transporte
assistência escolar, hospitalar

Âmbito nacional

problema universitário
reforma agrária
posições ideológicas
analfabetismo
orientação eleitoral
orientação vocacional
partidos políticos e seus programas
sindicalização
Aliança para o Progresso (Idem, 1962, p. 154).

No *Grupo Industrial*, se discutiram as relações de trabalho e as formas que deveriam ser mantidas nas relações entre a classe patronal e o proletariado. Nas discussões se colocou que “ao contrário da tradição brasileira que vê no trabalho uma necessidade penosa, para a Escritura Sagrada o trabalho é fundamentalmente

mandato de Deus ao homem ao criá-lo” (Ibidem, p. 155). Os *crentes* não deveriam se esquivar do trabalho. Isso seria um mandamento divino e trabalhar para melhorar a estrutura das sociedades urbanas seria um dever de patrões e empregados, principalmente evangélicos. Os problemas industriais também foram listados pelos participantes do grupo, a fim de que esses participassem do processo de transformação da situação do operariado brasileiro. Eis alguns pontos:

Reinvidicação, nas indústrias, da organização de cooperativas de consumo.

Sugestão às autoridades públicas de completa isenção de impostos sobre gêneros de primeira necessidade.

Adoção do salário-família para os trabalhadores, com garantia de não discriminação dos operários com dependência familiar, na sua relação de emprego.

Sugestão ao Governo de criar institutos de seguro do desempregado no país.

Solicitação no Congresso Nacional no sentido de regulamentar o direito de greve.

Consideração do sentido humano e justo do projeto de lei, em tramitação no Congresso, que recomenda a redução da jornada de seis horas de trabalho para as mulheres.

Apêlo para o govêrno para o fiel cumprimento da lei que disciplina o imposto sindical (Ibidem, p. 160, 161).

A segunda temática foi a da **Fronteira Cultural** que se subdividiu em: *Grupo Educacional*, *Grupo Estudantil* e *Grupo de Arte e Comunicação*.

O *Grupo Educacional* lembrou que a educação brasileira daquele momento importava métodos de ensino dos Estados Unidos e da França, que em nada se enquadravam à realidade brasileira. O grupo propunha uma metodologia educacional que fosse discutida com os brasileiros e que estivesse de acordo com a realidade de cada região do país. A educação de qualidade seria uma das principais metas a serem alcançadas pelos brasileiros, pois todo processo revolucionário deveria ter início no âmbito educacional.

Propôs-se uma democratização do ensino básico e superior, assim como a forma de ingresso deste último, já que os participantes do grupo viam o vestibular como algo injusto, pois não selecionaria por aptidão ou maturidade, mas apenas teria o critério de limitação do número de alunos ao ensino superior.

A educação deveria ter base cristã, porém os colégios evangélicos deveriam se adaptar a nova realidade revolucionária que o país estava passando. Se a educação deveria se basear nos princípios bíblicos, a família – que para os

protestantes era uma instituição criada por Deus para servir de base de sustentação da sociedade - não deveria ficar de fora dessa labuta, visto ser essa o *braço direito* no processo de formação dos indivíduos.

O *Grupo Estudantil* discutiu a participação dos alunos cristãos nos projetos de reestruturação do ensino. Os estudantes evangélicos não deveriam ser identificados apenas por não participarem dos *prazeres mundanos* que os outros alunos participavam, mas também por reivindicarem os seus direitos e cumprirem seus deveres dentro da ética cristã.

Por fim, o *Grupo de Arte e Comunicação* destacou que as artes deveriam ser usadas para *glorificar a Deus e anunciar o Evangelho* às pessoas. Todos os meios de comunicação existentes também deveriam ser usados nesse processo revolucionário social. Dessa forma propunham mudar o *caos social brasileiro*, principalmente o pernambucano, haja vista que era o Estado mais temido para uma possível explosão de uma revolução comunista, e com isto tirar a atenção da sociedade das crescentes informações sobre as propostas da ideologia marxista.

O que percebemos ao analisar as discussões da **Conferência do Nordeste**, é que além de uma preocupação com o social, havia também um temor contra uma possível implantação de um sistema político baseado nos princípios marxistas em Pernambuco. Princípios esses que são criticados por E. Stanley Jones (op. cit.), já que o marxismo teria interpretado a história levando em conta apenas o fator econômico. O mesmo ainda critica a Marx por esse dizer que a economia é a mola motora da sociedade. Para o autor, o homem não pode ser visto apenas como um *ser econômico*, mas acima de tudo como um *filho de Deus*. A vida social estaria submetida à vida espiritual, não querendo dizer que o social deveria estar à margem das preocupações cristãs, até porque Jesus não teria pregado apenas uma libertação espiritual, mas também uma libertação social e econômica.

O autor ainda frisa que Cristo queria trabalhar na sociedade por meio dos indivíduos e nos indivíduos por meio da sociedade. Com isso os protestantes deveriam viver no mundo de forma igualitária e fraternal, já que Jesus e seus discípulos seriam o maior dos exemplos da prática da solidariedade, que era pregada pelos comunistas, mas os *crentes* deveriam seguir o exemplo de Cristo. Caso o verdadeiro cristianismo fosse praticado outra vez, deveria ter a participação coletiva, semelhante inclusive ao que prega o comunismo, mas desprovido das *atrocidades* deste último.

Porém Jesus teria vindo salvar, sobretudo os deserdados espirituais, e os comunistas pregariam o repúdio à moralidade que provenha de idéias sobrenaturais, defendendo apenas uma liberdade das *cargas externas*, não levando em conta que os *pecados interiores* prejudicam mais o reino de Deus que os *pecados da carne*. Um dos objetivos de Cristo era o de libertar as mentes do peso da culpa, e assim dar liberdade aos oprimidos, até porque quando esses sofrem, Jesus estaria sofrendo com eles também (Cf. *Ibidem*).

Daí que em Pernambuco, alguns defendiam a necessidade de se buscar resolver logo os problemas sociais nos moldes do cristianismo. Como não se resolveram tais problemas num curto espaço de tempo, boa parte dos protestantes, mesmo alguns tidos como progressistas, acabou apoiando o Golpe Militar que ocorreu dois anos após a Conferência, pois dessa forma se julgavam *livres* da implantação de uma ditadura comunista no Brasil.

3.2 – “Estamos iniciando uma nova era na História do Brasil” - o alinhamento protestante ao Golpe Militar de 1964

As crises política, social e econômica porque passavam os brasileiros no início dos anos 1960, geraram um clima de questionamento nos setores sociais. Diversos grupos como as igrejas cristãs, cobravam dos políticos medidas que viessem *acalmar a população*, e ao que parece isso não ocorreu. Nesse contexto surge o discurso de *necessidade de um messias* que salvasse o país dos perigos que rondavam o Brasil, principalmente quando se tratava dos *subversivos comunistas*.

Para Pierre Bourdieu (2007), numa sociedade em crise, nasce um sentimento messiânico com uma aspiração profunda por transformações, principalmente de ordem política. Esse messias seria alguém ou um grupo que viria transformar a *desordem social*, e quando concluída sua missão, já não se faz necessidade de sua presença deste na sociedade.

Em 1964 foi esse o sentimento que pairou junto a grande parte dos cristãos pernambucanos. Alguns grupos religiosos tiveram grande importância no Golpe e na manutenção do regime que se instalou no Brasil.

Mesmo não sendo nosso objeto de estudo vale lembrar que alguns setores conservadores da Igreja Católica, como a TFP (Sociedade Brasileira em Defesa da

Tradição, Família e Propriedade) apoiaram o Golpe militar em 1964, bem como a manutenção do regime que se instalou, “em prol da civilização cristã e contra a civilização comunista” (LIMA, 2008, p. 1).

As movimentações de inspiração marxista que ocorriam em Pernambuco como as Ligas Camponesas, que eram vistas como *promotoras da desordem* incentivando o homem *campesino* a ocupar terras alheias do Nordeste, eram intensamente criticadas (OLIVEIRA, M., 2008). Usando um interdiscurso bíblico contra tais manifestações (7º e 10º mandamentos das leis de Moisés: não roubarás e não cobiçarás as coisas alheias) a TFP combatia as reivindicações das Ligas, principalmente a Reforma Agrária, que era tida como uma ameaça ao patrimônio privado. Daí que o Golpe trouxe certo alívio aos católicos do movimento, pois as organizações de esquerda em Pernambuco foram aos poucos enfraquecendo com a implantação de um sistema de repressão (LIMA, op. cit.).

Esses setores vistos como conservadores da Igreja Católica apoiaram o Golpe Militar temendo também a *cubanização* do país. A intervenção teria vindo como solução para as crises sociais e políticas que a nação estava vivenciando naquele momento. Os militares foram vistos como salvadores da crise e do comunismo, pois esperavam deles reformas não cedendo espaços para os marxistas promoverem as *utopias anticristãs*. Bispos e padres denunciaram aqueles que pertenciam à ala progressista da Igreja e não apoiaram o Movimento Militar (GONÇALVES, A., 2005).

Para Maria Blassioli Moraes (2004) a crise que passava o Brasil poderia *engrossar as fileiras comunistas*, segundo os católicos conservadores, pois os sindicatos, em grande parte ligados ao PCB, pregavam uma melhoria econômica e social.

Muitos dos embates envolvendo principalmente a classe operária se davam, na visão dos conservadores da Igreja Católica, porque os comunistas exigiam aumento de salários sem saber se as empresas poderiam pagar. A autora nos mostra que esses setores *aplaudiram* os militares, pois esperavam que as dissidências fossem resolvidas na *ordem* e na *paz*, e não com greves como supostamente pregavam as esquerdas. Esse teria sido um dos motivos que levou uma parcela do povo brasileiro a *assistir* sem resistência ao Golpe, e justificar a perseguição aos leigos e sacerdotes que se opuseram ao regime.

Ao lado dos militares, conservadores católicos acreditavam que poderiam eliminar as organizações comunistas e as alas progressistas da Igreja, abrindo dessa forma espaço para orientar a sociedade nos moldes conservadores. O movimento teria livrado o cristianismo brasileiro do *perigo vermelho*, daí a *necessidade* de se ter uma Igreja unida com o novo sistema político, mesmo que alguns setores dessa, como os progressistas, fossem contra.

Os debates sobre as crises que passara o Estado nos anos que antecederam o Golpe chegaram também ao seio das congregações evangélicas, como que provocados pelos comunistas. Com o objetivo de controlar tais crises, os protestantes pernambucanos, se aliaram a outros evangélicos do país no *Dia Nacional de Jejum e Oração* para que Deus os livrasse do *perigo vermelho* que rondava a sociedade.

Sobre o *Dia Nacional de Jejum e Oração*, o pastor batista⁹⁸, atualmente presidente da Sociedade Bíblica do Brasil, Enéas Tognini (2006), relata em sua autobiografia os *motivos* que o teriam levado a organizar, em 1963, o movimento entre os evangélicos do país. Cremos que é de suma importância relatar como se deu a preparação e realização desse *Dia* para nos ajudar na compreensão do que iremos dissertar daqui para frente.

Segundo o referido pastor, os comunistas que estavam *se infiltrando* no país trariam a destruição da população brasileira por várias formas. Ameaça a programas culturais, fechamentos de rádios, de jornais, censura de músicas, eram algumas das pretensões dos *vermelhos de Moscou infiltrados* no Brasil. O pastor reconhece a situação de miserabilidade que vivia boa parte dos brasileiros e coloca isso como uma *desculpa* das esquerdas para fazerem *badernas* nas capitais e no interior do país.

Os líderes marxistas ou seguidores desses espalhados pelo Brasil, *incorporando o Diabo*, estariam tentando de todas as formas dificultar a expansão da fé protestante. No congresso de jovens do Conselho da Juventude Batista do Recife, no ano de 1961, o referido pastor relata que ali surgiu a *necessidade* de se fazer

⁹⁸ Enéas Tognini em 1963, ano do *Dia Nacional de Jejum e Oração*, e em 1964, ano do Golpe Militar, era filiado à Convenção Batista Brasileira. Por motivos doutrinários (o movimento pentecostal que tinha se iniciado dentro das igrejas batistas), o referido pastor com mais 32 igrejas teriam sido expulsos da Convenção Batista Brasileira em 1965 e em 1967, fundaram a Convenção Batista Nacional, de linha pentecostal, da qual o pastor até hoje faz parte. Ambas as convenções são filiadas a Aliança Batista Mundial (TOGNINI, 2006).

algo para *salvar o Brasil das garras do comunismo*, pois teria percebido que a ideologia marxista estaria tomando espaço nas mentes dos *jovens crentes*.

Como então vencer o comunismo, já que esse representava um empecilho para a expansão do protestantismo no país?

Segundo o pastor, a China teria feito um *Plano Quinquenal diabólico* para tomar o Brasil, e os evangélicos precisavam se unir em oração para que isso não ocorresse.

Foi então que tomando o exemplo do presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln, que fizera um dia nacional de oração pela pátria em 1863, contra os problemas herdados da Guerra de Secessão, Enéas Tognini resolveu *conclamar a nação brasileira* para orar contra os problemas que o comunismo estaria causando no Brasil mesmo sem a tomada do poder.

1863 e 1963. Estados Unidos e Brasil. Aqui o comunismo, lá a divisão e a luta interna. Se lá deu resultado, aqui daria também. Lá o povo americano atendeu ao presidente e a nação teve vitória. Aqui Deus nos daria vitória também sobre o comunismo (Ibidem, p. 153).

Como se daria o *Dia Nacional de Jejum e Oração*? O próprio pastor redigiu e entregou em rádios e jornais laicos e religiosos a forma que deveria ocorrer o movimento.

Quando? 15 DE NOVEMBRO DE 1963. Onde? Em templos – retiros – colégios – seminários – acampamentos – lares, em todo lugar. É certo: só um é o problema do Brasil: O PECADO. Uma só a solução: o poderoso sangue do Senhor Jesus; um só o caminho – único e último: separar o dia 15 DE NOVEMBRO DE 1963 para humilhação, arrependimento e jejum (Ibidem, p. 160, 161).

Segundo o pastor em sua autobiografia, o movimento teria sido uma *bênção*, e o resultado das orações colhidos em 31 de março de 1964. Transcreveremos partes do que diz o pastor em seu livro, que entendemos como sendo de suma importância para compreendermos a temática que estamos estudando.

Chegou finalmente o dia 15 de novembro de 1963. Achava-me nesse dia em Araraquara, Estado de São Paulo. Dessa cidade telegrafei ao Presidente João Goulart informando-lhe o que os evangélicos do Brasil estavam fazendo. Respondeu-me agradecendo com dois telegramas. As igrejas oraram. Alguns começaram na noite de 14 e foram até a noite de 15 de novembro. Houve lágrimas, profecias,

revelações. De norte a sul, de leste a oeste e centro, todos os evangélicos do Brasil jejuaram e oraram e se humilharam diante do Senhor Todo-poderoso. O espírito de Deus foi derramado sobre todo o Brasil. Coisa nunca vista. Na propaganda do “jejum”, canais de TV, rádios e jornais abriram suas portas para a promoção desse dia singular. E nesse dia travou-se com o diabo a grande batalha. E Jesus foi vitorioso. Aleluia... E a resposta a essa batalha do céu foi 31 de março de 1964. A revolução sem sangue. E o diabo não conseguiu tomar o Brasil. Se tivesse tomado o Brasil, o resto da América Latina era apenas uma questão de tempo. E daí para cá, cada 15 de novembro, jejuamos e oramos na letra e no espírito de Ezequiel 22. 30. Enquanto houver um povo na brecha da oração, agonizando pelo Brasil, o comunismo jamais triunfará em nossa Pátria (Ibidem, p. 162).

Para o citado pastor, os protestantes ficaram triunfantes com o movimento militar. Segundo ele, em 1963, existiam no país cerca de 10 milhões de evangélicos, e em 2006 (ano da edição do livro), cerca de 35 milhões. Esse crescimento não teria sido possível se os comunistas tivessem tomado o país e os *crentes* deveriam agradecer a Deus pelos anos que os militares controlaram a política nacional.

Daí que para muitos o movimento militar teria salvado o país da “presença incômoda dos comunistas – contrários à família e, principalmente, ao cristianismo” (LIMA JÚNIOR, 2008, p. 34). Com os militares, a família e a religião estariam a salvo. Após o Golpe, em 21 de abril de 1964, os fiéis foram novamente convocados, dessa vez para agradecer a Deus por tê-los livrado da *utopia socialista*. Pastores protestantes pediam aos *crentes* que elevassem seus corações no grande momento que estava atravessando o país e o Estado de Pernambuco. Deus teria tomado providência quanto às orações que o povo brasileiro se uniu para fazer em prol da pátria, e esse resultado levou os militares a encontrarem nos protestantes pernambucanos eficientes aliados em termos de inibição eclesiástica de certos fiéis, bem como em aspectos políticos (Ibidem).

O principal motivo que explica essa *parceria* era que os comunistas eram tidos como os inimigos a serem combatidos pela sociedade brasileira e os cristãos não deveriam ficar fora desse embate. Os protestantes teriam efetivamente participado do Golpe Militar, pois havia uma expectativa messiânica que o movimento seria a salvação brasileira das mãos *comunizantes*. O fim da liberdade de culto e da livre expressão religiosa era algo temido pelos evangélicos do período, que viam as esquerdas como empecilhos ao progresso religioso, e os militares, segundo os protestantes, combateriam melhor esses grupos no país, abrindo

espaços para a expansão dos evangélicos, bem mais que os governos antecedentes. Logo aquele que se declarava verdadeiro cristão deveria ter respeito e solidariedade ao regime instalado, orando pelos governantes, pois o país estaria entrando numa era messiânica de paz política e religiosa (Cf. PAIXÃO JUNIOR, 2000).

Em reunião extraordinária, quase dois meses após o Golpe, os professores do Seminário Presbiteriano do Norte localizado no Recife, reuniram-se em assembléia para discutir, entre outros assuntos, a posição da instituição frente aos fatos políticos que estavam ocorrendo no país. Ficou claro que o Seminário iria colaborar em “repudiar a subversão comunista”⁹⁹ junto aos militares, deixando os professores presentes na sessão a seguinte resolução:

1) Reafirmar a nossa fidelidade com o objetivo supremo desta Casa de Profetas que é preparar homens para a proclamação do Evangelho, a única esperança para a redenção do nosso povo, de nossas instituições e de nossa ordem social, e única base legítima e eficaz para todas as reformas necessárias e desejadas. 2) Reafirmar a nossa fidelidade aos históricos símbolos da fé da Igreja Presbiteriana do Brasil. 3) Repudiar a subversão comunista. 4) Acatar e apoiar as autoridades públicas constituídas e colaborar com elas nos compromissos assumidos com a nação de conseguir os seguintes objetivos: a) Salvar o Brasil da iminente catástrofe de uma sangrenta guerra civil; b) Interromper o processo de comunização do Brasil; c) Impedir a implantação de qualquer regime inspirado em princípios de ideologias extremistas, antidemocráticas e anticristãs; d) Reprimir com energia e severidade a ação de todos aqueles que estão realmente comprometidos com atividades e doutrinas comunistas, ou que forem realmente culpados de práticas atentórias ao legítimo exercício do regime democrático, quer seja da parte dos que governam, quer da parte dos que são governados; e) Pôr termo ao implacável sorvedouro inflacionário; f) Combater com energia e determinação toda corrupção administrativa; g) Assegurar e garantir a consolidação de todos os direitos legítimos de liberdade e dignidade humana; h) Garantir e ampliar as conquistas sociais dos trabalhadores, buscar e dinamizar soluções novas, dignas reais e urgentes para os problemas dos menos favorecidos, incluindo as reformas substanciais que se fizeram necessárias na estrutura social, econômica de nossa democracia; i) Incrementar a marcha do progresso e do desenvolvimento, porfiando sem tréguas, pela redenção social, política e econômica do povo brasileiro¹⁰⁰.

Márcio Ananias Ferreira Vilela (2008), ao analisar as relações de comprometimento dos presbiterianos em Pernambuco com o Golpe, nos mostra que,

⁹⁹ Ata da 180ª reunião da Congregação dos Professores do Seminário Presbiteriano do Norte. **Livro de atas da Congregação dos Professores do SPN**. Recife, 20 e 27 mai. 1964. p. 165.

¹⁰⁰ Ibidem. p. 165, 166.

desde o início da década de 1960, setores da Igreja Presbiteriana defendiam a *necessidade* de uma intervenção militar no cenário político brasileiro para salvar a religião e o país. Para o historiador, entre os protestantes, os presbiterianos foram os que mais defenderam os militares em 31 de março de 1964, bem como no decorrer de todo o Regime.

Participando ativamente de movimentos de apoio aos *guardiões da nação* como as *Marchas da Família com Deus e Pela Liberdade*, os presbiterianos viam com *louvor* e como providência divina as mudanças políticas porque estavam passando o Brasil, realizando inclusive cultos de *ações de graças*, pelo que tinha acontecido. Com o decorrer do regime (que se estendeu até 1985) passaram a integrar a ARENA (partido que deu sustentação aos governos militares) e foram indicados para cargos na política estadual como Eraldo Gueiros Leite, evangélico presbiteriano que governou Pernambuco de 1971 a 1975 (Ibidem).

Segundo Silas Luiz de Souza (2004, p. 107), “a IPB¹⁰¹ deu apoio oficial ao governo militar, incentivando seus ministros, presbíteros e membros em geral a seguirem os passos da liderança eclesiástica. Havia razões teológicas e ideológicas para tal atitude”.

Entre tais motivos, segundo o autor, está a pretensão de se unir ao Estado, como nos mostra parte da ata apresentada anteriormente¹⁰², a fim de assegurar seus objetivos. Parte do grupo era formado por uma classe média e, por isso, resolveram defender um sistema que “garantisse os direitos de propriedade e as liberdades individuais” (Ibidem, p. 121). Em se tratando das liberdades, valeria mais a religiosa do que a política. O mesmo destaca que o Golpe foi visto como uma *limpeza* no comunismo e um novo momento para a pregação do evangelho. Para ele o país odiava o marxismo e confiava no novo governo no sentido de combater a ideologia, deixando os presbiterianos *encantados* com tal atitude.

A partir de então os *verdadeiros cristãos* poderiam se regozijar, pois as esquerdas do país teriam sido expurgadas junto com seus simpatizantes. As lideranças eclesiásticas deveriam trabalhar no sentido de não permitirem supostos subversivos no cenário *democrático* que o país teria iniciado em 1964. Pastores teriam sido, inclusive, enviados para a Escola Superior de Guerra, como forma de se

¹⁰¹ Igreja Presbiteriana do Brasil.

¹⁰² Ibidem.

prepararem para um possível *levante vermelho* no país. Todos os presidentes que governaram durante o regime foram saudados e tidos como *enviados de Deus*.

Outro grupo protestante que comemorou o *trunfo dos militares* sobre a *ameaça* comunista foram os batistas. O Golpe foi tido “como uma vitória da democracia sobre o comunismo” (REILY, 2003, p. 315), e a possibilidade de uma maior expansão do cristianismo protestante no Brasil. As repressões que se sucederam no decorrer do regime foram vistas como uma forma de controle da desordem, mesmo que violasse os direitos humanos. As prisões de religiosos, católicos ou protestantes, contrários ao sistema eram tidas como necessárias, pois desse modo manteriam o país na *ordem e na paz* (LIMA JÚNIOR, op. cit.).

Na matéria abaixo podemos ver que os batistas viram o golpe como um sinônimo de mudança política importante para o país:

Os acontecimentos políticos militares de 31 de março e 1º de abril que culminaram com o afastamento do Presidente da República vieram inegavelmente desafogar a nação. Porque estávamos vivendo um clima pesado de provocações, de ameaças, de agitações, que nos roubavam o mínimo de tranqüilidade necessária para trabalhar e progredir. Necessária inclusive para a pregação do evangelho. Agora as coisas mudaram. Era tempo¹⁰³.

O Presidente João Goulart era visto como uma ameaça para a os *crentes* por manter relações diplomáticas com países comunistas. As *agitações* às quais *O Jornal Batista* se refere eram dos crescentes movimentos de esquerdas no Brasil, vistos pelos protestantes como deturpadores da ordem política no país. Com o golpe a democracia e a ordem social, segundo os evangélicos estariam salvas¹⁰⁴, e a vontade dos cristãos, que saíram às ruas pedindo uma intervenção militar nas *Marchas da Família com Deus e Pela Liberdade*, teria sido honrada (VILELA, op. cit.), pois “... Deus atendeu às orações incessantes do seu povo pela pátria”¹⁰⁵.

A *pregação do evangelho* poderia agora ser feita sem a *ameaça comunista*. Para o pastor Enéas Tognini (op. cit., p. 164):

... Deus respondeu ao clamor do seu povo com 31 de março de 1964. Um grupo de brasileiros acha que a revolução de 1964 foi política, cometeu muita injustiça. Não importa, o importante é que Deus fechou a porta para o comunismo. Para nós, evangélicos, o

¹⁰³ Responsabilidade dos crentes nesta hora. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro, 12 abr. 1964. p. 3.

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ Ibidem.

maravilhoso resultado foi LIBERDADE PARA ANUNCIARMOS A PALAVRA DE DEUS.

As portas estavam abertas, tendo os batistas, inclusive, intensificado suas campanhas de evangelização, pois o momento era visto como oportuno para isso, como podemos observar na poesia de Mário Barreto França:

Meus irmãos, meus amigos, meus patrícios,
Povo crente daqui e de além mar,
Eis chegamos os dias mais propícios
A mensagem da cruz se propagar;
Essa hora que passa é a “NOSSA HORA”
Que reclama atitude varonil
Do cristão que com Cristo colabora
Para dar ao Brasil NÔVO BRASIL!

Para que a nossa fé se contraponha
Aos ardis inconfessos dos incréus,
É preciso que o crente se disponha
A espigar a bondade e a luz dos céus;
Não podemos parar; a força viva
Que a esperança nos põe no coração,
Exige de cada um a iniciativa
Para o ataque à injustiça e a corrupção.

Se as famílias e o povo desta terra
Já se encontram exânimes, sem paz;
E, no meio da luta que nos aterra,
O desejo de fuga aumenta mais;
Só existe uma fórmula completa
Que os problemas da vida hão de solver;
É o valor do evangelho que decreta
O perdão da alma humana e o bem do ser.

Aguardar sem ação os resultados
Do processo político-social
É deixar-se vencer pelos cuidados
Excessivos de um medo temporal;
Daí ser necessária uma atitude
Que defina o dinâmico labor
De amparar os humildes, em virtude
De ser essa a missão do eterno amor.

Nossa pátria que, plácida, processa
As reformas de base, há de convir
Que a reforma do homem tem mais pressa
Pra firmá-la em justiça no porvir;
Só assim, renovados no Evangelho,
Poderemos fazer deste país
Uma terra onde o infante, o moço e o velho
Glorifiquem o dom de ser feliz...

Somos poucos; talvez, um quase nada;
Mas, unidos a Deus, somos milhões:
- Vidas postas no Altar para a jornada
Das sublimes e santas decisões;
Temos nós a Verdade e a Liderança
Que os preceitos do mal vencendo vão.
Pois Cristo é a nossa ÚNICA ESPERANÇA
E JESUS, para o mundo é a SOLUÇÃO.

Campanha Nacional – EVANGELISMO –
Clarinatede Fé a proclamar
Os cristãos para o NEO-PIONEIRISMO
Que a PALAVRA DE DEUS há de pregar;
Glória aos céus pela luz de tua aurora
E por teu resplendor primaveril,
Que essa hora que passa é a NOSSA HORA,
Para o bem e a grandeza do BRASIL¹⁰⁶.

O movimento militar teria sido *um ataque à injustiça e à corrupção*. Os protestantes não poderiam agora ficar parados, pois o primeiro passo já se tinha dado ao afastar o *perigo vermelho* da sociedade. “Amparar os humildes”¹⁰⁷ seria o papel primordial nesse momento para que não fossem influenciados pelas promessas de mudanças sociais das esquerdas. Isso seria o papel dos cristãos, como nos mostra a poesia. Caso os comunistas conseguissem adesão dos setores expressivos da sociedade para resolução dos problemas sociais, o cristianismo perderia espaço no cenário pernambucano.

As reformas de base, discutidas durante o Governo João Goulart, eram agora vistas como próximas da realidade. Os protestantes esperavam que com o novo regime, para não ceder espaços às idéias socialistas sobre reformas, os militares iriam fazê-las com o intuito de justificar a intervenção na política nacional:

Agora, o Ato Institucional promulgado pelos Ministros Militares estabelece novo regime para o país. Estamos iniciando uma nova era na história do Brasil. Uma era de Ordem de Paz e de Progresso. Agora todos os brasileiros (evangélicos, inclusive; batistas aos milhares) poderão confiar na realização das reformas. Elas são necessárias. Virão com toda certeza. Dentro da ordem. Dentro da democracia. Sem demagogia. Sem anarquia. Sem comunismo¹⁰⁸.

¹⁰⁶ Essa é a nossa hora. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 26 abr. 1964. p. 8.

¹⁰⁷ Ibidem.

¹⁰⁸ O dia da verdade. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 19 abr. 1964. p. 3. Grifo do autor.

Com a política tranqüila, dentro da ordem e da paz, sem anarquia nem comunismo, aquele seria o momento de realização das reformas e de expansão do protestantismo “para o bem e a grandeza do Brasil”¹⁰⁹.

A então sonhada expansão dos evangélicos no país levou os coordenadores da Campanha Nacional de Evangelismo¹¹⁰ a visitar os Três Poderes da República e justificar o alinhamento da denominação com o novo sistema político implantado. A visita ao presidente Castelo Branco foi tida como gloriosa para ambos os lados, uma vez que o presidente reconheceu nos evangélicos importantes aliados para o seu governo que se iniciara a partir do mês de abril de 1964. A autoridade também elogiou o comportamento dos mesmos quanto às suas posições em relação ao sistema político implantado:

“Essa Revolução”, disse êle, “vai ultrapassar, em processos e efeitos, aquelas que são feitas com a fôrça das armas e num ambiente político e material”... “Recebo a exortação dos pastôres batistas para andar nos caminhos de Deus com tôda a humildade”... “mesmo os homens mais simples da roça fazem questão de dar testemunho de sua fé e são homens de vida limpa e correta”. Daqui, dizemos nós: sejamos sempre tais homens, de vida limpa e correta, que mereceram essa referência dêsse ilustre soldado que é o Presidente da República¹¹¹.

A seguir podemos observar na imagem o momento de encontro dos líderes batistas com o Presidente Marechal Castelo Branco:

¹⁰⁹ **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 26 abr. 1964. p. 8.

¹¹⁰ Campanha de evangelismo organizada pela Convenção Batista Brasileira, que tinha o objetivo de “ganhar o Brasil para Cristo”, ou seja, espalhar o cristianismo evangélico, principalmente batista pelo país. A grande campanha visita os Três Poderes da República. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 23 ago. 1964. p. 1.

¹¹¹ Ibidem.

Encontro dos líderes da Campanha Nacional de Evangelismo com o Presidente Castelo Branco em agosto de 1964.



Acervo do STBNB¹¹².

Na *Semana da Pátria* de 1964, os batistas pernambucanos deixaram claro não apenas para os féis, mas para a sociedade em geral, o alinhamento ao governo militar. Participando do primeiro desfile da Independência após a implantação do regime, sendo “a marcha do dia 7... um movimento até então inédito para o povo evangélico de Pernambuco e sua realização decorreu de orientação da comissão nacional coordenadora da Grande Campanha Nacional de Evangelização”¹¹³, destacaram a participação, como forma de reconhecimento pelos *guardiões da nação* manterem a pátria a salvo.

Durante toda a semana que antecedeu o desfile, a população era informada sobre os preparativos do grupo para a “grande marcha a ser realizada no dia 7 de setembro”¹¹⁴, bem como os ensaios para o momento de entrarem na avenida. O evento, segundo a organização, fazia parte da Campanha Nacional de Evangelização, na qual os batistas “irão às ruas ‘dizer a todo povo de sua disposição

¹¹² Ibidem.

¹¹³ Batistas desfilarão amanhã no Recife. **Diário de Pernambuco**. Recife. 06 set. 1964. p. 12. (Primeiro Caderno)

¹¹⁴ Batistas iniciam concentrações noturnas hoje nos subúrbios. **Diário de Pernambuco**. Recife. 01 set. 1964. p. 6. (Segundo Caderno).

de ganhar o Brasil para Cristo”¹¹⁵, e deveriam seguir o roteiro daquilo que para o grupo se tratava de um evento de caráter cívico-religioso: “... partindo das zonas do Largo da Paz, Cordeiro, Casa Amarela, Encruzilhada e Olinda e findando na Avenida Guararapes, com ligeiro intervalo no parque Treze de Maio, onde haverá a junção de todos os participantes no aludido ato religioso”¹¹⁶.

De diversos cantos da cidade, bem como de áreas circunvizinhas, a participação dos batistas era certa. No dia 07 de setembro, tudo o que planejaram durante a semana teria sido realizado e assim como ocorreu com os militares, uma “multidão aplaudiu desfile do ‘dia da pátria’”¹¹⁷, tendo saudado o referido grupo evangélico pernambucano em sua participação no dia do evento.

A imagem abaixo nos mostra a concentração dos batistas no centro do Recife no momento do desfile:

Concentração da banda de música batista na Avenida Dantas Barreto



Acervo do APEJE¹¹⁸.

¹¹⁵ Batistas promoverão desfile cívico-religioso no dia 7. **Diário de Pernambuco**. Recife. 04 set. 1964. p. 2.

¹¹⁶ **Diário de Pernambuco**. Recife. 01 set. 1964. p. 6. (Segundo Caderno).

¹¹⁷ Multidão aplaudiu desfile do “Dia da Pátria”. **Diário de Pernambuco**. Recife. 09 set. 1964. p. 03. (Primeiro Caderno).

¹¹⁸ Ibidem.

O alinhamento dos protestantes aos militares era visto como estratégico. Esperava-se que o novo governo eliminasse o comunismo do país, deixando as portas abertas para a expansão do protestantismo. Não podemos esquecer da ideologia norte-americana, já que os Estados Unidos eram e são até hoje, os principais investidores externos no protestantismo histórico brasileiro. Porém nem todos os evangélicos aceitaram a posição de seus líderes em se alinhar ao Golpe de 31 de março de 1964. Nosso próximo passo será mostrar como aqueles que não concordaram com a opção de apoiar os militares, foram perseguidos dentro e fora das igrejas e até mesmo expulsos, sendo alguns, em certos casos, entregues às autoridades então constituídas.

3.3 – Controle, perseguição e repressão aos *crentes subversivos*

Os protestantes encararam o Golpe de 1964 como “um movimento ideológico combate ao comunismo (sic) e o fortalecimento da democracia liberal liderada pelos Estados Unidos” (ARAÚJO, 1982, p. 64). Deus teria usado os militares para salvar o país de uma revolução marxista e os *crentes* deveriam enxergar a ditadura como uma *vontade divina*. Porém nem todos partilhavam do mesmo discurso.

Alguns evangélicos não concordavam com as lideranças de suas respectivas igrejas em defender o novo sistema político implantado em 1964, e foram perseguidos por tal atitude. Isso não significa dizer que os que se negaram a coadunar com o sistema vigente fossem *crentes* comunistas. Contudo, na ditadura que se instalou, esse grupo foi visto como inimigo da nação e dos princípios cristãos, já que a atitude dos militares foi tida como resultado de orações daqueles que todas as coisas, inclusive as questões políticas do país, procuram resolver dentro dos planos espirituais e não materiais¹¹⁹.

Os protestantes a partir de 1964, não aceitaram que as autoridades fossem questionadas pela inteligibilidade ou por evidências que comprovassem o equívoco de certas posições das elites das instituições. Segundo Rúbem Azevedo Alves (1982), isto seria algo que contraria a base de fé propagada pelos protestantes. Os

¹¹⁹ O **Jornal Batista**. Rio de Janeiro, 12 abr. 1964. p. 3.

que antes eram tidos como defensores dos ideais democráticos, tornaram-se repressores quando procuraram atestar o discurso de verdade absoluta.

A prática religiosa das elites se afastou das categorias religiosas de alguns fiéis. A democracia se tornou algo estranho aos protestantes, pois abriria a possibilidade de questionamentos quanto às posições da cúpula das instituições evangélicas. As igrejas se definiram como detentoras do saber, e o que se ordenava os indivíduos deveriam obedecer. Os que não obedeciam passaram pela disciplina eclesiástica que punia e eliminava vários *faltosos* da comunhão das igrejas.

Para Kathlen Luana de Oliveira (2007, p. 60) “... o esforço teológico engaiolou os seres humanos, os pensamentos, a linguagem, a vivência da fé e o próprio Deus”. Isso levou ao surgimento de um *carcereiro de idéias*, nas igrejas protestantes brasileiras, que vigiava as atitudes e os pensamentos dos fiéis e se colocava no direito de julgar e punir aqueles que eram considerados culpados de subversão ou discordância da ordem vigente. Ainda segundo a autora:

A partir do calvinismo, é possível perceber que o protestantismo desconhece a democracia (aristocracia dos eleitos) e, a partir do luteranismo, é possível perceber que o protestantismo não tinha a pretensão de regulamentar a vida pública das pessoas, assumindo posturas apolíticas em relação às atitudes do Estado, como aconteceu na Alemanha nazista (Ibidem, p. 71).

Porém nem sempre o calvinismo ou o luteranismo é apresentado como na citação anterior. Não foram todos os calvinistas brasileiros, apesar de pregarem a *aristocracia dos eleitos*, que apoiaram o sistema antidemocrático instalado no Brasil na segunda metade do século XX. Nem na Alemanha Nazista, todos os luteranos resolveram apoiar ou calar frente às atrocidades cometidas no holocausto, por exemplo. Luteranos inclusive foram também perseguidos pelo regime alemão, pois não concordavam com o anti-semitismo pregado por Hitler no processo de ascensão nazista no país.

As divergências nas posições causaram uma série de atritos e perseguições dentro do protestantismo brasileiro em sua expansão no país. Alguns viram a autoridade dentro de uma instituição como necessária, mas sem o grau crescente ou decrescente de poder para que se evitasse a idolatria entre os fiéis e a arbitrariedade em alguns casos.

Enxergando todos como sacerdotes, independentemente do posto hierárquico que ocupe na instituição, os fiéis para alguns evangélicos, deveriam (ou devem) possuir a liberdade de pensar com audácia. Porém, "... a intolerância caminha com as religiões toda vez que existe uma relação de inferiorização, padronização, manutenção do poder, opressão e autoritarismo" (Ibidem, p. 79), não abrindo espaços para aqueles que discordam da visão oficial da instituição.

A vigilância e o controle contra aqueles que eram tidos como *subversivos* e *opositores* no meio protestante, foi uma constante no decorrer de toda a Ditadura Militar no Brasil. Os evangélicos possuíam o objetivo de expulsar supostos comunistas, principalmente pastores, do seio das congregações. Existia então uma "... proposta de perseguição dentro das igrejas que possivelmente também foram 'contaminadas pelo comunismo'" (WATANABE, 2006, p. 28).

Casos de vigilância e repressão eram freqüentes nas diversas instituições protestantes no Nordeste, dentro deste contexto que estudamos. Igor José Trabuco da Silva (2008), ao trabalhar a atuação política da Assembléia de Deus em Feira de Santana na Bahia, descreveu como incondicional o apoio da referida instituição, em 1964, aos militares, pois esses teriam livrado o país da *ameaça do comunismo ateu* que aterrorizava os *crentes* naquele momento.

Os militares, a partir de então, podiam contar com os evangélicos da referida instituição, pois qualquer eventualidade dentro da igreja seria relatada aos *guardiões da nação*. Todos estariam a postos e prontos para apoiar o país no processo de expurgo ao marxismo, pois Deus não estaria satisfeito com a expansão de uma ideologia atéia e materialista.

Na entrevista com o Diácono José Edson Silva Ferreira, percebemos que aqueles que tinham uma posição contrária ao sistema estabelecido com o Golpe Militar, dentro das Igrejas, eram vistos como comunistas ou simpatizantes e aos poucos foram perdendo espaço nas instituições não podendo ocupar cargos, pois eram tidos como *crentes* subversivos:

Na igreja... na igreja de Areias... Lincon era presidente da mocidade, quando eu, quando Lincon saiu, foi pra Concórdia eu fui candidato a presidente com outra pessoa, com o Antônio, e... Antônio ganhou, porque eu tinha minha posição que era contrária. Claro que os caras começaram a falar que não queria, comunista na igreja... eu não era comunista... tinha simpatizado. Eu nunca fui comunista, nunca fui

coisa nenhuma. Eu simpatizava... todo jovem, qualquer movimento contrário a gente, claro que ia ser a favor né?!¹²⁰

É interessante observarmos a ênfase dada pelo Diácono José Edson ao falar que nunca foi comunista, mas apenas simpatizava. Anteriormente, o mesmo falou que “...os caras começaram a falar que não queria, comunista na igreja...”. Talvez o fato do diácono, ter sido um *simpatizante* das propostas das esquerdas, fosse o principal motivo das perseguições eclesiais sofridas em sua juventude. Ser *simpatizante* da ideologia marxista era o mesmo que ser um *crente subversivo* nos discursos protestantes. O discurso de um *simpatizante* poderia gerar um sentido de alguém que quisesse implantar as ideologias comunistas no meio evangélico e, portanto, para as lideranças protestantes, deveria ser afastado do convívio da congregação.

Enquanto os militares se preocupavam em reprimir os comunistas laicos, os protestantes se preocuparam em vigiar e reprimir aqueles tidos como dissidentes, ou seja, os que possuíam um discurso diferente do oficial das instituições, daí taxados de *crentes subversivos*.

Os evangélicos classificam os discursos não-formais da religião como heréticos. Isso porque o herege não acompanha a consciência coletiva intelectual de uma comunidade de fé, dificilmente sendo aceito por ela. O discurso herético “... afirma que é a religião que deve se envergonhar e se arrepender, porque ela está no erro. A intenção da heresia é sempre de subverter uma visão de mundo e, portanto, de construir o mundo de uma nova forma” (ALVES, 1982, p. 272, 273), o que não é bem visto pelas denominações protestantes levando à repressão daqueles que de alguma forma se afastam do discurso oficial. O marxismo seria inaceitável para o cristianismo, pois sua base seria o ateísmo e o materialismo. A luta do *crente* contra o comunismo deveria, dessa forma, ser encarada como uma batalha entre Deus e o Diabo (PAIXÃO JÚNIOR, 2008).

Esse embate levou os protestantes a ajudarem os militares na

“... manutenção da ordem política... mediante o ‘combate’ aos considerados subversivos, portanto ‘hereges’ e ao inculcar esquemas

¹²⁰ A Igreja a que o Diácono se refere é a Igreja Batista em Areias, da qual ele fazia parte na sua juventude. Atualmente o mesmo é membro e Diácono da Igreja Batista em Campo Grande. José Edson Silva Ferreira. Entrevista concedida ao autor na Igreja Batista em Campo Grande. Recife, 03 de junho de 2009.

de percepção, pensamento e ação que lograram a naturalização do arbitrário, o consenso em torno da ordem” (Cf. *Ibidem*, p. 114).

Em entrevista com Ademar Paegle, pastor da Igreja Batista de Casa Amarela, o mesmo relatou que o respeito às autoridades pregado por São Paulo na Bíblia, teria sido um dos motivos dos batistas terem apoiado os militares no Golpe e na manutenção do Regime:

... ao longo da história batista brasileira, eu acho que nós temos observado essas duas palavras de Paulo: “orar pelas autoridades, estarmos sujeitos a elas, às autoridades”, e pensarmos também que “toda autoridade é constituída por Deus”. Isso aí é que tem influenciado o povo, o povo batista¹²¹.

Segundo o pastor, “... quando houve a Revolução, a Igreja, então a Igreja Batista se colocou em sua defesa não é?! Foi quase como que um movimento inspirado por Deus, inspirado pelo Senhor”¹²². Procurando exorcizar o fantasma da *desordem e do caos*, o que foi trágico para muitos, para outros foi “a revelação dos desígnios misteriosos e amorosos de Deus” (ALVES, 1982, p. 148). O discurso da providência divina, acompanhado por uma teoria totalitária de poder, teria explicado a necessidade da intervenção e da repressão em defesa dos *ideais sadios da sociedade*. Os novos dirigentes da nação teriam sido constituídos por Deus para combater o comunismo, portanto, não se deveria questionar a autoridade dos mesmos.

Ao longo dos anos em que se desenrolou o regime:

... nós ficamos sempre, eu acho que na maioria absoluta né, os batistas ficaram sempre ao lado da... da... da Revolução. E, até porque nós sempre tivemos uma percepção errada sobre o comunismo não é?! Nós, muitas vezes consideramos o comunismo o anticristo, e eu acho que também por esse motivo não é?! Nós achamos que o comunismo tiraria a liberdade religiosa, fecharia as igrejas, então nós, tivemos, a denominação batista teve algum medo não é?! De o comunismo entrar no Brasil, cercear a liberdade religiosa e... isso aí também é um outro fator que a gente tem que levar em consideração¹²³.

¹²¹ Ademar Paegle. Entrevista concedida ao autor na Igreja Batista em Casa Amarela. Recife, 03 de junho de 2009.

¹²² *Ibidem*.

¹²³ *Ibidem*.

Quando observamos a citação anterior, não é de se estranhar que boa parte dos fiéis concordasse com a perseguição aos que não apoiaram o Golpe dentro das igrejas. A percepção que se tinha sobre o comunismo, ou o que era divulgado nas instituições era de um sistema que “...fecharia as igrejas...”. Esse tipo de discurso teria levado a adesão de muitos *crentes* ao novo sistema político e suas práticas, desde que a justificativa fosse afastar a *ameaça* que as ideologias marxistas representavam para a manutenção e expansão das igrejas protestantes no país.

Porém,

... houve algumas exceções não é?! De pessoas que, que realmente até foram mal entendidas, perseguidas, é... eu não diria pela denominação, eu sei que nós tivemos no meio batista muitas pessoas que foram contrárias ao Golpe Militar. Porque todo e qualquer golpe, é um movimento de força não é?! Vamos dizer tira a liberdade ampla, não é?!¹²⁴

E aí discurso dos evangélicos,

... via essas pessoas na contramão da história, não aprovavam essa atitude, achavam que era uma atitude que não, não cristã, não bíblica. Porque se opor a... ao novo regime, não é?! Mas, muitas dessas pessoas foram esquecidas, foram colocadas de lado... muitas pessoas foram discriminadas por esse fato, que nós tivemos realmente muitas pessoas que se colocaram contrárias ao cerceamento não é?! Da liberdade, se colocaram contrária aos Atos Institucionais não é?! Que vieram assim, mexer com a liberdade de consciência do ser humano¹²⁵.

As duas últimas citações da entrevista com o Pastor Ademar Paegle nos mostram que nem todos, realmente, concordaram que os militares seriam a melhor opção política para o país naquele momento. Alguns, segundo o Pastor, foram mal entendidos, esquecidos, discriminados e taxados de *subversivos*, por andarem “...na contramão da história...”, por aqueles que resolveram apoiar o regime.

Esse apoio que os protestantes deram aos militares e a perseguição aos *subversivos* nas igrejas “... permitiu um ganho de visibilidade e prestígio para evangélicos, em troca de um importante sustentáculo civil” (WATANABE, 2006 op. cit. p. 29). A força do autoritarismo protestante, por parte de setores considerados conservadores e fundamentalistas, que não permitiram que seus pressupostos

¹²⁴ Ibidem.

¹²⁵ Ibidem.

doutrinários fossem questionados por ideologias, doutrinas ou eventos históricos, foi aos poucos ganhando destaque (OLIVEIRA, K., op. cit). “Tal autoritarismo colocar-se-ia à caça de seus principais inimigos...” (PAIXÃO JÚNIOR, 2008, op. cit. p.167), ou seja, pregadores do que se convencionou chamar de liberalismo teológico (evangelho que se preocupasse com o social e não apenas com o espiritual), supostos *crentes* comunistas (já que o comunismo era tido como o símbolo do anti-cristo) e aqueles que não aderiram ao Movimento Militar.

Líderes evangélicos “... foram excluídos, cassados e perseguidos...” por não concordarem “... com o cerceamento das liberdades nem com a violência seja ela física ou simbólica...” (Ibidem, p. 122) praticados por protestantes ou militares. O protestantismo, considerado democrático e defensor do livre pensamento, colocou-se como uma instituição que não possuía elasticidade nem permitiu diálogo com outras doutrinas ou ideologias, mesmo que fossem também cristãs, pois o outro foi sempre visto como divergente da fé, adotando desta forma uma postura absolutista (OLIVEIRA, K. op. cit).

No dia 1º de abril de 1964, presbiterianos fundamentalistas espalharam panfletos pelas ruas do Recife, divulgando que o Seminário Presbiteriano do Norte funcionava como um foco de alunos e professores esquerdistas, sendo um dos professores, João Dias de Araújo, acusado de ensinar *teologia marxista*, e por isso preso pelas autoridades militares.

Como justificativa desta atitude, os fundamentalistas declaravam que os evangélicos deveriam se livrar das “ervas daninhas” expurgando possíveis subversivos do meio protestante. O seminário teria se tornado uma escola vigiada pelos fundamentalistas, e pelos militares. A partir de então, todo cristão deveria ter a satisfação de denunciar pastores ou membros de igrejas que se opunham ao regime *estabelecido por Deus*. Os verdadeiros *crentes* não deveriam participar de nenhuma teologia que lhes tirassem do foco espiritual, e de forma alguma tolerar aqueles que coadunassem com ideologias que pudessem levar ao *desvirtuamento* cristão, ou seja, ao comunismo (ARAÚJO, op. cit.).

Essas práticas na Igreja Presbiteriana deram início a “... um período conhecido como ‘inquisição sem fogueiras’” (WATANABE, 2006, op. cit. p. 29), onde ocorreram “... expurgos arbitrários contra pastores, seminaristas, membros que fossem ‘modernistas’” (Ibidem).

Em novo trecho da entrevista com o Diácono José Edson Silva Ferreira, ele nos descreve um fato que teria ocorrido numa Igreja Presbiteriana no Recife:

E daí foi essas as conseqüências, que viu pessoas ser presas, ser arrastadas... aconteceu com pessoas da Presbiteriana de Areias... a família Piragibe fazia parte do Movimento... de Cultura... Popular. Rapaz eles tinha uma cartilha, que ensinava, mais fácil de ler e aí eles diziam: Movimento Contra os alunos... Contra o País. E não era... Piragibe era um dos diretores, sumiu, não vi mais saber. Era da Presbiteriana de Areias... O dia a dia era esse: você não podia falar, não podia dizer nada¹²⁶.

O *Jornal Brasil Presbiteriano*, principal veículo de comunicação da instituição em todo o país naquele contexto, procurou adotar uma linha conservadora e de apoio eclesiástico à Ditadura Militar. Dos evangélicos foi exigido pela direção do periódico dar apoio ao novo governo, já que esse tinha sido providenciado por Deus.

Na Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil, em 29 de abril de 1964, a Comissão Executiva, como aconselhava a direção do periódico, a partir de então “aceitou a denúncia de heterodoxia feita por membros de igrejas locais contra Joscélino Ramos, Nilo Rédua, Cyro Cormarck, João Dias de Araújo, Lemuel Nascimento e Rubem Azevedo Alves. Uma comissão foi nomeada para investigar a vida desses pastores” (Cf. SILVA, H., p. 61). Líderes presbiterianos que não atendessem às resoluções da cúpula da instituição eram listados pela própria igreja e entregues às autoridades militares constituídas “... como subversivo, comunista, e que representava um perigo para a fé e para os princípios cristãos” (Cf. NUNES, 2008, p. 33). Este fato levou muitos pastores ao exílio temendo as perseguições e torturas que se iniciaram com o regime implantado.

Segundo Jovelino Ramos (1968, *apud* ARAÚJO, p. 67, 68) com a implantação da Ditadura Militar em 1964, a Igreja Presbiteriana:

... identificou-se com o conservantismo político; condenou os renovadores como modernistas, mundanos e comunistas, postulou que a Igreja nada tem a ver com a situação social; acabou com a organização dos jovens, participou da marcha da família, fechou o Setor de Responsabilidade Social da Igreja; denunciou ao DOPS e ao SNI muitos pastores e leigos com subversivos e corruptos (sic); expulsou dos seminários professores considerados “avançados” e baixou o nível da educação teológica; e, através de uma astuta

¹²⁶ Ibidem.

manobra política, tirou os elementos “suspeitos” dos postos importantes da hierarquia eclesiástica.

O Golpe Militar teria tornado o presbiterianismo intransigente, pois o alinhamento ao regime estabelecido fez com que o grupo perdesse o cultivo dos valores democráticos (Cf. SILVA, H., op. cit.).

Todos os discursos *revolucionários protestantes*, anticomunistas, a favor da intervenção militar, foram tidos por cada grupo evangélico que os propagava como de inspiração divina. O país *não poderia mais viver* sob a ameaça da tomada do poder por um sistema *ateu, totalitário, materialista* e que não respeitava os princípios cristãos *arraigados* na sociedade brasileira, desde a sua *formação*, com a chegada dos europeus.

Seria *necessária*, para os *crentes*, a intervenção daqueles que eram responsáveis por proteger a nação, mesmo que ferissem os princípios democráticos que o protestantismo por tantos anos defendeu. Jesus Cristo, segundo os evangélicos, teria seu modo de trabalhar em cada evento histórico, e mesmo que fosse preciso um método repressivo para que a fé se mantivesse viva, os *crentes* deveriam adotá-lo, haja vista “... que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (Romanos Cap. 8 Ver. 28).

Considerações Finais

Quando comecei a pensar sobre a minha monografia do curso de *Especialização no Ensino de História das Artes e das Religiões* na UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco) intitulada *Os Batistas na Transição Política da Democracia Para o Período Militar em Pernambuco* (SILVA, P., op. cit), pensei como poderia desenvolver a temática do protestantismo com a política, não me atendo a partidos ou governos, mas percebendo nos bastidores, nas entrelinhas, como o discurso religioso se tornava tão forte dentro de uma sociedade. Convivendo dentro dos ciclos protestantes, percebi que eram comuns discursos como: *Deus nada tem a ver com política; um verdadeiro crente deve se manter focado nas coisas do Senhor; a política é algo profano e não cabe a um verdadeiro cristão se envolver nestas coisas*; percebi também que estes discursos não tinham muito a ver com a prática, principalmente dos líderes religiosos que eram os que mais instigavam os fiéis com *gritos inflamados*.

Em conversas informais com algumas pessoas *mais experientes* que participavam das igrejas desde a infância, ou com jovens que tinham aderido ao protestantismo há pouco tempo, vi que nem todos achavam que *Deus* estava alheio aos acontecimentos do *mundo*. Percebi que, de alguma forma as religiões, mesmo num mundo cada vez mais secularizado, influenciavam as concepções políticas dos indivíduos dentro da sociedade.

Fazendo a pesquisa do curso de especialização, a documentação foi me instigando a buscar cada vez mais informações sobre de que forma as igrejas protestantes em Pernambuco abordavam os fatos políticos de meados do século passado, e a repercussão que isso causava entre os fiéis e a sociedade pernambucana em geral. Interessei-me pelo período, pois era de grande efervescência política, e com o crescimento das esquerdas principalmente em eleições no Recife, as disputas políticas ficavam mais acirradas.

Os fiéis, num período que foi de efervescência política no Estado, muitas vezes eram obrigados a *calar-se*, pois uma palavra mal interpretada poderia lhes custar à excomunhão, a tortura, o sumiço e até a morte.

Processei a análise desta dissertação na tentativa de entender os motivos que levaram, nos anos de 1945 a 1964, os protestantes a discursarem contra a ideologia marxista nas igrejas e principalmente nos periódicos que examinamos. Pernambuco era constantemente vigiado, inclusive pelos Estados Unidos. O comunismo era tido como *uma grande ameaça aos princípios democráticos* e principalmente *cristãos*.

Nesse contexto de turbulência política no âmbito mundial, no qual cada passo dos indivíduos *suspeitos* era vigiado, os evangélicos brasileiros e principalmente de Pernambuco, foram de suma importância para a *escalada* anticomunista que se deu no país em diversos patamares da sociedade. Investir no discurso anticomunista foi tido como uma contribuição para a salvação da religião e por conseqüência da sociedade.

Intervir nas concepções políticas dos fiéis era uma forma de garantir a *segurança* e manter a *ordem* e, possivelmente, conter a *desordem* comunista para que essa não imperasse na sociedade.

Protestantes no embate anticomunista em Pernambuco (1945-1964), estruturou-se na tentativa de mostrar como os evangélicos do país participaram ativamente da política brasileira em meados do século XX. Uma participação como dissemos, não partidária, nem em cargos governamentais, mas nem por isso menos ativa, influente e incisiva. Com um *desejo ardente* de combater as *hostes de satanás* vindas de Moscou, que poderiam abalar as estruturas de plausibilidades religiosas dos *crentes* em Pernambuco, o anticomunismo, bem como a perseguição aos que discordavam das concepções das lideranças a esse respeito, foi uma constante e esteve na pauta dos sermões, dos programas de rádios e das notas dos jornais evangélicos, que tinham o marxismo como o inimigo a ser vencido.

A escolha dos anos que nos propomos a pesquisar foi também no objetivo de entender, como num período tido como *democrático*, nem todos podiam declarar livremente suas ideologias políticas. Pensamos em ir adiante do ano de 1964, mas ao pesquisarmos a documentação dos anos que se seguiram, vimos que se tratava de uma nova conjuntura política, e que poderia ficar para uma análise posterior.

Como toda pesquisa histórica, este trabalho não é algo *concluído e fechado*, como se não houvesse mais nada a discutir. Não foi esse nosso objetivo com a dissertação. Mas, contribuir com a historiografia social da cultura regional e instigar outros pesquisadores a se debruçarem sobre essa temática tão carente de

estudiosos da *Clio*, aumentando o interesse em *descobrir* e dar uma maior visibilidade histórica a esse *plural* grupo religioso, que é uma realidade crescente e influente na sociedade brasileira.

Fontes e Referências

Jornais, Ata, Documentário e Prontuários:

A China fechou as portas para a obra missionária. **O Norte Evangélico**. Recife. Nov. 1953. p. 2.

Agentes comunistas disfarçados de religiosos virão ao Brasil em 1960. **Brasil Presbiteriano**. Recife, out. 1959. p. 12.

A grande campanha visita os Três Poderes da República. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 23 ago. 1964. p. 1.

A situação evangélica no mundo de hoje. **A Voz Pentecostal**. Recife, out. 1952. p. 3.

Ata da 180ª reunião da Congregação dos Professores do Seminário Presbiteriano do Norte. **Livro de atas da Congregação dos Professores do SPN**. Recife, 20 e 27 mai. 1964. p. 165.

Batistas desfilarão amanhã no Recife. **Diario de Pernambuco**. Recife. 06 set. 1964. p. 12. (Primeiro Caderno)

Batistas iniciam concentrações noturnas hoje nos subúrbios. **Diario de Pernambuco**. Recife. 01 set. 1964. p. 6. (Segundo Caderno).

Batistas promoverão desfile cívico-religioso no dia 7. **Diario de Pernambuco**. Recife. 04 set. 1964. p. 2.

Buscai primeiramente. **O Arauto Pentecostal**. Recife, jun. 1952. p. 6.

CABRA marcado para morrer. **Direção: Eduardo Coutinho**. Rio de Janeiro: MAPA, 1983. 1 videocassete (116 min), VHS, son., color.

Comunismo e cristianismo. **Brasil Presbiteriano**. Recife, nov. 1961. p. 10.

Comunismo e cristianismo. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro, 31 jan. 1946. p 1,4.

Essa é a nossa hora. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 26 abr. 1964. p. 8.

Estamos preparados para a revolução? **Brasil Presbiteriano**. Recife, out. 1962. p. 5.

Evangelho vivo. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 03 fev. 1955. p. 12.

Igreja Fechada: govêrno soviético. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 04 jan. 1962. p. 3.

Infiltração comunista nas igrejas protestantes. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 04 fev. 1954. p. 8.

Informações de fontes cubanas: falam de fome e sofrimento. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 22 nov. 1962. p. 8.

Líderes batistas vitimados pelo regime comunista. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 17 fev. 1949. p. 2.

“Missionários Comunistas”. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro, 18 jan. 1964. p. 10.

Multidão aplaudiu desfile do “Dia da Pátria”. **Diário de Pernambuco**. Recife. 09 set. 1964. p. 03. (Primeiro Caderno).

O comunismo é Deus, diz o governo chinês. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 13 mar. 1952. p. 8.

O Comunismo não se coaduna com o ministério cristão. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro, 10 set. 1953. p. 8.

O Comunismo reafirma sua oposição a religião. **O Norte Evangélico**. Recife, out. 1953. p. 2.

O dia da verdade. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 19 abr. 1964. p. 3.

O Marechal Tito ataca a religião. **O Norte Evangélico**. Recife, 30 nov. 1952. p. 2.

Perguntas e respostas. **O Arauto Pentecostal**. Recife, jun. 1954. p.8

Porque os batistas combatem o comunismo. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro 27 jan. 1948. p. 4.

Princípios e adjetivos que se baseiam o comunismo. **O Jornal Batista**. Rio de

Prontuário nº 0476 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº639. (APEJE)

Prontuário nº 0468 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº640. (APEJE)

Prontuário nº 0469 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº641. (APEJE)

Prontuário nº 0470 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº642. (APEJE)

Prontuário nº 0471 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº643. (APEJE)

Prontuário nº 0472 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº644. (APEJE)

Prontuário nº 0473 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº645. (APEJE)

Prontuário nº 0478 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº650. (APEJE)

Prontuário nº 0485 – Arquivo nº ?. Fundo SSP nº657. (APEJE)

Prontuário nº 0480 – Arquivo nº ?. Fundo SSP nº652. (APEJE)

Prontuário nº 0459 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº631. (APEJE)

Prontuário nº 640 – Arquivo nº 01. Fundo SSP nº632. (APEJE)

Responsabilidade dos crentes nesta hora. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro, 12 abr. 1964. p. 3.

Revolução. **O Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 20 abr. 1963. p. 1.

Rússia: meio milhão de propagandistas contra Deus. **A Voz Pentecostal**. Recife, out. 1952. p. 4.

Suportando a cruz. **O Arauto Pentecostal**. Recife, jul. 1952. p.8

Entrevistas:

Ademar Paegle. Entrevista concedida ao autor na Igreja Batista em Casa Amarela. Recife, 03 de junho de 2009.

Cássia Rosa. Entrevista concedida ao autor na residência da entrevistada. Olinda, 24 de maio de 2008.

José Edson Silva Ferreira. Entrevista concedida ao autor na Igreja Batista em Campo Grande. Recife, 03 de junho de 2009.

Milsede Moura Barros de Albuquerque. Entrevista concedida ao autor em seu local de trabalho: Seminário de Educadoras Cristãs (SEC). Recife, 09 de junho de 2008.

Site Consultado:

<<http://www.noticiasagricolas.com.br/noticias.php?id=51442>>. Acesso em: 13 jan. 2010.

Referências:

AGUIAR, Roberto Oliveira de. **Recife: da Frente ao Golpe** – ideologias políticas em Pernambuco. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1993.

ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde de. **A Construção da verdade autoritária**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

ALVES, Rubem Azevedo. **O que é religião?** – 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **Protestantismo e repressão.** São Paulo: Ática, 1982.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o homem no Nordeste:** contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste - 7ª ed. revista e aumentada. São Paulo: Cortez, 2005.

ARAÚJO, João Dias de. **Inquisição sem fogueiras:** vinte anos de história da Igreja Presbiteriana do Brasil (1954-1974) – 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1982.

BARRETO, Túlio Velho; FERREIRA, Laurindo (Org). **Na trilha do golpe: 1964 revisitado.** Recife: Massangana, 2004.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da religião – 5ª edição. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Um rumor de anjos:** a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópoles: Vozes, 1973.

BESSE, Guy. O ateísmo nos nossos dias. In: ARNAULT, J *et al.* **Cristãos e comunistas.** Paris: Publicações Europa – América, 1976.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada:** Nova Versão Internacional. Traduzido pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

BOCKMUEHL, Klaus. A crítica marxista à religião e a historicidade da fé cristã. In: FRESTON, Paul (Org). **Marxismo e fé cristã:** o desafio mútuo. São Paulo: ABU Editora, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas** – 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BURITY, Joanildo Albuquerque. **Os protestantes e a revolução brasileira:** a Conferência do Nordeste (1961-1964). 1989. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) UFPE/CFCH, Recife, 1989.

CAVALCANTI, Paulo. **O Caso eu conto como o caso foi:** a luta clandestina. Recife: Guararapes, 1985.

CÉSAR, Waldo A. **Cristo e o processo revolucionário brasileiro:** A Conferência do Nordeste (anais). Rio de Janeiro: Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, 1962.

_____ *et al.* **Cristo e o processo revolucionário brasileiro**: A Conferência do Nordeste (diário). Rio de Janeiro: Departamento de Estudos da Confederação Evangélica do Brasil, 1962.

COTTIER, G. **Cristãos e marxistas**: diálogo com Roger Garaudy. Brasília: Paz e Terra, 1968.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália – 3ª edição. São Paulo: Paulus, 2008a.

_____. **O suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2008b.

ELDER, John. **O caminho da reforma social**. Caiuá: Missão Presbiteriana do Brasil Central, 1953.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Billy Graham**: um vaso escolhido. Campos: Casa Publicadora Batista, 1962.

FONSECA, Silvandro Cordeiro. **SPN cem anos**: você faz parte dessa história. Recife: SPN, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. – 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão – 35ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRESTON, Paul (Org). **Marxismo e fé cristã**: o desafio mútuo. São Paulo: ABU Editora, 1988.

GONÇALVES, Angelo Barreiro. A Igreja Católica e o Golpe de 1964. **Akrópolis** (Umuarama), Umuarama, v. 13, n. 1, p. 51-53, 2005.

GONÇALVES, Marcos. Para nunca mais esquecer: elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista brasileiro. **Revista História Hoje** (São Paulo), São Paulo, n. 4, p. 1-20, 2004.

GUILHERME, George. O Intelectual e a cruz. **Eclésia** (São Paulo) São Paulo, n. 56, p. 36–39, 2000.

JONES, E. Stanley. **Cristo y el comunismo**. El Paso (Texas): Editorial Mundo Hispano, 1974.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

KIRK, J. Andrés. A visão do homem no debate entre o cristianismo e o marxismo. In: FRESTON, Paul (Org). **Marxismo e fé cristã: o desafio mútuo**. São Paulo: ABU Editora, 1988.

LESBAUPIN, Ivo. Marxismo e religião. In: TEIXEIRA, Faustino (Org). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIMA, Rodrigo Carrapatoso de. “Nas vésperas da Revolução de 64, a questão de consciência”: as campanhas de opinião pública da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (1960-1964). In: Seminário Nacional Poderes e Sociabilidades na História, 1, 2008, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2008. 1- 7.

LIMA JÚNIOR, José Ferreira de. **Protestantismo e Golpe Militar em Pernambuco: uma análise da Cruzada de Ação Básica Cristã**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) UNICAP, Recife, 2008.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de; SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski de. Os Pentecostais: entre a fé e a política. **Revista Brasileira de História** (São Paulo) São Paulo, v. 22, n 43, p. 85-105, 2002.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro; (Org). **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MONTENEGRO, Antônio Torres. Labirintos do medo: o comunismo. In: ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de; SILVA, Giselda Brito (Org). **Ordem e polícia: controle político-social e as formas de resistência em Pernambuco nos séculos XVIII ao XX**. Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2007.

MORAES, Maria Blassioli. Leigos e sacerdotes católicos no ABC diante do Golpe de Estado de 1964. **Raízes** (S/P) S/P, p. 56-61, 2004.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: o anticomunismo no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

NUNES, Antônio Vidal. **Corpo, linguagem e educação dos sentidos no pensamento de Rubem Alves**. São Paulo: Paulus, 2008.

OLIVEIRA, Kathlen Luana de. A tolerância e a ironia da trajetória protestante: refletindo sobre as intolerâncias na história do protestantismo, a partir de uma leitura da obra *Dogmatismo & Tolerância* de Rubem Alves. **Protestantismo em Revista** (São Leopoldo) São Leopoldo, v. 12, p. 59-79, 2007.

OLIVEIRA, Marylu Alves de. Homens, uni-vos contra o comunismo! representações anticomunistas piauienses na década de 1960. In: Seminário Nacional Poderes e Sociabilidades na História, 1, 2008, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2008. 1-10.

OLIVEIRA, Zaqueu M; ANDRÉ, J.V. Ramos (Org). **Panorama batista em Pernambuco.** Recife: Departamento de Educação Religiosa da Junta Evangelizadora de Pernambuco, 1964.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. – 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ORTIZ, Renato. In: Apresentação de DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália – 3ª edição. São Paulo: Paulus, 2008.

PAIXÃO JUNIOR, Valdir Gonzales. **A era do trovão:** poder e repressão na Igreja Presbiteriana do Brasil no período da Ditadura Militar (1966-1978). 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) UMESP / Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2000.

_____. **Poder e memória:** o autoritarismo na Igreja Presbiteriana do Brasil no período da Ditadura Militar. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Estadual Paulista / Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2008.

RAMOS, Jovelino, 1968 *apud* ARAÚJO, João Dias de. **Inquisição sem fogueiras:** vinte anos de história da Igreja Presbiteriana do Brasil (1954-1974) – 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1982.

READ, W. R. **Fermento religioso nas massas do Brasil.** Campinas: Livraria Cristã Unida, 1969.

REILLY, Alexander Durkan. **História documental do protestantismo no Brasil** – 3ª ed. São Paulo: ASTE, 2003.

SANCHIS, Pierre. A contribuição de Émile Durkheim. In: TEIXEIRA, Faustino (Org). **Sociologia da religião:** enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2007.

SANTIAGO, Vandek. **Francisco Julião, as Ligas Camponesas e o Golpe Militar de 64.** Recife: COMUNIGRAF, 2004.

SIEPIERSKI, Paulo D. **Evangelização no Brasil – um perfil do protestantismo brasileiro:** o caso Pernambuco. São Paulo: SEPAL, 1987.

SILVA, Hélerson. O Movimento de Juventude Protestante Brasileiro. In: MORAES, Mônica; MOURA, Enos; SILVA, Hélerson (Org). **Eu faço parte desta história.** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2002.

SILVA, Igor José Trabuco da. Religião e política combinam? A Assembléia de Deus e a atuação política em Feira de Santana (1972-1990). In: X Simpósio ABHR, 10, 2008, Assis, **Anais...** Assis: UNESP, 2008. 1- 10.

SILVA, Marcília Gama da. DOPS: a estrutura do serviço de informação em Pernambuco (1930-1990). In: ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de; SILVA, Giselda Brito (Org). **Ordem e polícia: controle político-social e as formas de resistência em Pernambuco nos séculos XVIII ao XX**. Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2007. _____ . **O DOPS e o Estado Novo: os bastidores da repressão em Pernambuco (1935 – 1945)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) UFPE/CFCH, Recife, 1996.

SILVA, Paulo Julião da. **Os batistas na transição política da democracia para o Período Militar em Pernambuco**. 2006. Monografia (Especialização no Ensino de História das Artes e das Religiões) UFRPE/DLCH, Recife, 2006.

SILVA, Severino Vicente da. **Entre o Tibre e o Capibaribe: os limites da Igreja progressista na arquidiocese de Olinda e Recife**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

SOUZA, Silas Luiz. A IPB e o Governo Militar de 1964. **Revista Teológica** (Campinas) Campinas, v. 64, n. 57, p. 107-123, 2004.

TAVARES, Olga. **Fernando Collor - o discurso messiânico: o clamor ao sagrado**. São Paulo: Annablume, 1998.

TOGNINI, Enéas. **Enéas Tognini: a autobiografia**. São Paulo: Hagnos, 2006.

UBALDI, Pietro. **Um destino segundo Cristo**. Campos: Fundação Pietro Ubaldi, 1984.

VILELA, Márcio Ananias Ferreira. As relações de comprometimento entre a Igreja Presbiteriana e os Governos Militares (1964-1985). In: Seminário Nacional Poderes e Sociabilidades na História, 1, 2008, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2008. 1-10.

WATANABE, Thiago Hideo Barbosa. Caminhos e histórias: a historiografia do protestantismo na Igreja Presbiteriana do Brasil. **REVER** (São Paulo) São Paulo, n. 1, p. 15-30, 2005. _____ . **De pastores a feiticeiros: a historiografia do protestantismo brasileiro (1950-1990)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) UMESP / Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2006.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. In: GERTH, H.H; MILLS, Wright (Org). **Max Weber**: ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITÔRES, 1963.